Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Tiago Jorge Oliveira Rocha

(Re)Ativar a Permanência
O Asilo da Mendicidade enquanto catalisador social nas Fontaínhas

Volume I

junho de 2026

(Re)Ativar a Permanência
O Asilo da Mendicidade enquanto catalisador social nas Fontaínhas
Tiago Jorge Oliveira Rocha
Uminho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Tiago Jorge Oliveira Rocha

(Re)Ativar a Permanência

O Asilo da Mendicidade enquanto catalisador social nas Fontaínhas

Trabalho de projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel Couto Ramos Capela

junho de 2026

Direitos de Autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-SemDerivações
CC BY-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/

Agradecimentos

À minha mãe, Marisa, por nunca ter deixado de acreditar em mim, mesmo quando eu próprio já não conseguia fazê-lo. Pelo apoio silencioso nos dias mais difíceis, pela forma genuína e entusiasmada com que acompanhou cada avanço deste projeto e pela sensibilidade com que sempre compreendeu a importância humana e social da arquitetura. Sem ela, este percurso nunca teria tido o mesmo significado.

À minha avó, Fernanda, por ser abrigo, força e serenidade. Pelo carinho constante, pelas conversas que tantas vezes me devolveram clareza e pela capacidade rara de me fazer seguir em frente mesmo quando tudo parecia demasiado pesado.

Ao meu orientador, José Manuel Couto Ramos Capela, pela disponibilidade, confiança e dedicação ao longo de todo o processo. Pelo entusiasmo com que sempre acolheu o tema e pela forma como incentivou continuamente o aprofundamento crítico desta investigação, fazendo-me acreditar na relevância e no impacto do trabalho desenvolvido.

À Ruth, por me ajudar a reencontrar quem sou nos momentos em que mais me perdi dentro de mim próprio. Pela paciência, pela escuta e pela capacidade de me fazer olhar para os meus pensamentos com maior clareza. Ao longo deste percurso, ajudou-me a crescer não apenas enquanto estudante de arquitetura, mas sobretudo enquanto homem e pessoa.

Ao João, o parceiro que a arquitetura me deu ao longo deste percurso. Pelas ideias debatidas quando tudo parecia bloqueado, pela capacidade constante de me desafiar a sair da minha zona de conforto e por me fazer olhar para a disciplina com ainda mais paixão e sentido crítico. Apesar do pouco tempo, tornou-se alguém verdadeiramente importante neste percurso, não apenas pela arquitetura, mas também pela forma como reforçou a importância das pessoas, da partilha e da qualidade de vida de quem habita o espaço.

Resiliência

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, Maio 2026.

Tiago Jorge Oliveira Rocha

Declaração de uso de ferramentas de inteligência artificial (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Resumo

A presente investigação incide sobre a relação entre arquitetura, território e comunidade, explorando o papel da reabilitação na regeneração de contextos urbanos vulneráveis. Tendo como objeto de estudo o Asilo da Mendicidade, nas Fontaínhas, no Porto, o trabalho procura compreender de que forma uma estrutura marcada pelo abandono e pela introversão pode voltar a integrar a vida quotidiana do respetivo bairro, reativando relações sociais, espaciais e coletivas historicamente associadas ao lugar.

Partindo de uma leitura crítica das transformações recentes da cidade do Porto — marcadas pela pressão imobiliária, pela substituição da população residente e pela perda progressiva das relações de vizinhança — a investigação propõe um sistema de regeneração urbana e social baseado na reutilização do existente, na permanência das comunidades e na reconstrução da vida coletiva.

A metodologia de projeto articulou análise territorial, uma leitura evolutiva do edifício, levantamento do existente e aproximação à comunidade local. O Asilo da Mendicidade é entendido enquanto infraestrutura social capaz de articular habitação acessível, espaços coletivos e serviços de proximidade, respondendo às fragilidades identificadas ao longo da investigação e reforçando mecanismos de permanência no território.

Mais do que recuperar um edifício histórico, a proposta procura devolver ao Asilo um papel ativo na vivência quotidiana das Fontaínhas, promovendo a continuidade e a criação de relações comunitárias entre moradores, estudantes, crianças e população envelhecida.

Neste sentido, a arquitetura é entendida, não apenas como intervenção sobre a matéria construída, mas como instrumento ao serviço das relações humanas na cidade contemporânea.

Palavras-chave: Fontaínhas • Asilo da Mendicidade • Regeneração Urbana e Social • Infraestrutura Social

Abstract

The present research focuses on the relationship between architecture, territory, and community, exploring the role of rehabilitation in the regeneration of vulnerable urban contexts. Taking the Asilo da Mendicidade, located in Fontaínhas, Porto, as its case study, the work seeks to understand how a structure marked by abandonment and introversion can once again become integrated into the daily life of its surrounding neighborhood, reactivating the social, spatial, and collective relationships historically associated with the place.

Starting from a critical reading of the recent transformations within the city of Porto — characterized by real estate pressure, the replacement of resident populations, and the progressive loss of neighborhood relationships — the research proposes a system of urban and social regeneration based on the reuse of existing structures, the permanence of local communities, and the reconstruction of collective life.

The project methodology combined territorial analysis, an evolutionary reading of the building, documentation of the existing conditions, and engagement with the local community. The Asilo da Mendicidade is understood as a form of social infrastructure capable of integrating affordable housing, collective spaces, and local services, responding to the vulnerabilities identified throughout the research while reinforcing mechanisms of permanence within the territory.

More than simply restoring a historic building, the proposal seeks to return the Asilo to an active role within the everyday life of Fontaínhas, promoting continuity and the creation of community relationships between residents, students, children, and the elderly population.

In this sense, architecture is understood not merely as an intervention upon the built fabric, but as an instrument placed at the service of human relationships within the contemporary city.

Keywords: Fontaínhas • Asilo da Mendicidade • Urban and Social Regeneration • Social Infrastructure

Índice

01 Introdução

012 O decrescimento como posição crítica
013 Políticas urbanas da cidade do Porto
014 Motivações e objetivos da investigação
015 Recursos e referências históricas
020 Metodologia
021 Organização e desenvolvimento do projeto

02 As Fontaínhas e o Asilo da Mendicidade

024 As Fontaínhas como território de intervenção
032 Evolução do território das Fontaínhas
034 Análise urbana e fragilidades territoriais atuais
046 O Asilo da Mendicidade enquanto infraestrutura latente
047 Evolução histórica do Asilo da Mendicidade
048 Matadouro Público
050 Prisão e Calcetaria
052 Asilo da Mendicidade
054 Levantamento e leitura crítica do edifício
054 Transformações espaciais e construtivas mais recentes
058 Condição atual e potencial de transformação

03 Estratégia de intervenção

062 Conceção do sistema regenerativo
063 Princípios operativos do sistema

04 O Asilo enquanto projeto piloto

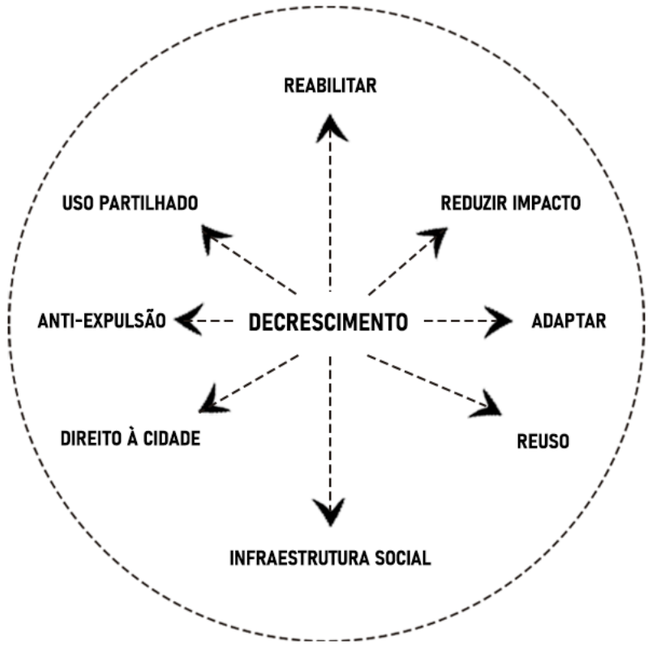
070 Conexão do edifício com o território
074 Programa
078 Reativação do pátio central

05 Organização da estrutura habitacional

102 Módulo habitacional fixo + temporário
106 Módulo habitacional famílias
108 Agregação e transformação tipológica
114 Sistema construtivo reversível

06 Fim do percurso

122 Reflexão final
126 Índice de imagens
128 Bibliografia / Webgrafia



O descrescimento como posição crítica

Num contexto marcado pela exaustão de recursos, pela intensificação das desigualdades e pela crescente financeirização do território, o paradigma de crescimento contínuo revela-se progressivamente insustentável. É neste enquadramento que emerge o conceito de decrescimento, entendido não como retração económica, mas como reformulação crítica das formas de produção, ocupação e transformação do espaço.

Aplicado à arquitetura, o decrescimento desloca o foco disciplinar da expansão para a reconfiguração do existente. O edifício deixa de ser entendido como objeto fechado e definitivo para passar a ser concebido como estrutura aberta à adaptação, transformação e permanência ao longo do tempo.

Esta perspetiva introduz uma crítica direta às dinâmicas urbanas contemporâneas associadas à substituição do edificado, à homogeneização do território e à expulsão das populações residentes.

Em oposição, o decrescimento entende o existente não como limitação, mas como condição de projeto, valorizando continuidade, reutilização e adaptabilidade.

Mais do que uma posição exclusivamente ambiental, o decrescimento afirma-se, assim, como posicionamento arquitetónico e territorial. Neste enquadramento, a arquitetura deixa de responder apenas a lógicas de crescimento e passa a operar como instrumento capaz de sustentar formas de habitar mais estáveis, inclusivas e duradouras.



1.00 | Esquemas decrescimento
Esquema política urbana da cidade do Porto

Políticas urbanas da cidade do Porto

No caso da cidade do Porto, estas dinâmicas tornam-se particularmente evidentes através da crescente valorização imobiliária das áreas centrais, da intensificação do turismo e da expansão do alojamento local. Neste contexto, a habitação tende progressivamente a dissociar-se da sua condição enquanto suporte de permanência e vida coletiva, passando a integrar lógicas de consumo, investimento e ocupação temporária.

A transformação recente da cidade evidencia uma pressão crescente sobre o tecido urbano existente, onde a reabilitação é frequentemente orientada por dinâmicas de valorização económica que privilegiam o retorno financeiro em detrimento da continuidade das comunidades residentes. Como consequência, determinadas áreas da cidade tornam-se particularmente vulneráveis a processos de substituição social, perda de identidade e fragilização das relações de proximidade associadas ao bairro.

Os testemunhos recolhidos junto de moradores e antigos habitantes das Fontaínhas revelam de forma clara o impacto destas transformações no quotidiano da população residente. Como refere **Elisabete**, “as pessoas saíram daqui com muita tristeza”, associando a saída de diversas famílias ao aumento das rendas e à crescente dificuldade de permanência no bairro.

No mesmo sentido, **Sandra** afirma que “agora quase não se vê ninguém na rua de pessoas que nasceram e cresceram nesta zona”, relacionando esta transformação com a proliferação do alojamento local e a substituição progressiva da comunidade residente.

Também **Maria Augusta**, moradora das Fontaínhas há cerca de quarenta anos, identifica o turismo como uma das principais transformações recentes do bairro, referindo que “antes não havia hosteis nenhuns e agora há muitos”. Paralelamente, destaca a crescente dificuldade de acesso à habitação, afirmando que “não há uma casa para alugar aqui”, evidenciando a pressão exercida sobre a população residente e, sobretudo, sobre as gerações mais jovens.

É neste contexto de tensão — entre abandono, pressão imobiliária e perda de permanência — que as Fontaínhas se afirmam como território crítico de intervenção.

O presente trabalho parte desta condição, entendendo a arquitetura como instrumento capaz de atuar sobre o existente não apenas através da sua reabilitação física, mas sobretudo pela criação de condições de permanência, continuidade e reforço da dimensão coletiva do território.

Motivações e objetivos da investigação

Partindo da condição atual do Asilo da Mendicidade — marcada pelo abandono, pela introversão e pela fragmentação da sua relação com o território — a presente investigação procura compreender de que forma a arquitetura pode reativar o edifício enquanto estrutura coletiva integrada na vida quotidiana das Fontaínhas.

Mais do que um objeto isolado, o Asilo é entendido como parte integrante de um território marcado por fragilidades urbanas, descontinuidades pedonais e crescentes pressões de transformação.

Neste contexto, a investigação parte da convicção de que a arquitetura pode atuar enquanto infraestrutura social, não apenas através da reabilitação física do existente, mas sobretudo pela capacidade de restabelecer relações coletivas, reativar continuidades urbanas e sustentar formas de habitar mais adaptáveis e duradouras.

Paralelamente, a investigação explora a capacidade de um sistema habitacional evolutivo responder às transformações do habitar ao longo do tempo, conciliando permanência, flexibilidade e apropriação progressiva do espaço. A proposta procura, assim, transformar uma estrutura atualmente encerrada sobre si própria num elemento integrado na vivência quotidiana das Fontaínhas, reinterpretando criticamente o papel do Asilo enquanto suporte ativo de regeneração urbana e social.

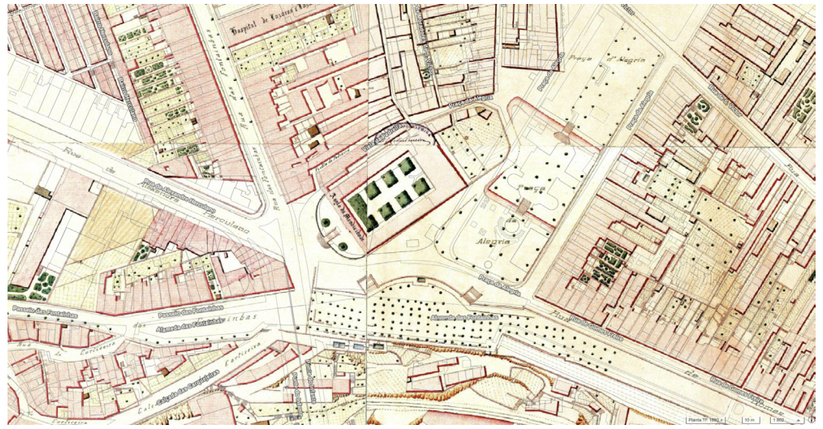
Recursos e referências históricas

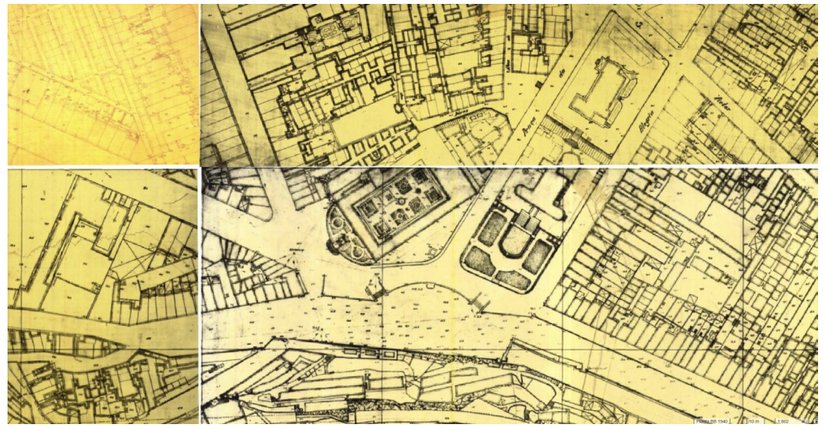
O desenvolvimento da presente investigação apoiou-se num conjunto de recursos fundamentais para a leitura do território das Fontaínhas e da evolução do Asilo da Mendicidade. Entre os principais elementos utilizados destacam-se as bases cartográficas da cidade do Porto, cartoimagens históricas e informação disponibilizada pelo sistema municipal GISA, cuja análise comparativa permitiu identificar sucessivas transformações urbanas da área das Fontaínhas e da relação do Asilo com o território ao longo do tempo.

Paralelamente, foi disponibilizado pela Casa do Infante um conjunto de plantas históricas do edifício sem indicação precisa das fases temporais a que correspondiam. A comparação entre desenhos, articulada com a observação direta do edifício e o cruzamento com fragmentos textuais, permitiu associar estes documentos a distintos períodos de ocupação e transformação do conjunto — matadouro, calcetaria e asilo.

O levantamento direto e a análise in situ permitiram, assim, complementar e consolidar a informação disponível, contribuindo para uma leitura evolutiva do edifício baseada na articulação entre arquivo, observação e desenho.

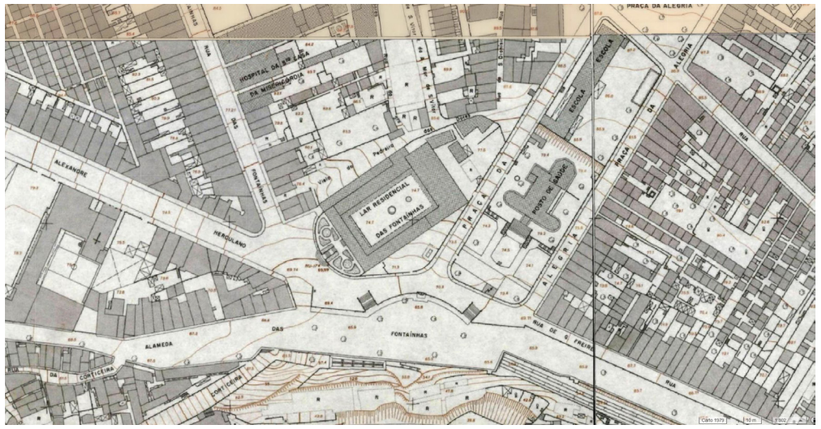
1.01 | Planta Telles Ferreira 1892
Planta Bonfim Barreiros 1940
Planta da Cidade 1960







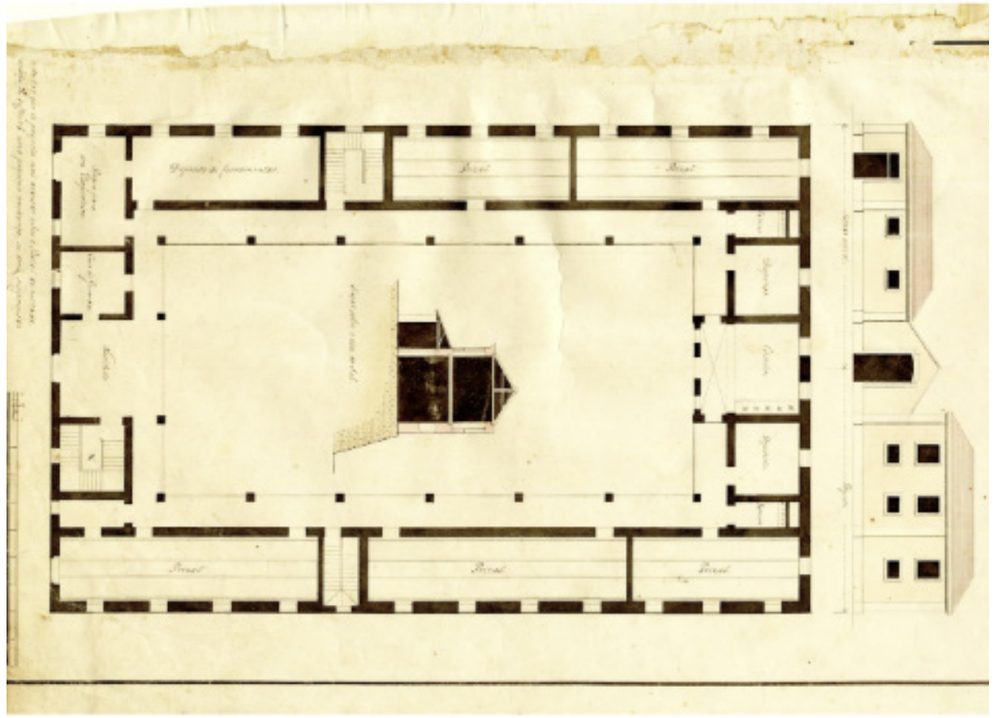
1.02 | Cartoimagem 1979
Cartoimagem déc.40 séc.XX até 2000
Carta base PDM 2014

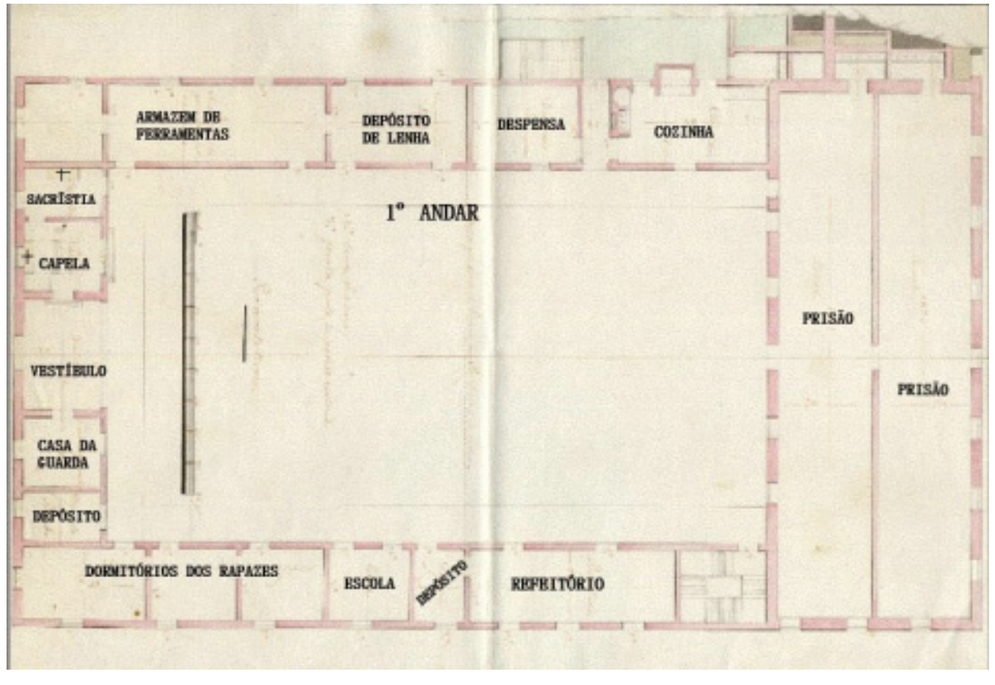


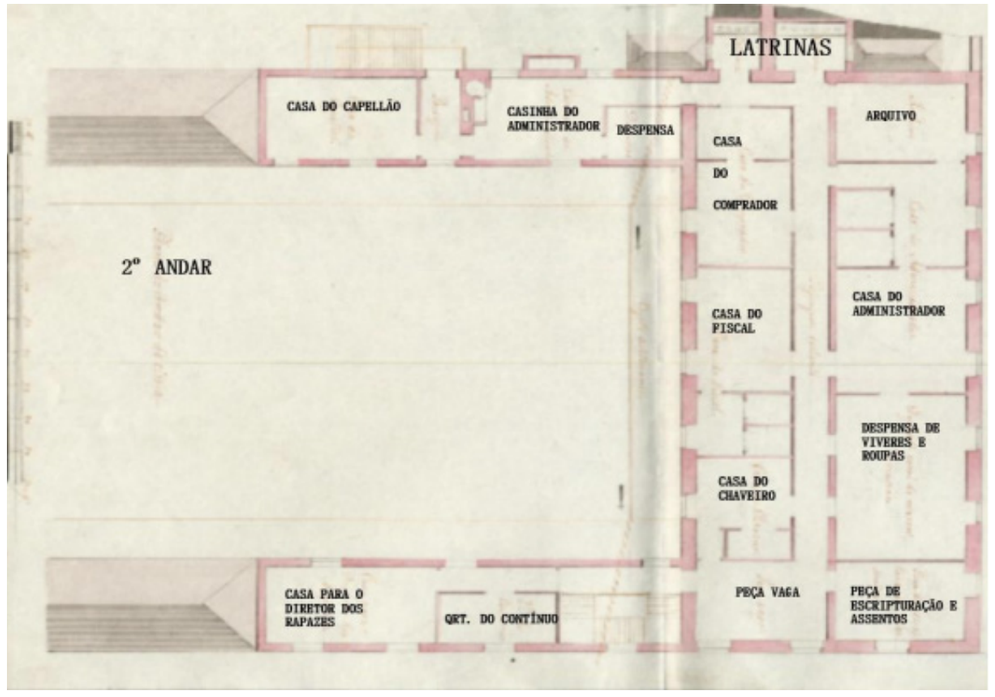




1.03 | Plantas históricas:
Planta Piso 0 Fase Matadouro
Planta Piso 1 e Piso 2 Fase Prisão e Calcetaria







Metodologia

A presente investigação desenvolve-se através de uma abordagem de investigação baseada em Projeto, entendendo o processo projetual como instrumento simultâneo de análise, interpretação e desenvolvimento da proposta arquitetónica.

O trabalho parte da realidade concreta das Fontaínhas e do Asilo da Mendicidade, procurando compreender as suas transformações urbanas, espaciais e sociais como base para a definição da intervenção.

A investigação articulou levantamento direto, análise cartográfica, observação in situ, desenho e leitura evolutiva do edifício.

Neste processo, o desenho assumiu um papel central enquanto instrumento de leitura, interpretação e experimentação projetual.

Paralelamente, entrevistas e conversas informais com moradores e antigos habitantes das Fontaínhas contribuíram para aprofundar a compreensão da dimensão quotidiana, social e histórica do território.

O aprofundamento teórico sobre temas como infraestrutura social, Open Building e habitação evolutiva surgiu como consequência direta das questões levantadas pelo processo projetual e pelas especificidades do caso de estudo, permitindo consolidar criticamente as decisões de intervenção.

Organização e desenvolvimento do projeto

A presente investigação organiza-se em dois volumes: o Relatório (Volume I), responsável pela contextualização, fundamentação crítica e desenvolvimento da proposta arquitetónica, e o Dossier de Projeto (Volume II), onde se encontram reunidas as peças desenhadas finais da intervenção.

O Relatório estrutura-se de forma progressiva, estabelecendo uma aproximação gradual entre território, edifício e habitar.

Numa **primeira fase**, a investigação introduz o enquadramento crítico e territorial da problemática, abordando o contexto contemporâneo da cidade do Porto e das Fontaínhas. Seguidamente, desenvolve-se uma leitura evolutiva do território e do Asilo da Mendicidade, procurando compreender as transformações urbanas, espaciais e sociais que caracterizam o caso de estudo.

Posteriormente, a investigação centra-se na construção da estratégia de intervenção e no desenvolvimento do Asilo enquanto projeto piloto de regeneração urbana e social.

A partir desta abordagem, aprofundam-se os princípios associados à organização habitacional, à adaptabilidade do espaço doméstico e ao sistema construtivo reversível desenvolvido para o conjunto.

O Dossier de Projeto reúne as principais peças desenhadas da proposta, desenvolvidos nas diferentes escalas de intervenção. Estas peças constituem parte integrante da investigação, funcionando simultaneamente como instrumento de representação, verificação e consolidação crítica da proposta arquitetónica.

Por fim, a investigação conclui com uma reflexão crítica sobre o papel da arquitetura na reabilitação de territórios vulneráveis, entendendo o existente não como condição obsoleta a substituir, mas como suporte ativo capaz de sustentar permanência, continuidade urbana e formas coletivas de habitar em oposição às atuais dinâmicas de fragmentação e financeirização da cidade.

1.04 | Fotografia antiga
da escarpa, Fontainhas



2.00 | Planta de localização, Fontaínhas



As Fontainhas como território de intervenção

A escolha da área das Fontaínhas enquanto território de intervenção decorre da sua condição paradoxal, onde coexistem simultaneamente centralidade e marginalidade. Localizada numa posição central no tecido urbano do Porto, próxima da Baixa e em relação direta com o vale do Douro, esta área apresenta uma condição singular onde a proximidade ao centro urbano contrasta com a sua limitada articulação funcional, acentuada pela topografia e pela presença de infraestruturas como a Ponte do Infante, que atravessa o território sem o integrar, funcionando como elemento de corte que fragmenta a continuidade urbana.

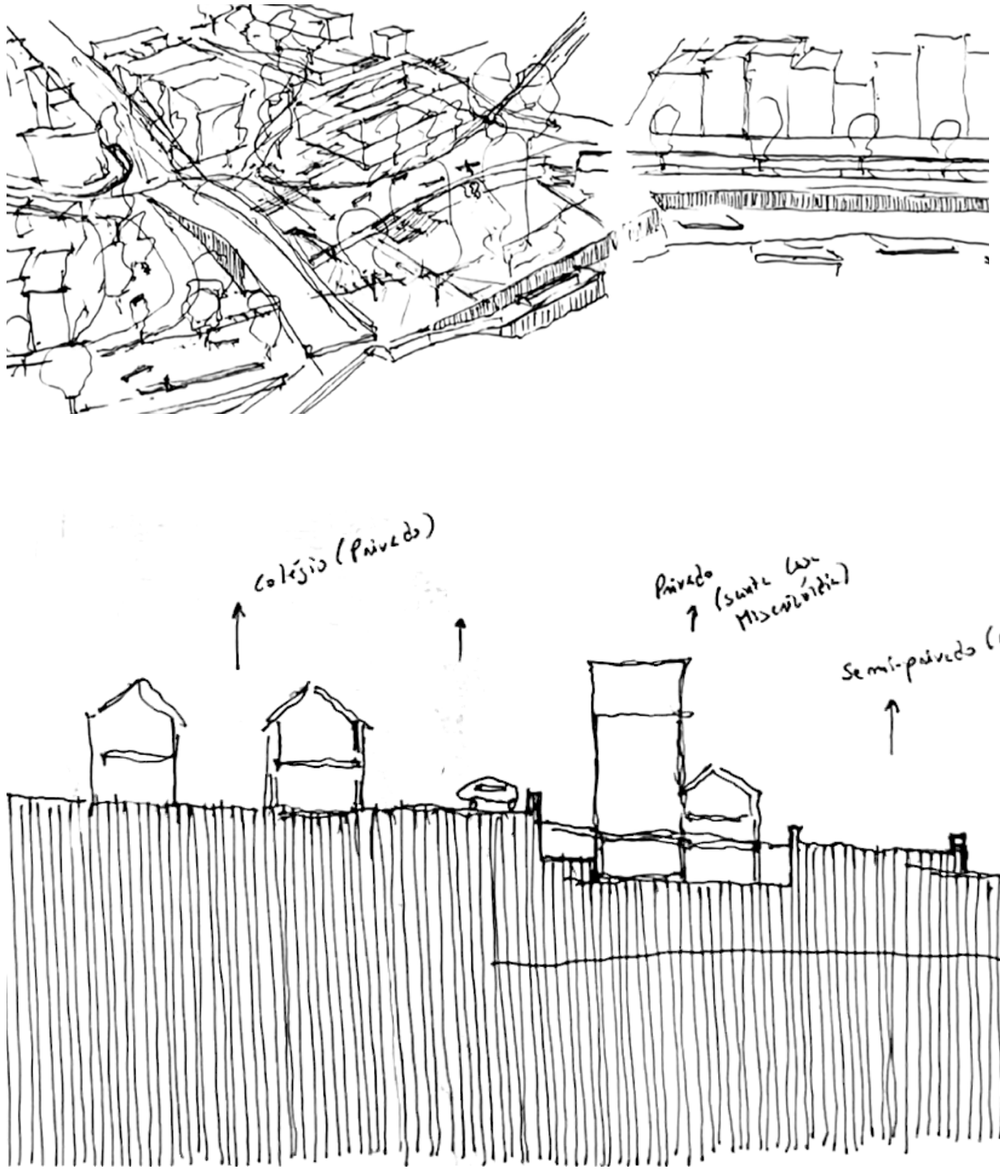
Como consequência, o território revela dificuldades de atravessamento e acessibilidade, onde os desníveis acentuados, os taludes e os muros reforçam a fragmentação entre diferentes cotas e limitam a articulação com o restante tecido urbano. Esta condição gera uma forma de isolamento que não resulta da distância, mas da ausência de ligações efetivas.

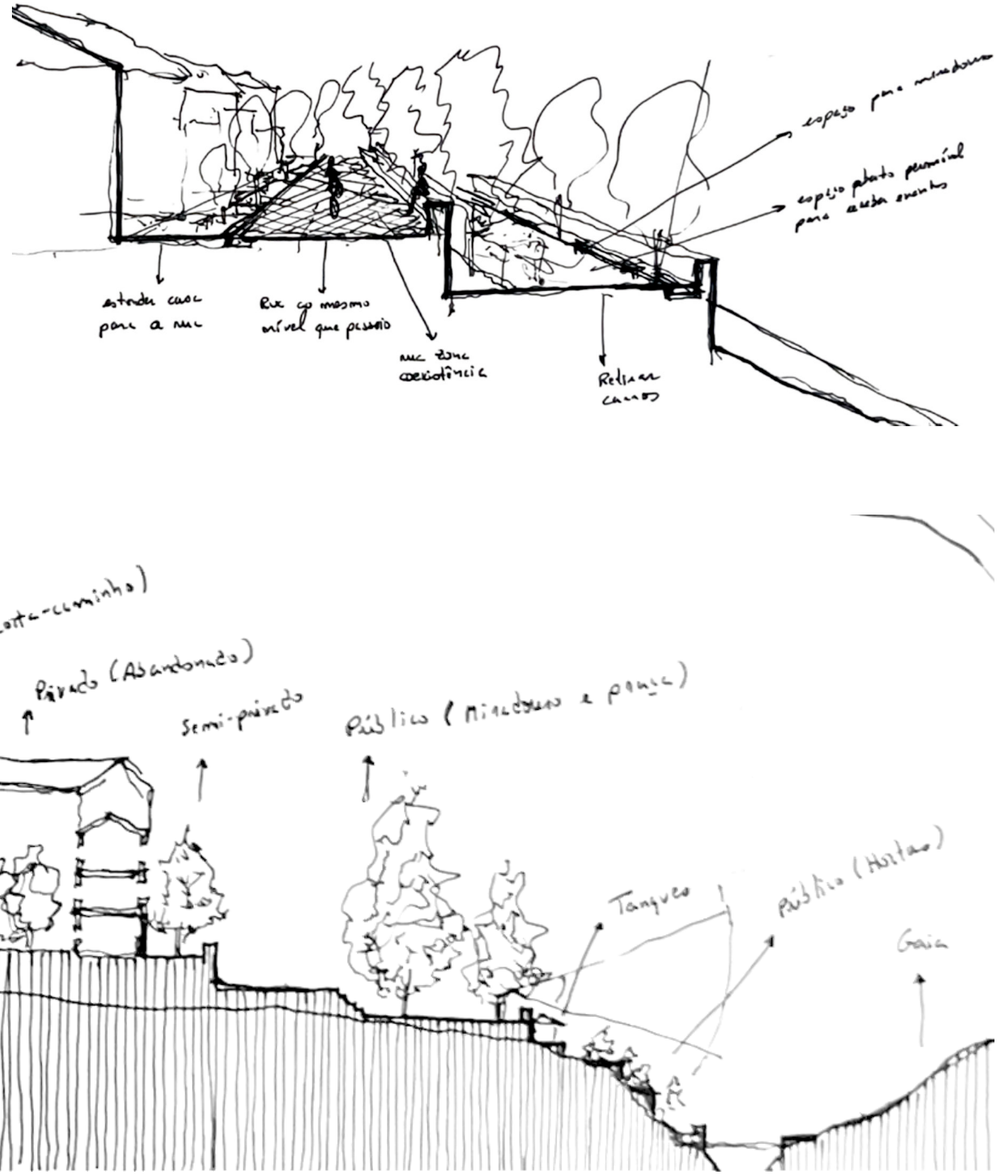
Apesar destas fragilidades, subsiste uma estrutura comunitária latente, enraizada na permanência dos seus habitantes e na apropriação quotidiana do espaço. Esta condição revela um potencial significativo para a regeneração, não como substituição do existente, mas como reforço das dinâmicas já presentes. Esta dimensão comunitária é confirmada pelos testemunhos recolhidos junto de moradores e antigos habitantes das Fontaínhas, que descrevem o bairro como um território marcado por fortes relações de proximidade, entreajuda e pertença. Como refere **Maria Alzira**, “éramos todos uma família, éramos muito unidos”, evocando um tempo em que as casas permaneciam abertas e os espaços comuns eram prolongamentos da vida doméstica. No mesmo sentido, **Elvira** recorda que “aqui era uma alegria, juntavam-se todos os amigos na rua, eram mesas compridas, muita gente”, revelando a intensidade da vida coletiva que estruturava o quotidiano do bairro.

É neste equilíbrio instável — entre isolamento e proximidade, entre fragilidade e permanência — que as Fontaínhas se constituem como território de intervenção. Mais do que um contexto a requalificar, trata-se de um território onde a arquitetura pode atuar enquanto mediadora, restabelecendo continuidades urbanas, reforçando relações de proximidade e criando condições para a permanência das comunidades.



2.01 | Esquema situação atual, Fontaínhas




espaço para miradouro
espaço plano semiral para venda ambulante
estrada usada para a missa
Rua ao mesmo nível que passeio
Rua com declive
Retirar carro

Colégio (Privado)
Privado (santa casa Misericórdia)
Semi-privado (espaço abandonado
Semi-público (terreno de corta-caminho)
Privado (Abandonado)
Semi-privado
Público (miradouro e praça)
Tanques
público (Horta)
Gaia

2.02 | A fonte

2.03 | A Alameda

Evolução do território das Fontaínhas

A evolução do território das Fontaínhas permite compreender as sucessivas transformações urbanas ocorridas na cidade do Porto e a forma como estas contribuíram para a progressiva fragmentação do tecido urbano existente.

Inicialmente marcado por uma forte presença agrícola e por um modelo de ocupação disperso, o território caracterizava-se por talhões, amplas áreas verdes e caminhos de serventia associados ao cultivo, onde a presença construída coexistia de forma relativamente contínua com a topografia e a estrutura natural do vale.

A cidade surgia ainda descontínua, com frentes edificadas isoladas e vastos interiores de quarteirão mantidos como extensão rural, traduzindo uma morfologia híbrida entre o campo e o urbano. As primeiras vias largas introduzidas no território, embora anunciassem uma futura estruturação urbana, apresentavam reduzida articulação com a morfologia existente e originavam espaços públicos indefinidos, contribuindo para a descontinuidade que marcaria os quarteirões nas décadas seguintes.

Com o avanço do século XIX, a urbanização torna-se progressivamente mais consolidada. Surge uma rede viária mais estruturada, o espaço público ganha maior definição e o quarteirão afirma-se como unidade organizadora do tecido urbano. A ocupação intensifica-se e os interiores dos quarteirões transformam-se gradualmente através da introdução da habitação operária, nomeadamente as ilhas, que acrescentam densidade, vida comunitária e novas formas de sociabilidade ao território. Apesar desta transformação, a permanência de logradouros agrícolas e vazios interiores evidencia ainda uma condição de transição, onde a ruralidade subsiste parcialmente face à crescente pressão construtiva.

Atualmente, observa-se o reverso desta condição inicial. O território deixa de apresentar a permeabilidade e continuidade anteriormente associadas aos espaços verdes, caminhos e logradouros, afirmando-se hoje como um tecido densificado e fragmentado, marcado pela predominância da massa edificada e pela consolidação de infraestruturas rodoviárias centradas na lógica automóvel. Esta transformação comprometeu progressivamente a mobilidade pedonal e enfraqueceu a relação entre espaço público, habitação e vida coletiva.

Os espaços anteriormente associados à permanência e apropriação quotidiana — como pátios, logradouros e corredores internos — desapareceram ou perderam relevância ao longo do tempo, reduzindo as possibilidades de encontro, atravessamento e convivência no interior dos quarteirões

Neste contexto, a progressiva consolidação de quarteirões totalmente encerrados evidencia a necessidade de reintroduzir permeabilidades capazes de restabelecer continuidade urbana, atravessamentos pedonais e novas formas de relação coletiva no território existente.

Elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116



2.04 | Planta Fontaínhas, 1844



2.05 | Planta Fontaínhas, 1892



2.06 | Planta Fontaínhas, 2025

Análise urbana e fragilidades territoriais atuais

A análise territorial desenvolvida nas Fontaínhas, através do mapeamento dos usos existentes, edifícios devolutos, percursos, espaços públicos e infraestruturas de apoio coletivo, permitiu identificar um conjunto de fragilidades urbanas e sociais que condicionam o quotidiano da população residente. Entre estas destacam-se a ausência de infraestruturas de apoio comunitário, a falta de continuidade entre espaço público e habitação, a escassez de serviços de proximidade — nomeadamente mercados, espaços coletivos e equipamentos de apoio à infância — e a presença significativa de edifícios devolutos ou subutilizados, contribuindo para o enfraquecimento das relações coletivas associadas à vivência do bairro.

Paralelamente, a consolidação de quarteirões encerrados e a progressiva fragmentação do território conduziram à perda de espaços intermédios de permanência e apropriação quotidiana, anteriormente associados a pátios, logradouros e percursos de proximidade.

Esta transformação evidencia uma crescente dissociação entre as recentes dinâmicas urbanas e as necessidades efetivas da comunidade local.

Esta fragilização da vida coletiva torna-se particularmente evidente nos testemunhos recolhidos junto dos moradores. Como refere **Isaura,** "antigamente o espaço público das Fontaínhas era muito melhor, as crianças brincavam na rua, vivia muita gente aqui nas Fontaínhas, agora as pessoas foram todas embora, foram bairros inteiros vendidos para alojamento local", associando esta transformação à saída progressiva da população residente.

No mesmo sentido, **Susana** destaca que "as utilidades que meteram atualmente aqui não servem as necessidades de quem cá habita (...) não há mercados quase nenhuns, cafés, nesta zona", evidenciando a crescente desarticulação entre as novas dinâmicas urbanas e as necessidades quotidianas da comunidade local.

Apesar destas fragilidades, permanecem ainda estruturas sociais e espaciais capazes de sustentar processos de reativação do território, nomeadamente através da permanência de comunidades residentes, da existência de espaços subutilizados com potencial de reconversão e da persistência de relações de proximidade associadas à identidade coletiva das Fontaínhas.

2.07 | Planta síntese abandono, Fontaínhas
Elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116



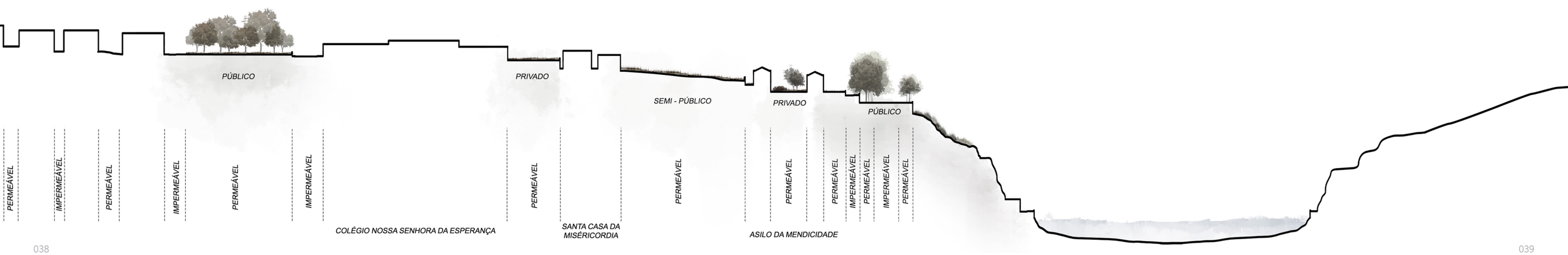
2.08 | Planta síntese equipamentos, Fontaínhas
Elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116



2.09 | Perfil territorial, Fontainhas
Elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116

A elaboração do corte urbano permitiu evidenciar as fragilidades territoriais das Fontaínhas, revelando uma topografia acentuada que dificulta os percursos pedonais e condiciona a acessibilidade ao centro urbano, particularmente para uma população progressivamente envelhecida.

Paralelamente, a reduzida permeabilidade do território, marcada pela presença de quarteirões encerrados, pavimentos excessivamente mineralizados e escassas possibilidades de atravessamento, evidencia a necessidade de reabrir e rearticular o espaço urbano, reforçando a continuidade pedonal e a relação entre as diferentes cotas do território.









2.10 | Registos fotográficos
fragilidades e potencialidades





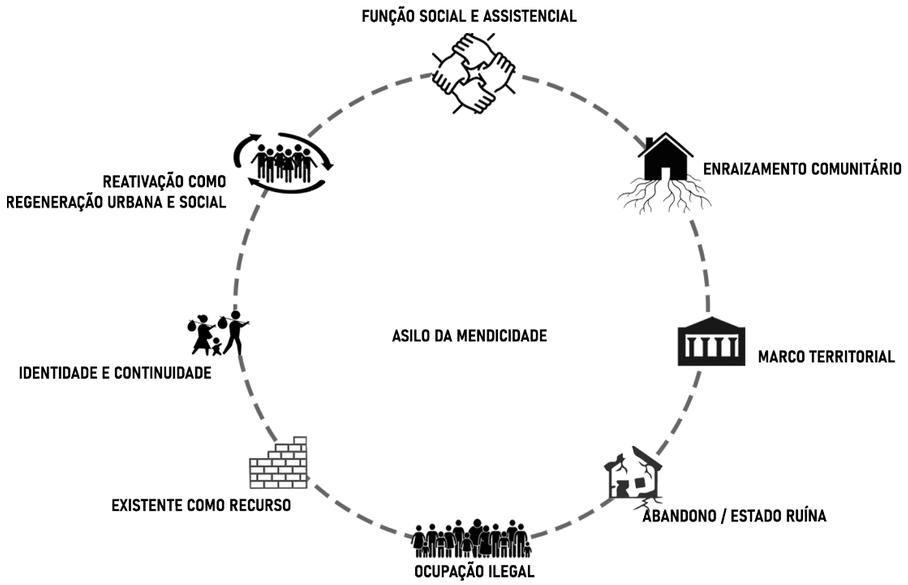




2.11 | Vista aérea do Manifestação 20
Asilo da Mendicidade, 20

2.12 | Asilo da Mendicidade
Foto da fachada principal

2.13 | Esquema o Asilo
e as suas potencialidades



O Asilo da Mendicidade enquanto infraestrutura latente

A leitura territorial desenvolvida nas Fontaínhas permitiu identificar diferentes estruturas urbanas e edifícios com potencial de reativação coletiva, entendidos como possíveis catalisadores de um sistema mais amplo de regeneração urbana e social.

Neste contexto, o Asilo da Mendicidade destacou-se pela sua centralidade territorial, dimensão social e capacidade de articular habitação, espaço coletivo e continuidade urbana, afirmando-se como caso de estudo da presente investigação.

Pela sua escala, implantação e configuração espacial, o conjunto mantém uma forte presença territorial nas Fontaínhas, assumindo uma posição estratégica na articulação entre diferentes cotas, percursos e frentes do bairro.

Apesar da sua condição atual de abandono, o edifício evidencia uma capacidade latente de mediação urbana e social num território marcado por dificuldades de atravessamento e descontinuidade.

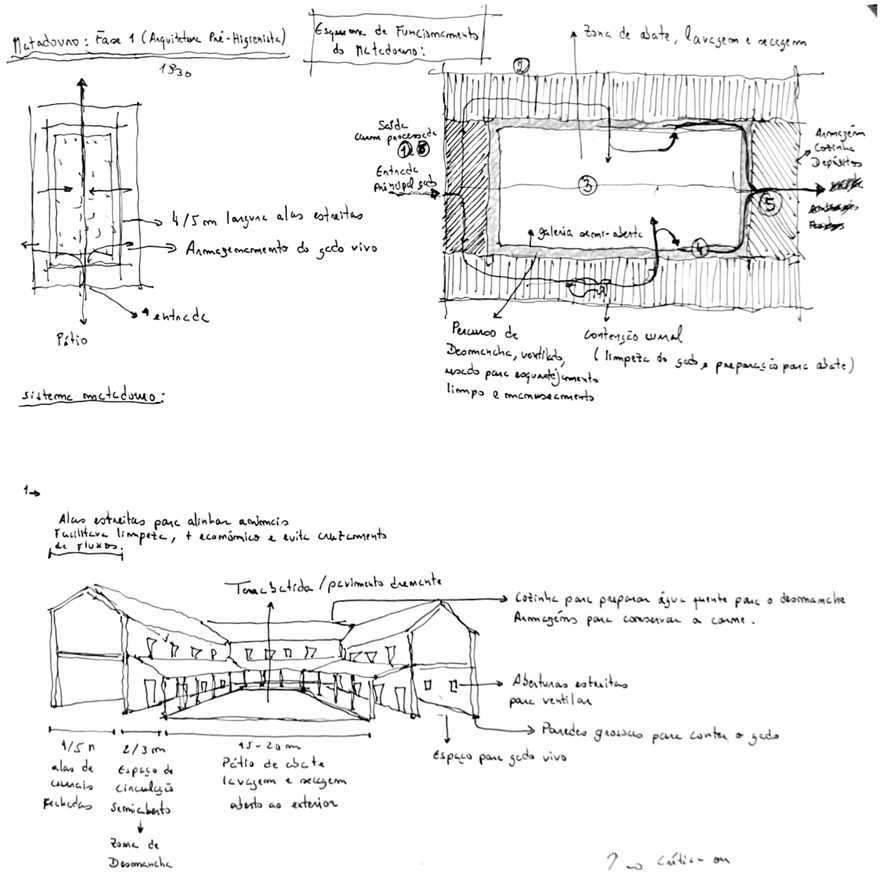
Para além da sua dimensão física, o Asilo mantém uma forte presença na memória coletiva do bairro, historicamente associada ao acolhimento e ao apoio comunitário. Como recorda **Susana**, durante o período em que o edifício funcionava como lar residencial, "os idosos vinham cá fora e ficavam a ver as lavadeiras a lavar a roupa nos tanques, havia convívio", revelando uma relação de proximidade entre o Asilo e a vida quotidiana das Fontaínhas.

Desta forma, o edifício é entendido não como objeto isolado, mas como infraestrutura latente capaz de reativar relações urbanas, espaciais e sociais no território em que se insere.

Evolução histórica do Asilo da Mendicidade

A leitura evolutiva do Asilo da Mendicidade revela-se fundamental para a compreensão da sua condição atual, evidenciando de que forma as sucessivas mudanças de uso produziram transformações espaciais, formais e programáticas no conjunto.

Mais do que uma sucessão funcional, o edifício afirma-se como uma estrutura em permanente adaptação, onde cada período introduz novas camadas sem eliminar totalmente a organização anterior.



Matadouro Público

Na sua fase inicial, enquanto matadouro público projetado pelo arquiteto Teodoro de Sousa Maldonado (início século XIX –1840), o edifício respondia a uma lógica produtiva e higienista associada à gestão alimentar da cidade. A sua implantação junto ao rio facilitava o abastecimento de gado por via fluvial e a limpeza dos espaços, inserindo-se num território simultaneamente central e marginal. A própria configuração volumétrica do conjunto decorre desta lógica funcional: um volume perimetral, compacto e introvertido, organizado em torno de um pátio central, capaz de de concentrar e controlar as diferentes fases do processo de abate.

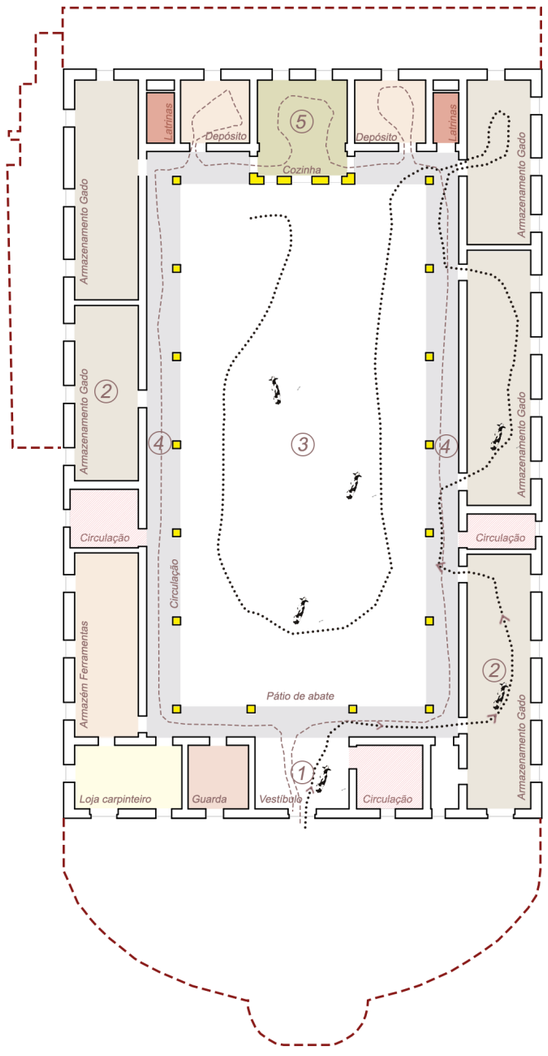
Esta organização traduz uma clara orientação para o interior, onde o edifício se fecha sobre si próprio, privilegiando o funcionamento interno em detrimento da relação com a cidade.

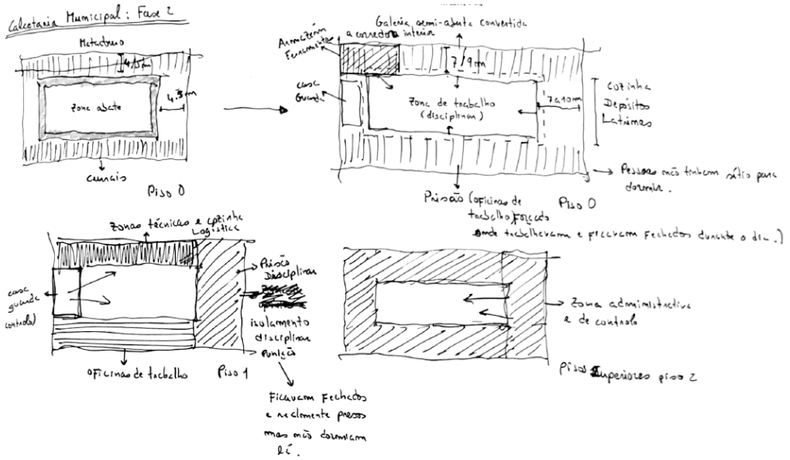
O pátio assumia a função de espaço de abate a céu aberto, garantindo ventilação e salubridade, enquanto as alas laterais acolhiam as áreas de apoio, manutenção do gado e circulação.

A galeria semi aberta voltada para o pátio reforçava esta lógica, funcionando simultaneamente como elemento de circulação, espaço de trabalho e dispositivo de ventilação natural.



2.14 | Reconstituição planta piso 0 e corte transversal, Matadouro Público





Prisão e Calcetaria

Com a adaptação a prisão e calcetaria (1846–1854), o edifício sofre uma transformação significativa da sua configuração espacial e volumétrica. O conjunto é ampliado através da introdução de novos corpos laterais e do alargamento do volume superior destinado aos espaços prisionais, tornando-se progressivamente mais denso e compartimentado.

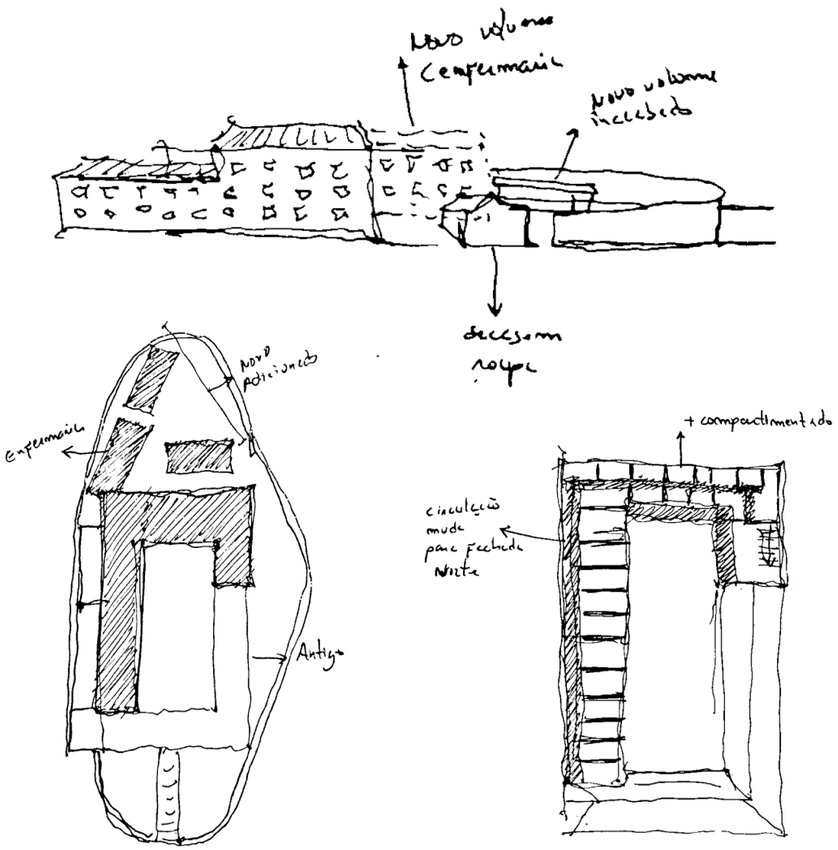
Paralelamente, a antiga galeria aberta é incorporada no volume construído, passando a funcionar como espaço interior de circulação e controlo.

O pátio deixa de assumir um carácter produtivo para se transformar em espaço associado ao trabalho forçado e à vigilância, reforçando a lógica disciplinar e institucional do conjunto.





2.15 | Reconstituição planta piso 1 e corte transversal, Prisão e Calcetaria



Asilo da Mendicidade

Na fase do Asilo da Mendicidade (1854-1952), o edifício volta a ser adaptado, agora com um carácter assistencial, mantendo, contudo, a lógica institucional herdada. Para além da reorganização interna dos espaços, esta fase é marcada por um novo aumento da densidade construída, com a introdução de um piso adicional de carácter administrativo, reforçando a verticalização do conjunto. O edifício torna-se progressivamente mais compacto, intensificando a sua relação introvertida e a compartimentação dos espaços.

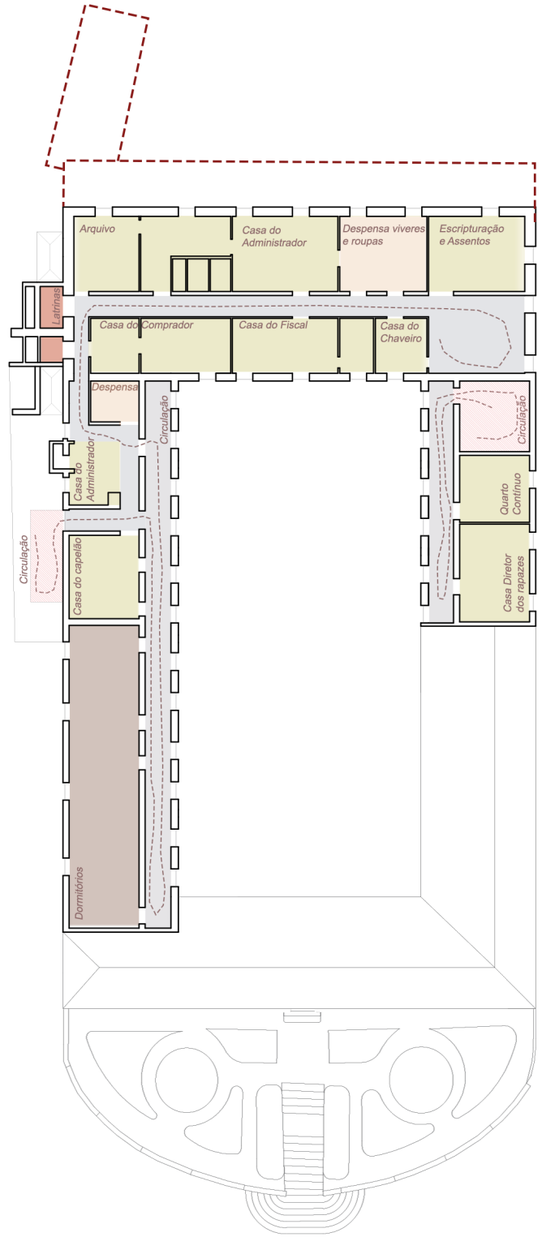
O pátio transforma-se num espaço de cuidado e permanência, embora continue a desempenhar um papel central na organização do conjunto.

Ao longo destas transformações, torna-se evidente a permanência de uma estrutura base — pátio central, alas laterais e sistema de circulação — que, apesar de sucessivamente adaptada, mantém a sua capacidade de acomodar diferentes usos.

Simultaneamente, observa-se um processo contínuo de expansão e densificação do conjunto, através do acrescento de novos volumes e da alteração da sua configuração original.

Esta condição revela o edifício não como objeto fixo, mas como suporte de transformação, onde a continuidade estrutural permite a variação programática ao longo do tempo.





2.16 | Reconstituição planta piso 2 e corte transversal, Asilo da Mendicidade

Levantamento e leitura crítica do edifício

O levantamento do Asilo da Mendicidade constituiu um instrumento fundamental para a interpretação crítica do edifício, permitindo validar, corrigir e aprofundar as informações identificadas na documentação histórica.

Mais do que representar o estado existente, o processo de levantamento possibilitou reconhecer diferentes camadas de transformação acumuladas ao longo do tempo, evidenciando relações de permanência, adaptação e sobreposição espacial entre as várias fases de ocupação do conjunto.

A articulação entre observação direta, desenho e análise documental permitiu, assim, consolidar uma leitura evolutiva crítica do edifício, estabelecendo uma base rigorosa para o desenvolvimento da proposta arquitetónica.

Transformações espaciais e construtivas mais recentes

Na última fase de utilização enquanto lar residencial, torna-se evidente uma progressiva intensificação da compartimentação interior, particularmente no bloco da antiga prisão, onde os espaços originais foram subdivididos em quartos de menor dimensão.

Esta lógica de adaptação evidencia uma reorganização funcional orientada para uma ocupação mais intensiva do conjunto, sendo igualmente percetível na antiga ala da calcetaria, onde a organização do piso superior é posteriormente replicada no piso inferior.

Paralelamente, antigos espaços coletivos foram progressivamente convertidos em instalações sanitárias de uso comum, refletindo a transformação das dinâmicas de utilização do edifício e a crescente densificação programática do conjunto.

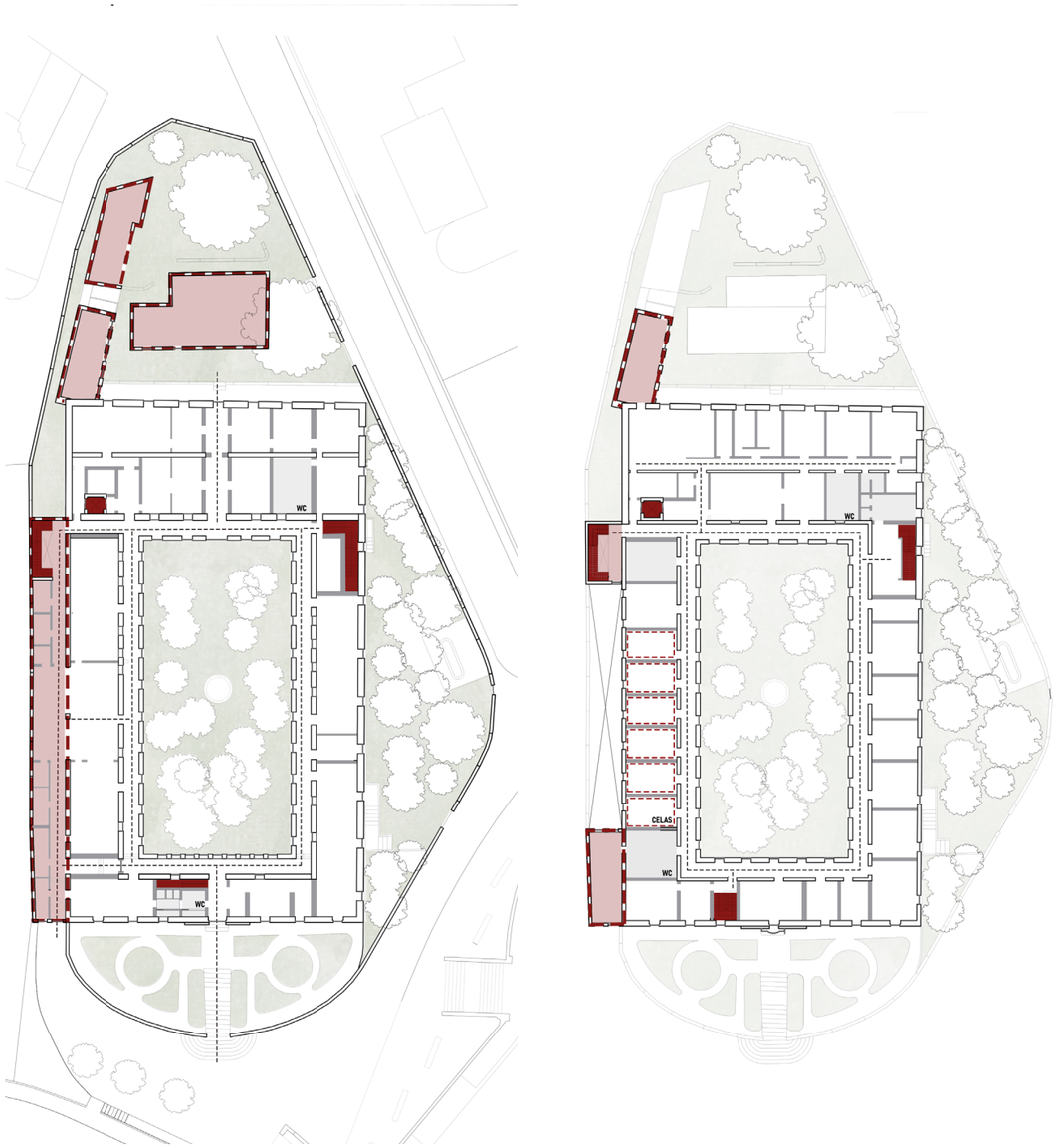
O levantamento permitiu ainda identificar uma alteração significativa da lógica de circulação no piso superior.

Ao contrário dos pisos inferiores, onde o percurso se desenvolve em torno do pátio central, a circulação passa a localizar-se no lado oposto do edifício, permitindo orientar os quartos diretamente para o interior do conjunto e reforçando a introversão espacial da estrutura habitacional.

Para além das alterações interiores, foram igualmente identificadas adições volumétricas posteriores ao corpo original do edifício, nomeadamente uma enfermaria adossada ao conjunto principal e um volume autónomo destinado à secagem de roupa e armazenamento, contribuindo para a progressiva densificação e consolidação construída do Asilo ao longo do tempo.

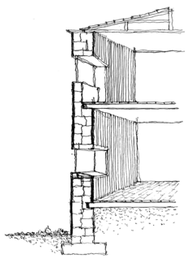
Por fim, o levantamento permitiu aprofundar a compreensão do sistema construtivo existente, confirmando a presença de lajes maciças e a diferenciação dos revestimentos interiores, com ladrilho cerâmico nas zonas de circulação e taco de madeira em espinha nos espaços compartimentados.

2.16 | Plantas esquemáticas piso 0 e 1
fase lar residencial, levantamento











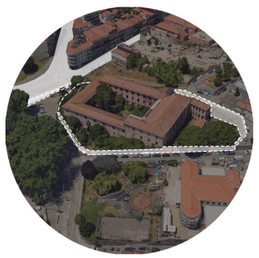



2.17 | Asilo da Mendicidade
Registo fotográfico do estado existente











2.18 | Vistas aéreas e suas condicionantes
Fotomontagem do Asilo na condição existente

Condição atual e potencial de transformação

O Asilo da Mendicidade apresenta atualmente um conjunto edificado marcado pela sucessiva adição de volumes ao corpo principal, tanto lateralmente como nas traseiras da propriedade, contribuindo para a fragmentação da leitura do conjunto.

Apesar da sua escala, implantação e valor histórico o afirmarem como marco territorial, o edifício encontra-se hoje desligado da vida quotidiana das Fontaínhas, marcado pelo abandono prolongado, pela ausência de usos estruturados e por processos de ocupação informal.

Esta condição é reforçada pela presença do muro perimetral, do talude e da Ponte do Infante, que introduzem uma rutura topográfica, funcional e simbólica em relação à Praça das Fontaínhas e ao Bairro de São Vítor, comprometendo a continuidade dos percursos pedonais.

O Asilo afirma-se, assim, como um vazio urbano que funciona simultaneamente como limite físico e simbólico, associado à perceção de insegurança e à perda de enraizamento comunitário.

Do ponto de vista espacial, a herança institucional mantém-se evidente. A organização em torno do pátio central, associada a sistemas de circulação e compartimentação rígidos, fragmenta o espaço em unidades estanques, limitando a apropriação coletiva, a flexibilidade de uso e a construção de uma vivência quotidiana partilhada.

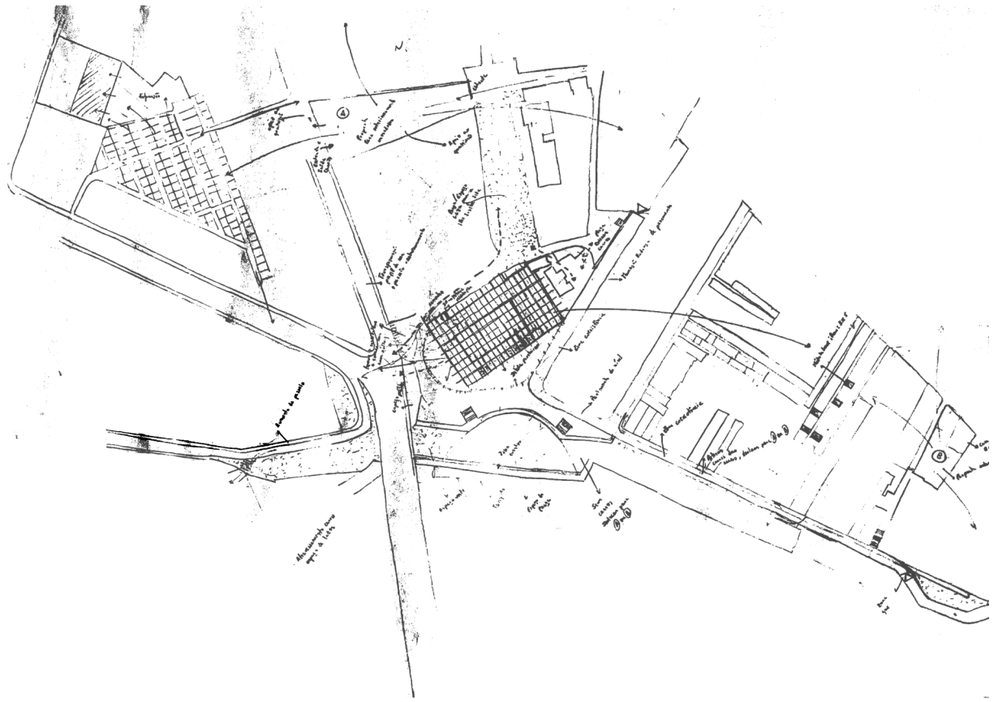
Contudo, a própria configuração do conjunto revela simultaneamente um forte potencial de transformação.

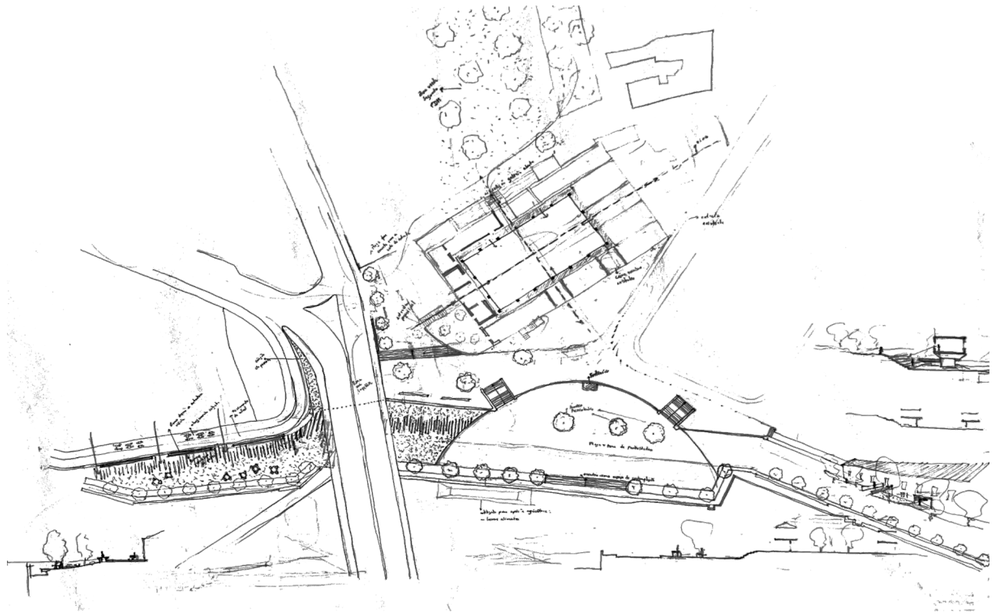
A estrutura organizada em torno do pátio central e da galeria perimetral evidencia um sistema espacial capaz de acomodar novas formas de relação entre circulação, permanência e espaço coletivo.

Paralelamente, o edifício conserva uma estrutura construtiva robusta e durável, assente em paredes portantes em pedra, que permitiram a sua permanência ao longo do tempo e reforçam hoje a viabilidade da sua reabilitação.

Esta condição paradoxal — entre abandono e potencial, entre barreira urbana e estrutura latente — sintetiza as principais tensões do edifício no presente e constitui a base crítica para o desenvolvimento da intervenção.

3.000 | Vista aérea do
Território das Fontainhas





Conceção do sistema regenerativo

Como estratégia de intervenção, propõe-se um sistema territorial de regeneração urbana e social aplicado ao contexto das Fontaínhas.

O sistema parte do entendimento de que as fragilidades identificadas no território não podem ser resolvidas através de intervenções isoladas sobre objetos arquitetónicos autónomos, exigindo antes uma abordagem integrada capaz de atuar simultaneamente sobre relações urbanas, espaciais e sociais.

Neste sentido, a regeneração é entendida não como substituição do existente, mas como processo de reativação do território a partir das suas estruturas físicas, dinâmicas quotidianas e comunidades residentes.

A proposta procura, assim, reforçar continuidades urbanas, reintroduzir serviços de proximidade e recuperar estruturas espaciais subutilizadas capazes de sustentar novas formas de permanência e vivência coletiva.

Mais do que definir uma solução única ou um objeto arquitetónico isolado, o sistema propõe uma lógica de atuação replicável sobre territórios vulneráveis, baseada na reutilização do existente, na reativação do espaço coletivo e na articulação entre habitação, infraestruturas de apoio comunitário e continuidade pedonal.

Princípios operativos do sistema

01— Reconhecer territórios vulneráveis

O sistema parte da identificação de territórios marcados pela coexistência entre fragilidade urbana e permanência comunitária, onde processos de degradação, pressão imobiliária e perda progressiva da vida coletiva coexistem com relações de proximidade ainda ativas.

02— Identificar estruturas latentes

A partir da leitura territorial, são reconhecidos edifícios, vazios urbanos e estruturas espaciais subutilizadas capazes de atuar como elementos catalisadores de regeneração urbana e social.

03— Compreender as dinâmicas comunitárias

A aproximação ao território desenvolve-se através da observação direta e do contacto com os moradores, permitindo reconhecer formas de apropriação quotidiana, relações de vizinhança e necessidades associadas à vivência do bairro.

04— Mapear fragilidades e continuidades

A análise territorial procura identificar descontinuidades urbanas, percursos, relações topográficas, carências programáticas e espaços com potencial de reativação coletiva, permitindo compreender as fragilidades e continuidades existentes no território.

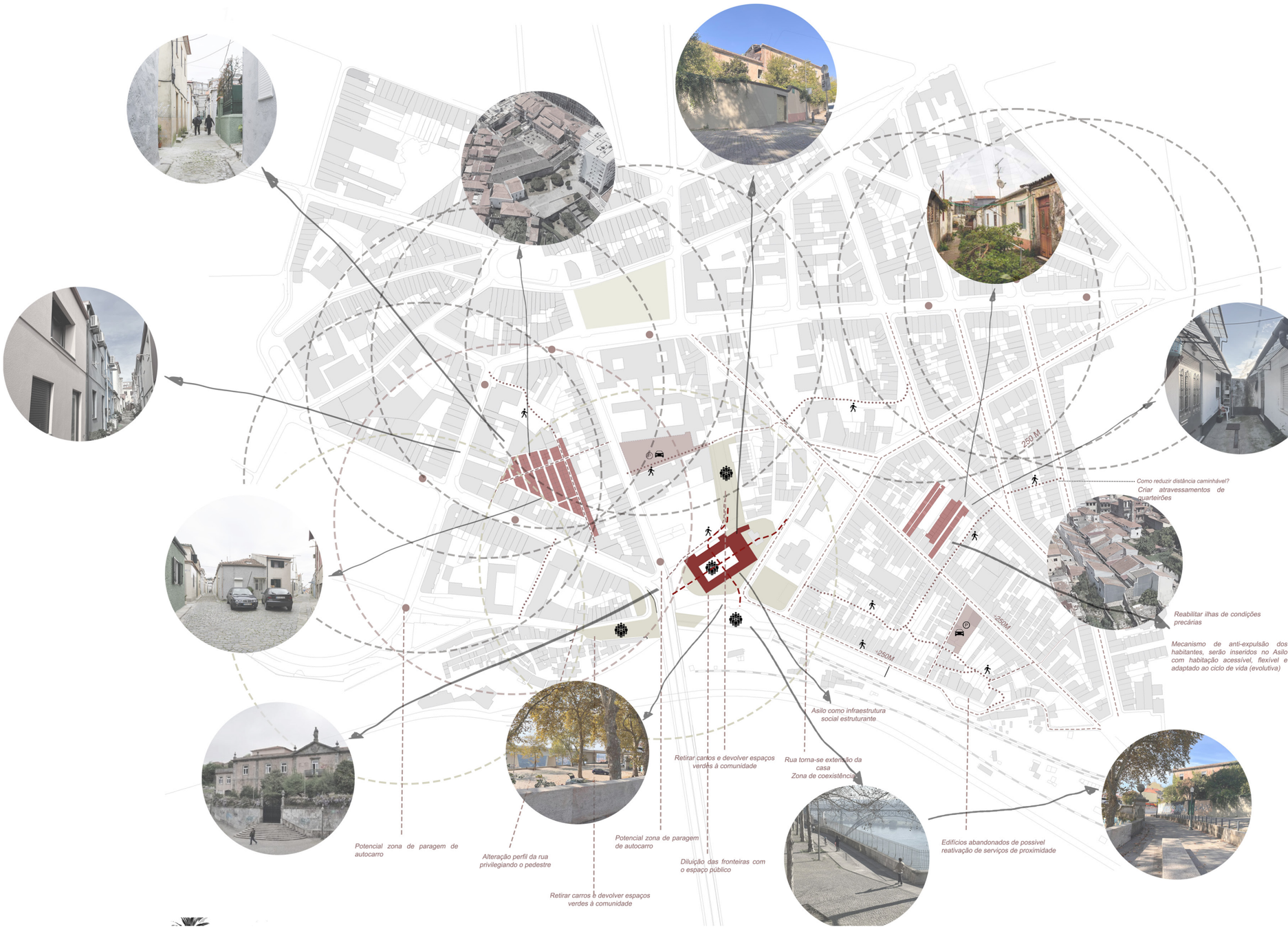
3.01 | Planta síntese aplicação dos princípios de intervenção, Fontainhas
Elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116

05— Estruturar espacial e programaticamente a intervenção

A estratégia desenvolve-se a partir da criação de continuidade urbana, da articulação entre diferentes cotas e da reativação das relações entre espaço público, habitação e infraestruturas de apoio comunitário, reforçando serviços de proximidade e formas de permanência coletiva.

06 — Consolidar um sistema regenerativo replicável

A intervenção é entendida como parte de um sistema aberto e adaptável, capaz de aplicar os seus princípios a diferentes contextos urbanos vulneráveis através da reutilização do existente, da reativação do espaço coletivo e da valorização das comunidades residentes.



O Asilo enquanto projeto piloto

Inserido num sistema mais amplo de regeneração urbana e social, o Asilo da Mendicidade é assumido como projeto piloto capaz de testar, num edifício concreto, uma estratégia replicável de permanência, reabilitação e vida coletiva.

A proposta não procura introduzir um programa alheio ao lugar, mas reinterpretar criticamente a vocação social historicamente associada ao edifício, atualizando-a face às necessidades contemporâneas das Fontaínhas.

Neste contexto, a habitação acessível assume um papel central enquanto mecanismo de anti-expulsão, permitindo a permanência de moradores afetados pelos processos de transformação urbana e pela reabilitação das ilhas, evitando a sua deslocação para contextos periféricos e a consequente fragmentação das relações de proximidade existentes no bairro.

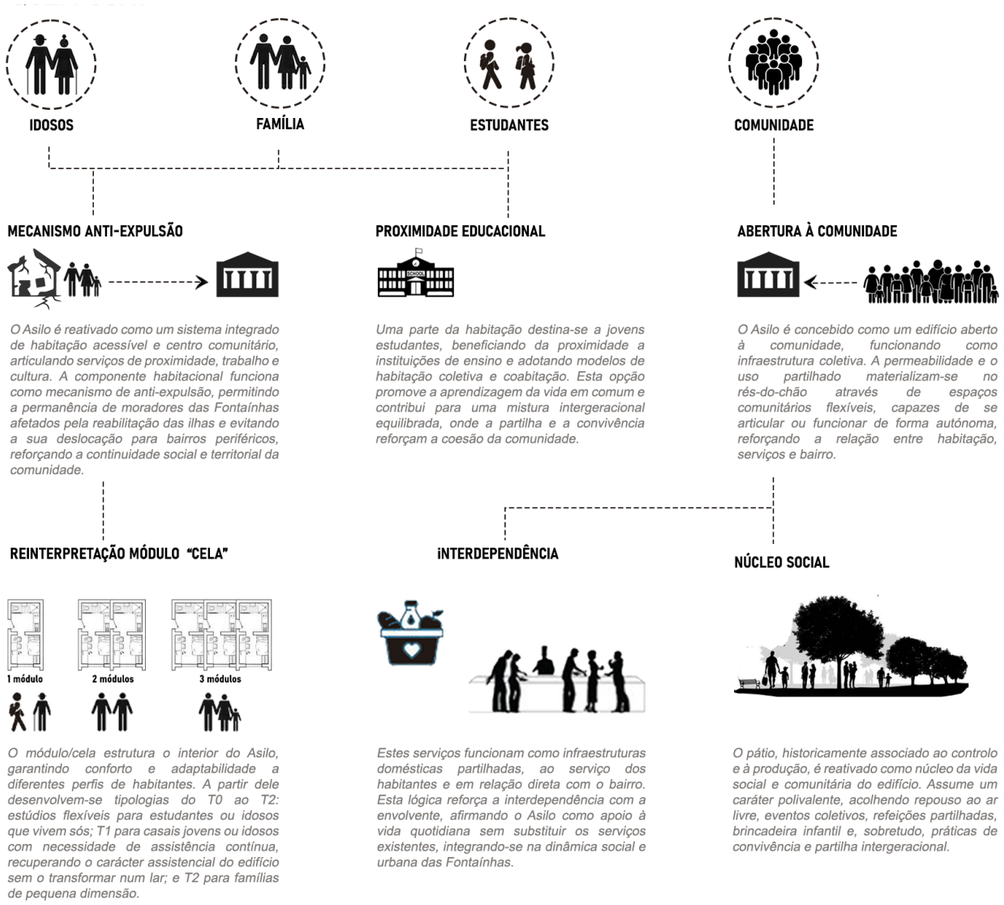
Paralelamente, a introdução de habitação para estudantes, associada à proximidade a instituições de ensino, procura promover uma coexistência intergeracional baseada em relações de partilha, apoio mútuo e convivência quotidiana.

A proposta é complementada por um conjunto de serviços de proximidade e espaços comuns entendidos como infraestruturas coletivas de suporte ao quotidiano.

Estes programas procuram responder a carências identificadas ao longo da análise territorial, reforçando relações de proximidade, interdependência e apropriação coletiva entre habitantes e bairro.

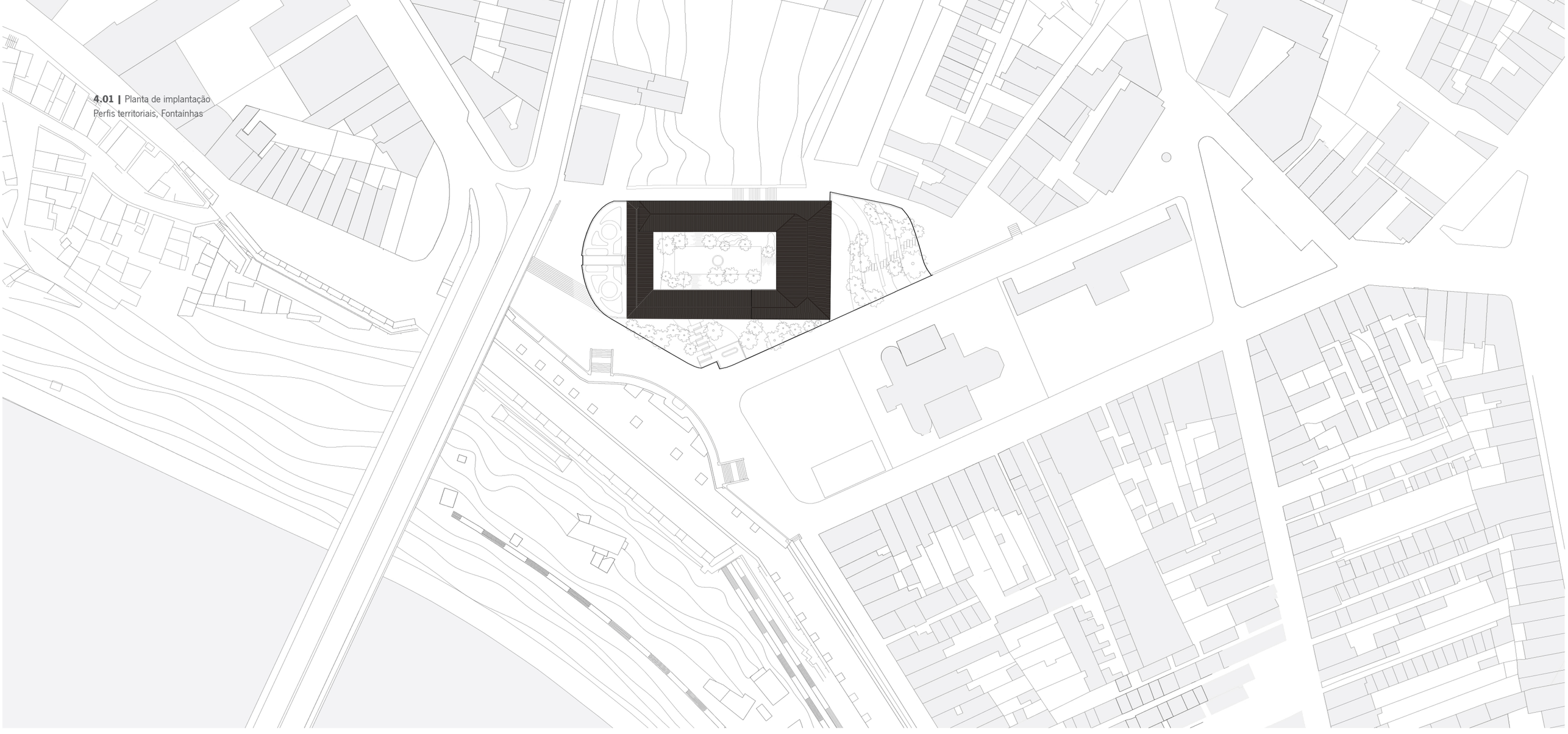
Neste sentido, o edifício deixa de ser entendido apenas como objeto arquitetónico para assumir o papel de infraestrutura social ativa, capaz de articular habitação, permanência e vida comunitária num mesmo sistema de relações.

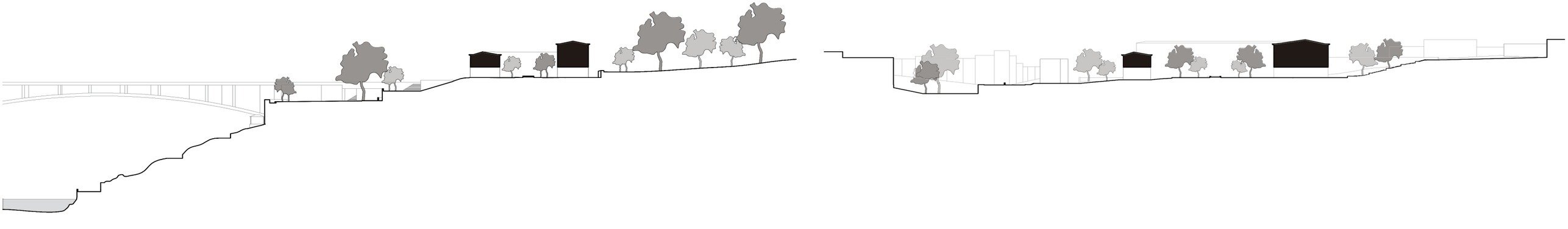
O pátio central assume, neste contexto, um papel agregador fundamental, funcionando como núcleo social do conjunto e espaço de encontro associado à vivência quotidiana do edifício e do bairro.

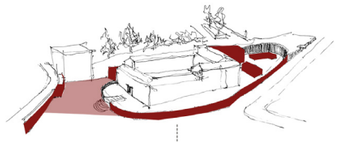


4.00 | Esquema o Asilo como infraestrutura social

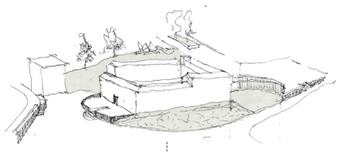
4.01 | Planta de implantação
Perfis territoriais, Fontainhas



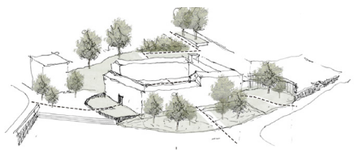




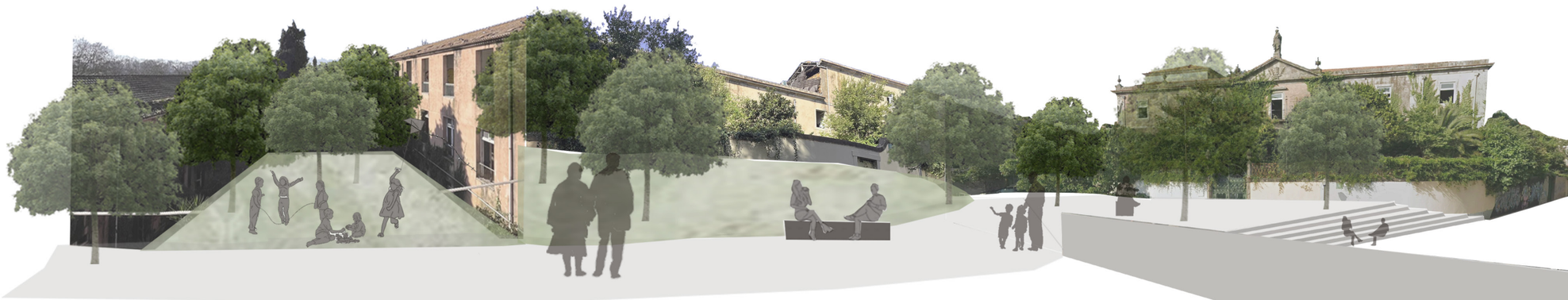
FASE 1 – EDIFÍCIO EXISTENTE
Edifício introvertido e isolado do território, marcado por muros, desníveis e volumes adicionados que anulam a sua leitura unitária e a relação com o espaço público.



FASE 2 – LIBERTAÇÃO DO CORPO HISTÓRICO
Demolição dos muros e dos volumes acrescentados ao longo do tempo, permitindo recuperar a leitura do corpo principal e libertar o solo como espaço contínuo e acessível.



FASE 3 – ABERTURA E APROXIMAÇÃO AO TERRITÓRIO
Introdução de novas entradas e atravessamentos no edifício, aproximando-o do território envolvente e transformando-o num elemento permeável da estrutura urbana.



Conexão do edifício com o território

A proposta parte de uma premissa fundamental da intervenção: compreender de que forma um edifício historicamente fechado sobre si próprio pode reabrir-se à envolvente e reassumir um papel ativo na estrutura urbana e social das Fontaínhas.

Neste sentido, a remoção dos muros periféricos e dos volumes acrescentados ao longo do tempo assume-se como gesto fundamental da intervenção, libertando o corpo histórico do Asilo e restabelecendo a sua relação com o espaço público.

A intervenção propõe a elevação do pavimento junto à Ponte do Infante, transformando o atual desnível numa praça elevada que prolonga a Alameda das Fontaínhas até ao edifício.

Esta operação aproxima o Asilo da cota da cidade, reforçando a permeabilidade pedonal e facilitando a transição entre diferentes níveis do território.

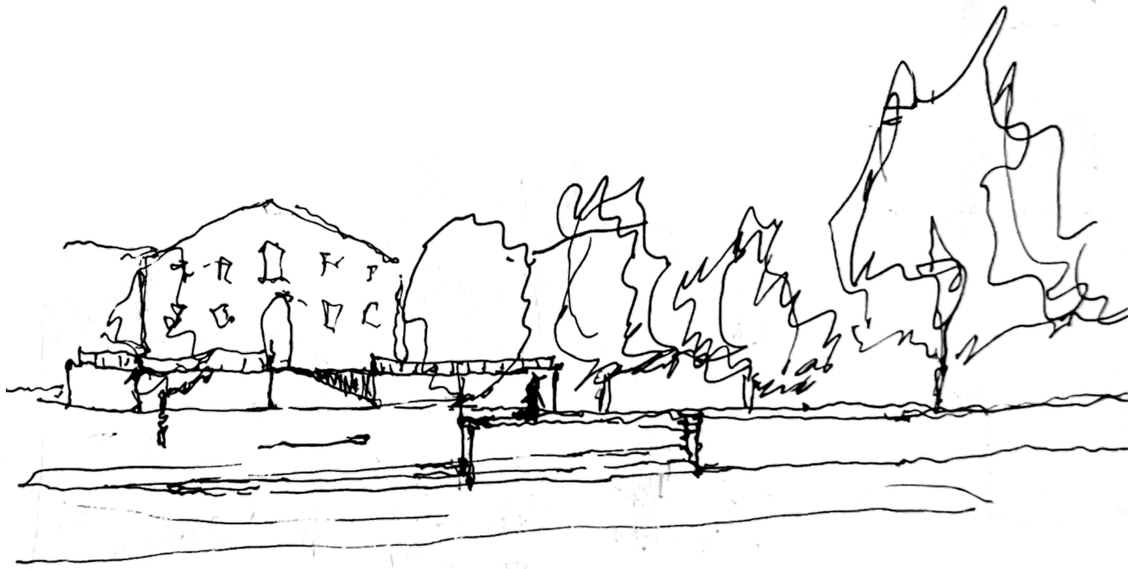
A reconexão do conjunto com o bairro desenvolve-se igualmente através da introdução de um atravessamento pedonal principal ao nível do rés-do-chão, estabelecendo uma ligação direta entre o Bairro de São Vítor e a Alameda das Fontaínhas através do interior do edifício.

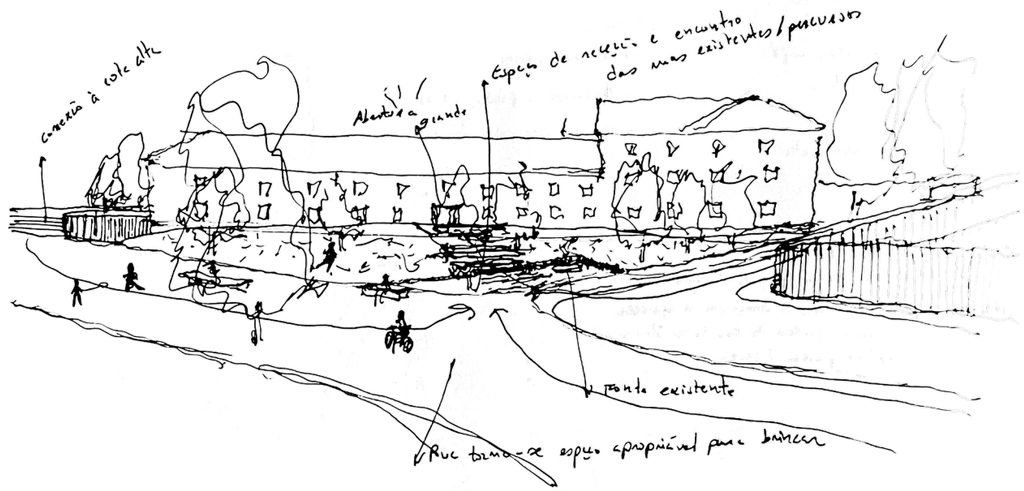
O Asilo deixa, assim, de funcionar como limite físico entre diferentes partes do território para passar a integrar os percursos quotidianos e as dinâmicas urbanas do bairro.

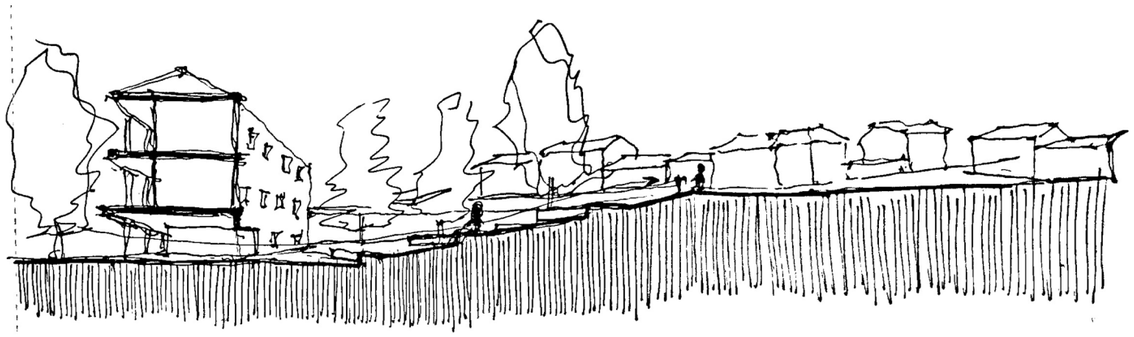
Nas traseiras do conjunto é introduzido um percurso longitudinal associado ao funcionamento quotidiano e aos acessos de apoio ao edifício. Aproveitando a diferença de cotas existente no terreno, este percurso permite estruturar duas entradas distintas no conjunto: uma entrada de caráter mais público ao nível do rés-do chão e outra de carácter mais doméstico ao nível superior.

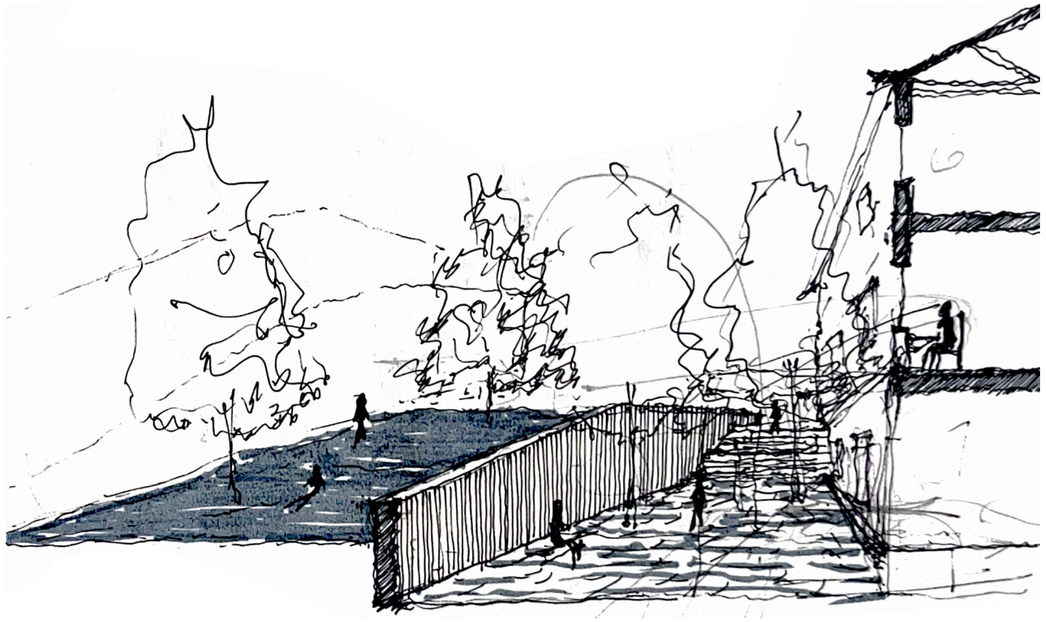
Por fim, a remoção do talude e dos volumes acrescentados nas traseiras permite restabelecer a continuidade longitudinal anteriormente interrompida e estabelecer uma relação mais direta entre o Asilo e a cota superior do território.

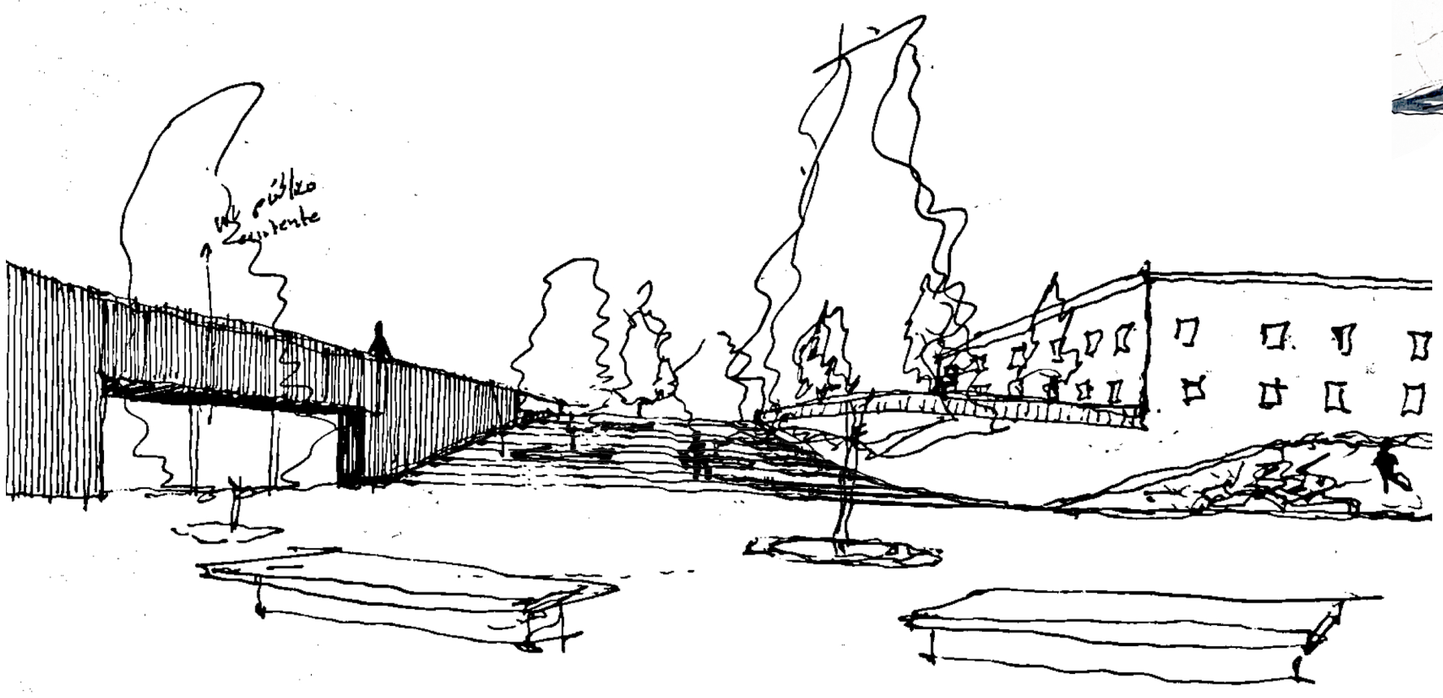
A introdução de um anfiteatro natural procura transformar esta diferença topográfica num espaço coletivo de permanência e encontro, convertendo uma antiga área residual num novo espaço de articulação entre edifício, topografia e envolvente urbana.

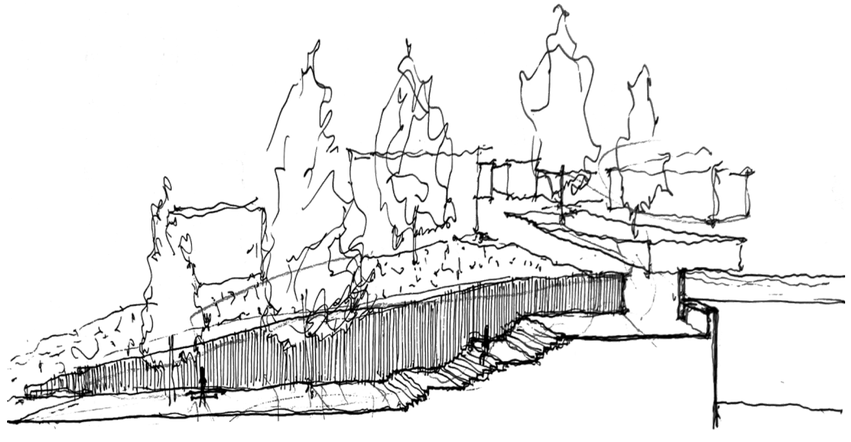



Espaço de receção e encontro
das mesas existentes/projetadas
Alameda a
grande
ponte existente

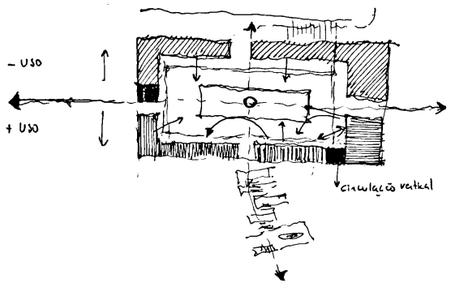


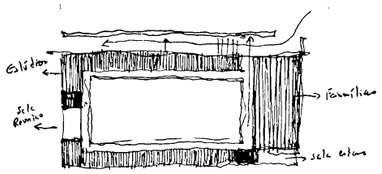



público
existente



4.03 | Planta programática piso 0





1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

Programa

Do ponto de vista programático, o piso térreo assume um caráter predominantemente público e comunitário, funcionando como principal interface entre o edifício e o bairro.

É neste nível que se concentram os serviços de proximidade e os espaços coletivos cuja necessidade foi identificada ao longo da análise territorial das Fontaínhas, procurando responder a necessidades quotidianas de abastecimento, apoio comunitário e partilha coletiva.

A organização programática do rés-do-chão desenvolve-se a partir da divisão do edifício em duas alas com características distintas, definidas segundo critérios de exposição solar, intensidade de uso, grau de privacidade, proximidade funcional e relação com os atravessamentos propostos e com o pátio central. Desta forma, os programas mais públicos e ativos concentram-se na ala inferior, junto às zonas de maior atravessamento e aos acessos principais, reforçando a relação entre edifício, espaço público e pátio.

A cafetaria articula-se diretamente com o mercado e a cozinha comunitária, estabelecendo uma sequência associada às práticas quotidianas de abastecimento, refeição e permanência. A proximidade destes espaços a uma das entradas do conjunto facilita igualmente momentos de carga e descarga associados ao funcionamento do mercado.

A galeria e o pátio deixam de funcionar apenas como espaços de circulação, passando a integrar formas de permanência associadas aos programas comuns através da introdução de namoradeiras, mobiliário exterior e zonas de estadia. Desta forma, refeições, encontros e momentos informais podem prolongar-se naturalmente para o exterior, reforçando a utilização coletiva do conjunto.

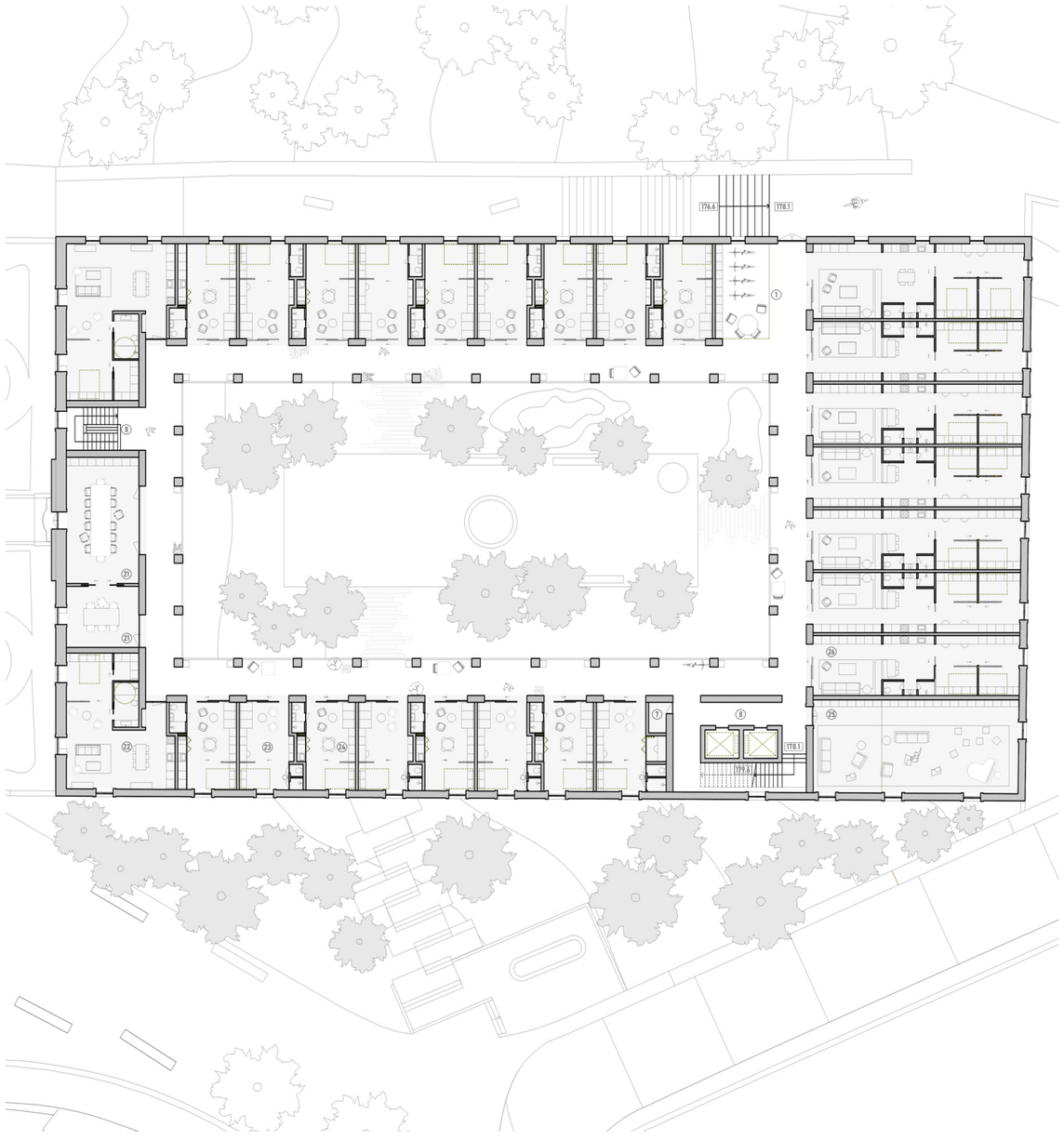
Os espaços de caráter mais resguardado localizam-se na ala superior do piso térreo, beneficiando de maior tranquilidade e melhor exposição solar. Nesta ala localizam-se a creche e a sala de leitura, estabelecendo uma relação próxima com a capela existente e com o pátio interior. Esta proximidade permite que o próprio pátio possa ser apropriado pelas crianças como extensão do espaço da creche.

A lavandaria comunitária posiciona-se próxima do acesso vertical, associada às práticas quotidianas do habitar, enquanto as oficinas produtivas se localizam junto ao novo atravessamento, promovendo formas de partilha intergeracional. Estes espaços permitem ainda que determinadas atividades se prolonguem para a galeria ou para o pátio, intensificando a relação entre interior e exterior.

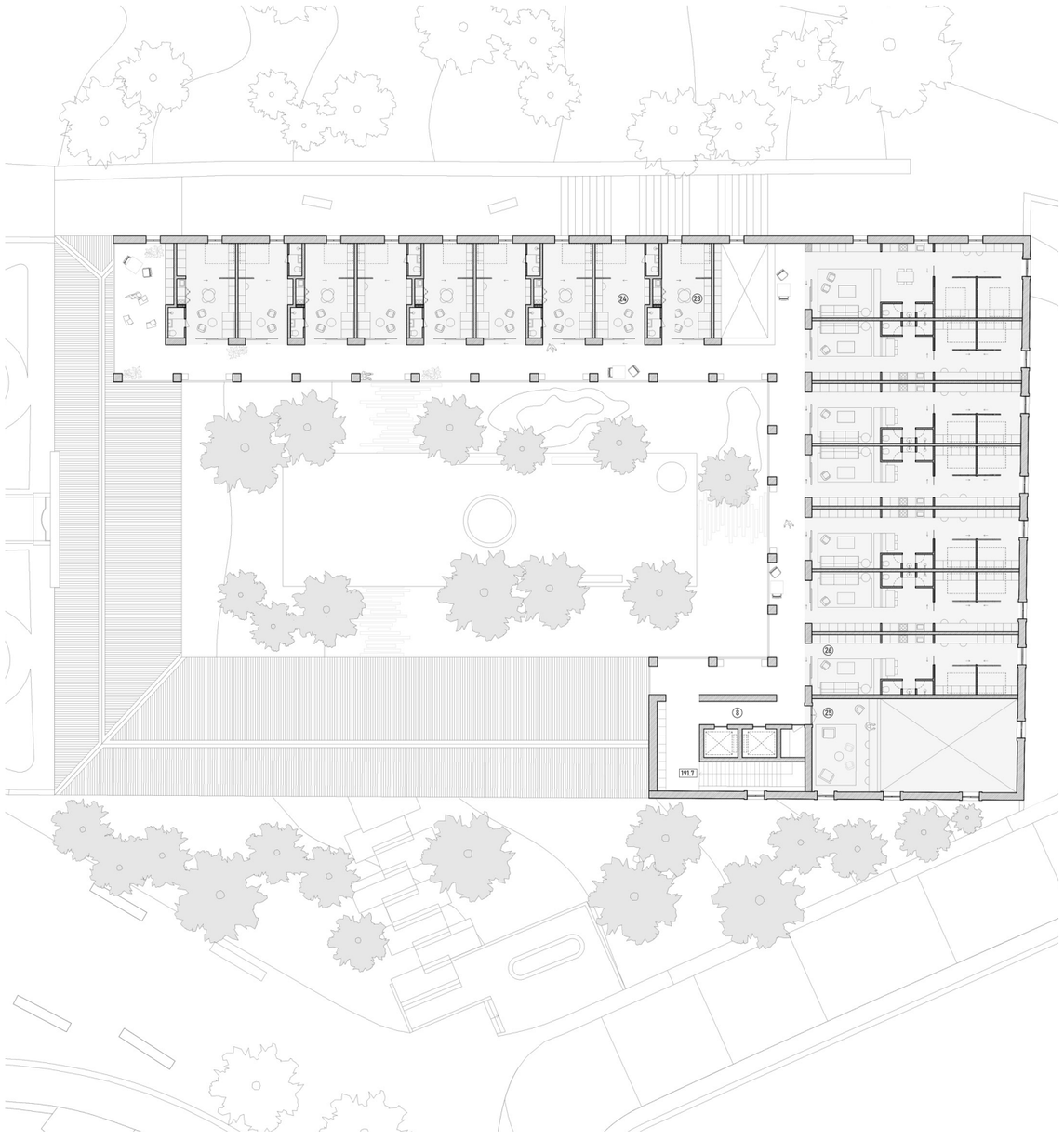
Nos pisos superiores, o programa adquire um caráter progressivamente mais doméstico e privado, concentrando as diferentes tipologias habitacionais e os espaços coletivos de apoio ao habitar.

Para além das habitações, introduzem-se salas de reunião, espaços de permanência e uma sala comum destinada à leitura, música e convívio informal, reforçando a dimensão comunitária da vida doméstica.

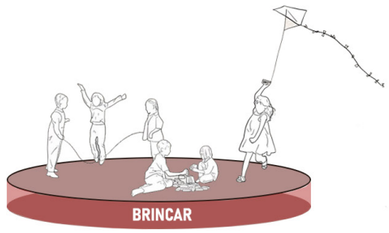
4.04 | Planta programática piso 1

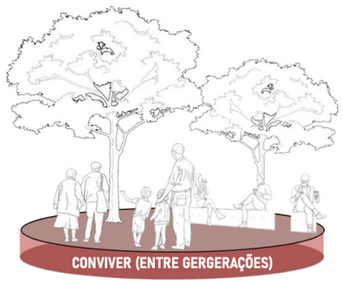


4.05 | Planta programática piso 2



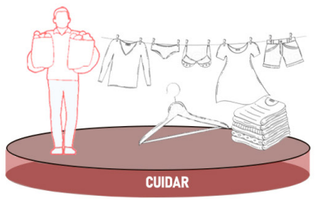
4.06 | Esquema das ações

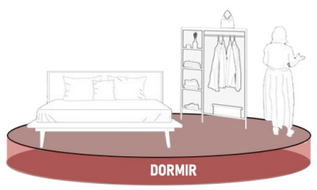


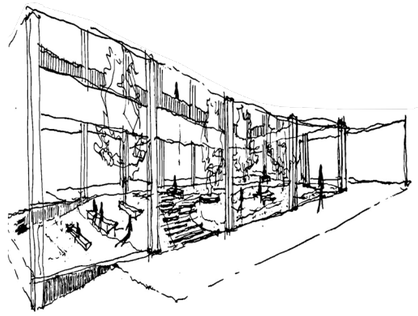


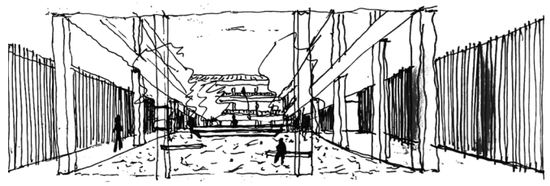


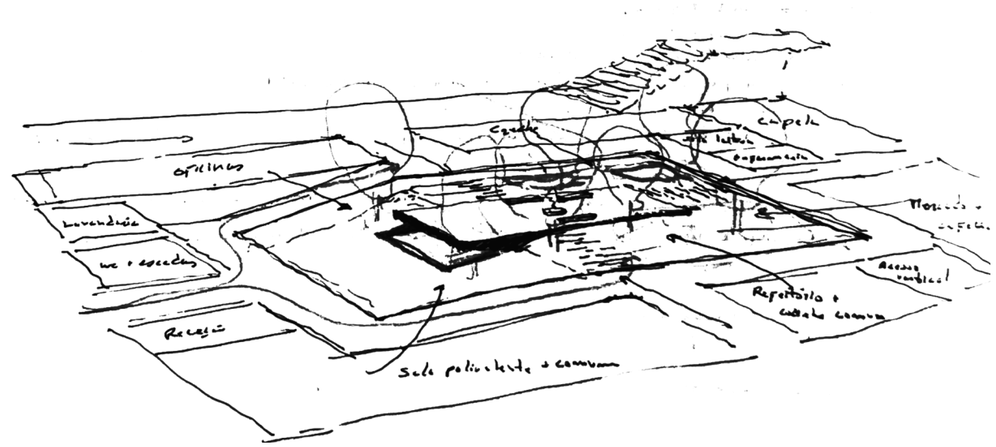












Reativação do pátio central

A proposta procura transformar o pátio central num espaço continuamente apropriado pela vida quotidiana do edifício e do bairro, convertendo os atravessamentos e movimentos gerados pelo conjunto em oportunidades de permanência, encontro e convivência. O antigo vazio central associado à lógica institucional do Asilo deixa, assim, de funcionar apenas como espaço de passagem para passar a estruturar a dimensão coletiva do conjunto.

No centro do pátio é introduzida uma plataforma multifuncional destinada à realização de pequenas festividades, concertos ao ar livre, palestras e encontros associados à vida do edifício e do bairro.

Mais do que definir um elemento rígido ou excessivamente programado, a proposta procura criar uma estrutura aberta à apropriação e transformação ao longo do tempo.

Em articulação com esta plataforma mantém-se a fonte preexistente, entendida como elemento agregador e ponto de permanência no espaço coletivo, sendo igualmente introduzido um pequeno quiosque de apoio associado à utilização quotidiana do pátio.

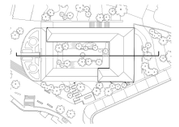
Em torno deste espaço central desenvolvem-se zonas verdes e pequenas deformações topográficas que permitem diferentes formas de utilização informal do espaço. Estas áreas funcionam como extensão dos programas coletivos do piso térreo, acolhendo momentos de refeição, permanência, brincadeira ou encontro, permitindo que diferentes ritmos e formas de apropriação coexistam naturalmente ao longo do dia.

A antiga galeria semiaberta é restituída como espaço intermédio entre habitação, circulação e pátio, reforçando a relação quotidiana entre o interior do edifício e o espaço coletivo.

No rés-do-chão assume um caráter mais público e ativo, associado aos programas coletivos.

Nos pisos superiores adquire uma expressão mais doméstica e resguardada, funcionando como mediação entre habitação e vida coletiva.

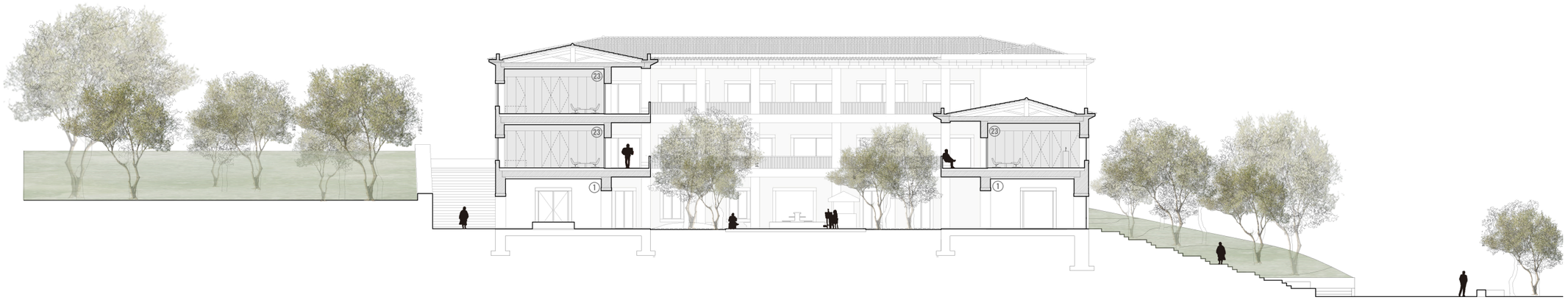
4.07 | Secção longitudinal novo
Secção longitudinal antigo



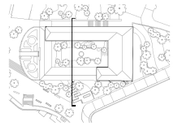


1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

4.08 | Secção transversal novo
Secção transversal antigo

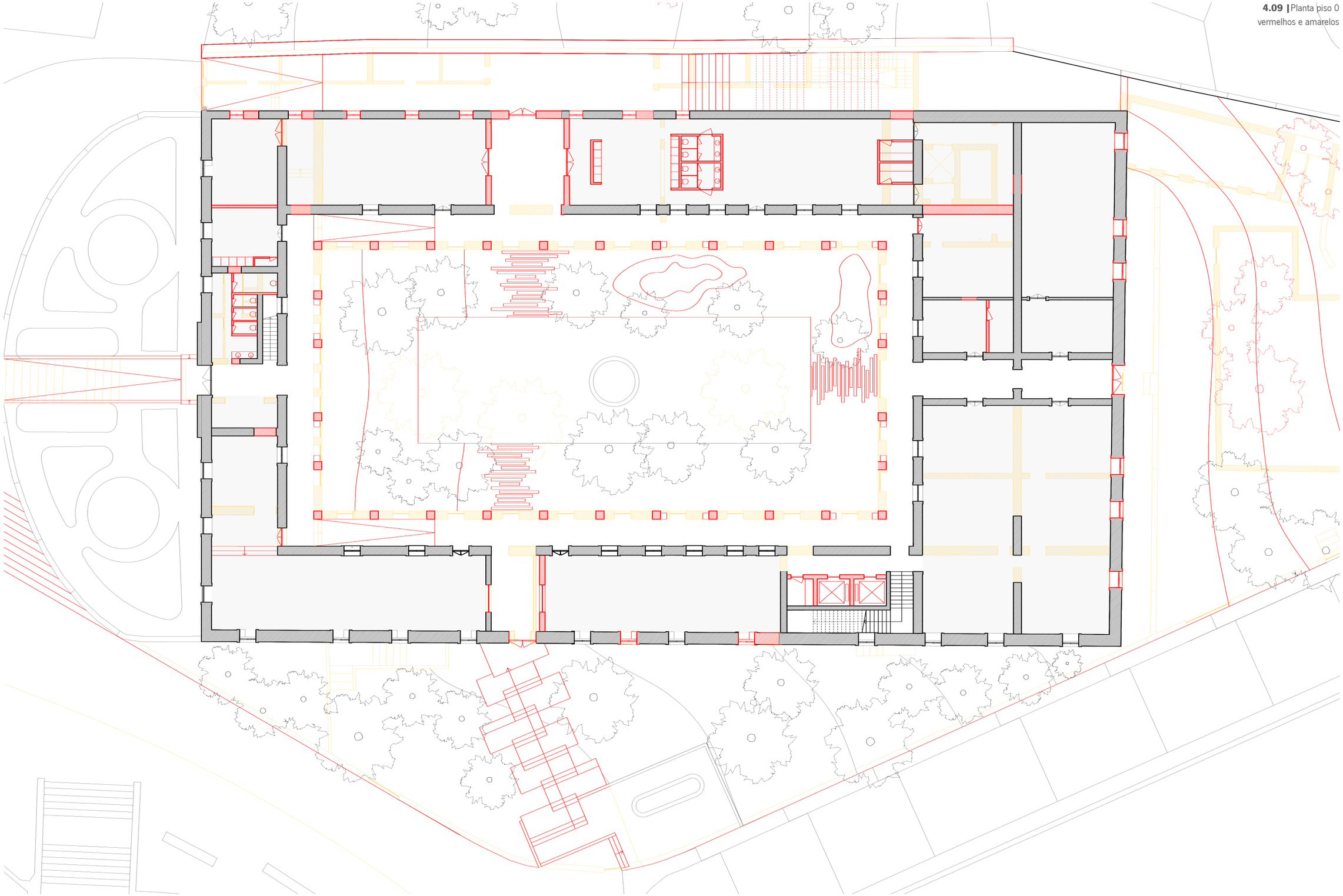




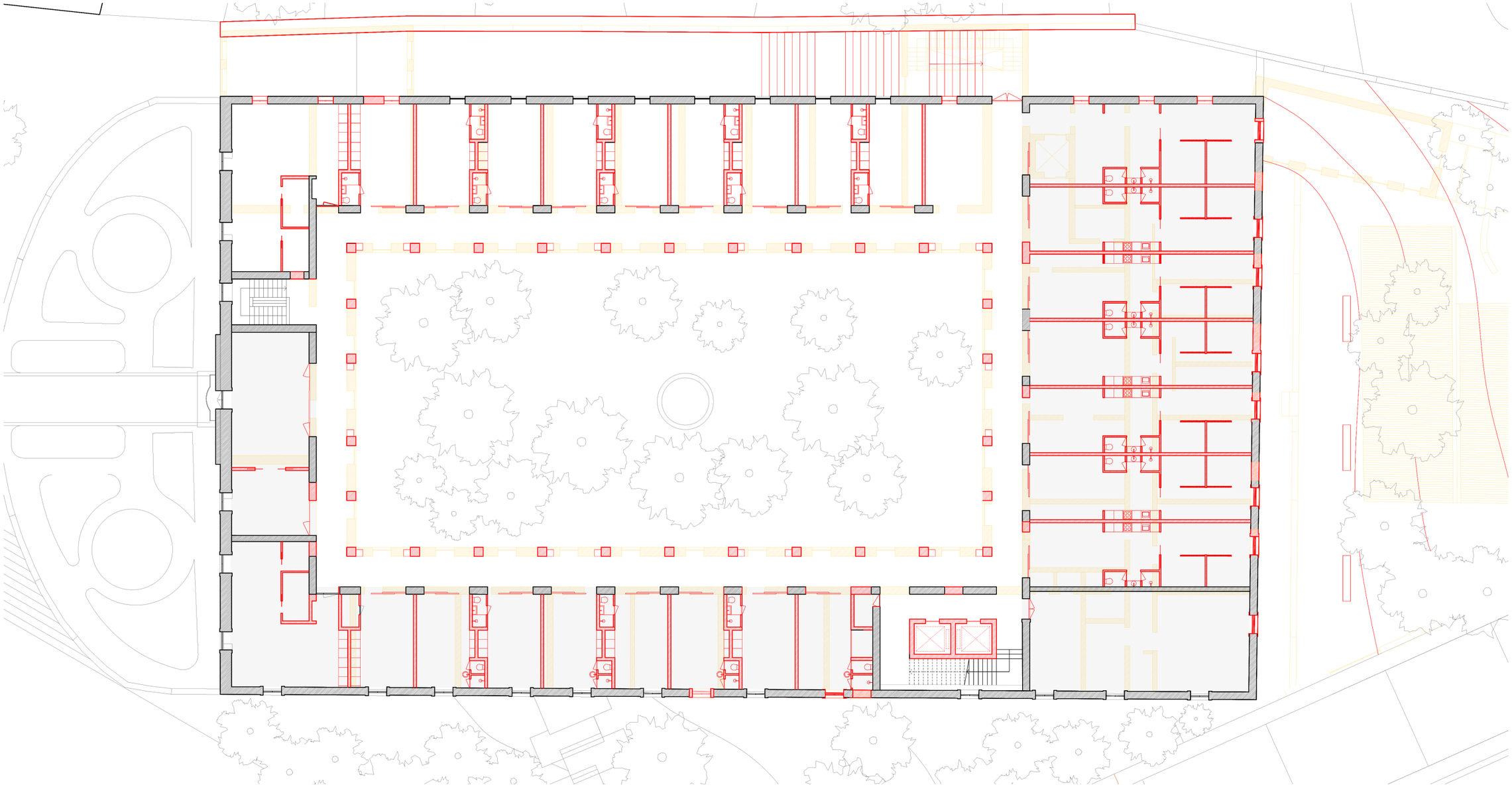


1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Antecâmara
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de permanência
26 Tipologia famílias

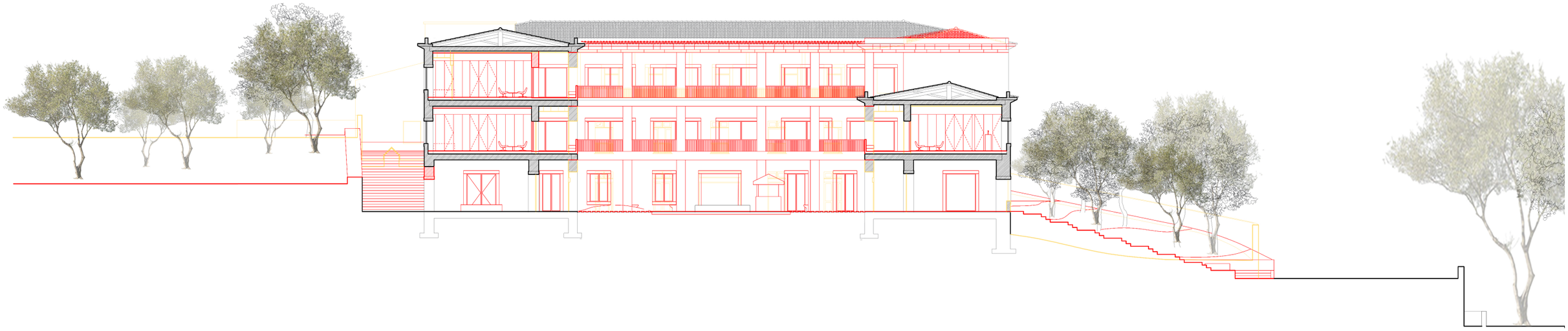
4.09 | Planta piso 0
vermelhos e amarelos

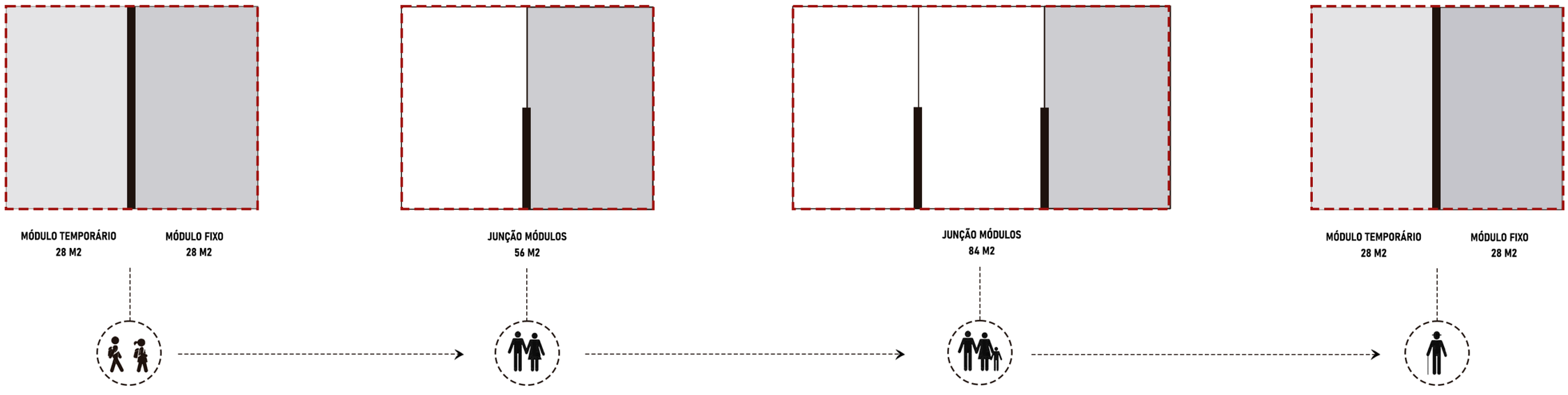


4.10 | Planta piso 1
vermelhos e amarelos



4.11 | Secção transversal
vermelhos e amarelos





5.00 | Esquema estrutura habitacional evolutiva

Organização da estrutura habitacional

A estrutura habitacional parte da reinterpretação da antiga "cela" do Asilo, originalmente associada a uma lógica repetitiva e rigidamente compartimentada.

A intervenção procura transformar esta unidade num sistema habitacional adaptável e evolutivo, afastando-se da lógica funcionalista associada ao modelo moderno de habitação fixa.

Em oposição ao movimento funcionalista associado à habitação enquanto objeto fechado e definitivo, a proposta entende o espaço doméstico como estrutura aberta à transformação, capaz de acompanhar diferentes formas de habitar e a evolução do agregado ao longo do tempo.

Neste sentido, a arquitetura deixa de definir uma configuração final estática para passar a estabelecer um sistema capaz de integrar adaptação, apropriação e crescimento progressivo da habitação.

Esta abordagem aproxima-se dos princípios do Open Building desenvolvidos por N. John Habraken, (HABRAKEN, Supports: An Alternative to Mass Housing) onde a habitação é entendida como processo contínuo e não como solução acabada.

No Asilo, esta lógica desenvolve-se a partir da métrica existente da antiga galeria semiaberta de circulação perimetral. O vão entre pilares é assumido como unidade base da intervenção, estabelecendo uma grelha repetível que organiza a implantação, distribuição e possível agregação dos módulos habitacionais.

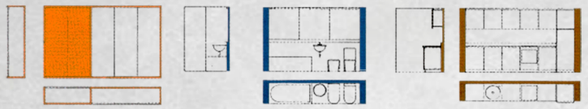
A estrutura existente deixa, assim, de funcionar apenas como suporte físico do edifício para passar a assumir um papel regulador na organização do sistema habitacional.

A proposta assenta, desta forma, na distinção entre Support e Infill formulada por Habraken (HABRAKEN, Supports: An Alternative to Mass Housing). O Support corresponde à dimensão permanente do edifício — estrutura portante, circulação e infraestruturas principais — enquanto o Infill integra os elementos variáveis e apropriáveis da habitação. A intervenção opera predominantemente ao nível do Infill, introduzindo uma nova camada habitacional reversível dentro da permanência construída do Asilo.

DISPOSITIVOS SISTÉMICOS

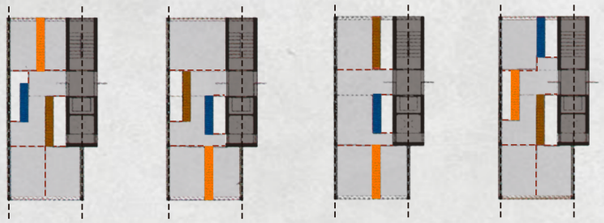
ABC SYSTEM

PRINCÍPIO



- *Organização da habitação a partir de três núcleos técnicos que concentram infraestruturas.*
- *Grelha estrutural fixa*
- *Área total da unidade mantém-se constante*
- *Estrutura independente da compartimentação*

MECANISMO DE VARIAÇÃO



- *Deslocação estratégica dos núcleos dentro da grelha*
- *Espaço restante torna-se fluido e configurável*
- *Paineis móveis substituem compartimentação rígida/fixa*

CONFIGURAÇÃO ESPACIAL

- *Diversidade tipológica sem alterar a estrutura (diversidade nasce da reorganização interna)*
- *Flexibilidade interna controlada por regras métricas*
- *Ritmos diferenciados na fachada resultantes da variação interior*
- *Variação interior do espaço através da relação de posicionamento entre os 3 núcleos e a forma como o espaço restante é compartimentado*

RAIL SYSTEM

PRINCÍPIO



Organização da habitação é estruturada por faixas funcionais longitudinais paralelas.

FAIXA TÉCNICA

- *Localizada junto a uma parede/fachada*
- *Concentra cozinha, instalações sanitárias e infraestruturas*
- *Linha contínua de serviços*

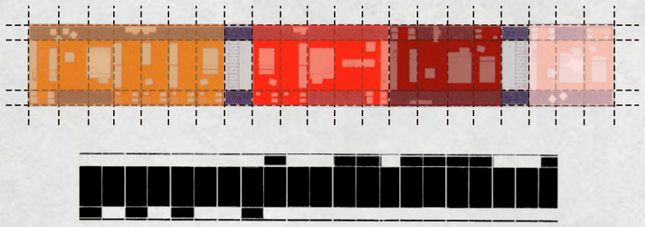
FAIXA DE TRANSIÇÃO

- *Galeria, varanda ou corredor habitável*
- *Mediação espacial e ambiental*
- *Graduação entre interior e exterior*

FAIXA HABITÁVEL

- *Campo central mais amplo*
- *Livre de constrangimentos técnicos*
- *Permite múltiplas configurações com divisórias leves*

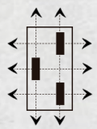
CONFIGURAÇÃO ESPACIAL



- *Concentração linear dos elementos fixos*
- *Libertação do campo central*
- *Variação interna sem alterar a métrica estrutural*
- *A organização em faixas no interior reflete-se frequentemente na própria fachada.*

COMPARAÇÃO SISTEMAS

ABC SYSTEM



ABC → variação por deslocação de núcleos

ABC: a flexibilidade resulta da deslocação dos núcleos técnicos dentro de uma unidade com perímetro fixo. A diversidade tipológica nasce da mobilidade interna dos elementos.

RAIL SYSTEM

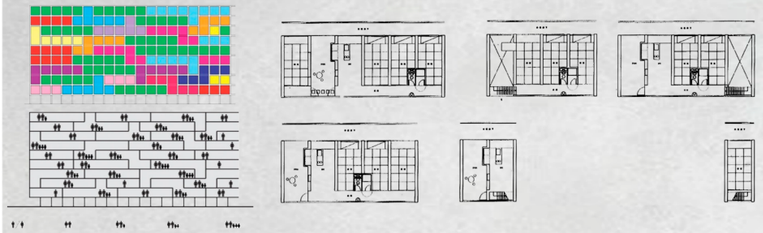


Rail variação por libertação longitudinal

Rail a flexibilidade resulta da organização em faixas fixas, com os serviços concentrados numa linha contínua. A variação ocorre apenas no campo central libertado.

REFERÊNCIAS

GIFU APARTMENTS |



MATRIZ ESTRUTURAL COMO SUPORTE AUTÓNOMO

- *O edifício organiza-se a partir de uma grelha estrutural regular que define ritmo e ordem, funcionando como suporte*

INDEPENDÊNCIA ENTRE ESTRUTURA E

- *A estrutura não impõe uma única organização doméstica. Dentro da mesma métrica, as unidades apresentam variações em planta e em corte, demonstrando que a forma habitacional não coincide rigidamente com o sistema estrutural.*

SEQUENCIALIDADE LINEAR

- *A galeria exterior longitudinal estrutura o acesso e organiza a repetição das unidades, estabelecendo uma relação clara entre circulação e habitação.*

INTERSTÍCIO COMO ESTRUTURA ESPACIAL

- *Os vazios entre blocos e as galerias não são residuais, são elementos estruturantes: O vazio não é sobra, é parte do sistema e operam como dispositivos espaciais que garantem luz, ventilação e relações visuais transversais, qualificando o conjunto.*

ELASTICIDADE CONTROLADA

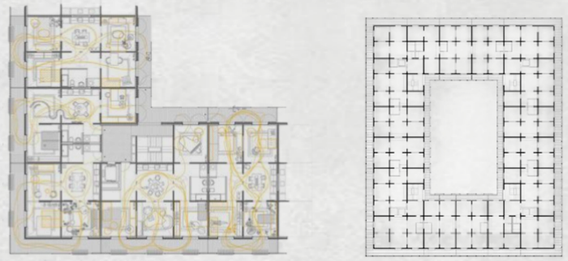
- *Não se trata de um sistema evolutivo participativo, mas de um sistema modular estável que admite variação interna dentro de limites definidos pela matriz estrutural.*

PRINCÍPIOS RAIL SYSTEM

- *Estrutura regular em grelha*
- *Galeria longitudinal exterior*
- *Unidades organizadas em sequência*
- *Relação linear entre circulação e habitação*

A separação entre estrutura e organização doméstica evidencia uma lógica próxima do Open Building, onde o suporte estabelece o campo estrutural e a habitação se configura como sistema adaptável dentro dessa matriz.

MODULUS MATRIX | PERIS + TORAL



MATRIZ ESTRUTURAL COMO INFRAESTRUTURA

- *Estrutura regular repetitiva*
- *Sistema modular contínuo*
- *Campo dimensional pré-definido*

VARIAÇÃO CONTROLADA

- *Diferentes agregações dentro da mesma métrica*
- *Portas deslizantes permitem reconfiguração*
- *Compartimentação reversível*
- *Espaços podem fundir-se ou segmentar-se*

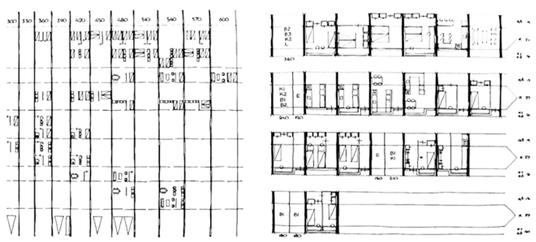
SISTEMA COMO CAMPO EVOLUTIVO

- *Não é objeto isolado*
- *É uma matriz potencialmente expansível*
- *A repetição permite diferenciação*

A matriz estrutural funciona como infraestrutura espacial que estabelece um campo dimensional onde diferentes configurações domésticas podem emergir sem alterar o sistema base.

UNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ABRAKEN



1- RUTURA

- *Contra a habitação moderna fechada*
- *A casa não é um objeto acabado, a habitação é processo ao longo do tempo*

- *"A dwelling is not a thing that can be designed or made. A dwelling is a result, the result of housing process."*

- *Passagem de objeto determinado pelo arquiteto para estrutura capaz de integrar transformação (participação e flexibilidade).*

- *Os esquemas desenvolvidos por Habraken demonstram esta lógica através de um exercício sistemático de variação. Mantendo constante o suporte estrutural, o autor explora diferentes larguras modulares, diferentes combinações de cozinhas e instalações sanitárias, e distintas sequências espaciais.*

2- PRINCÍPIO ORGANIZATIVO

SUPPORT

- *Dimensão permanente definida pelo o arquiteto (estrutura, envolvente, Infraestruturas principais)*
- *Pertence à esfera coletiva*

INFILL

- *Dimensão variável não estrutural possível de ser alterada pelo utilizador (compartimentacao, organizacao espacial e adaptacao tipologica)*
- *Introduz diferentes níveis de permanência e decisão*
- *Permite mudança sem comprometer a estrutura base*

3- ZONAS/MARGENS

ZONAS

- *Campos espaciais dentro do suporte*
- *Definem compatibilidades funcionais (nao determina exatamente o que o espaço é, diz o que é compatível.)*
- *Organizam o potencial de ocupação, mas não determinam forma final*

MARGENS

- *Espaços de tolerância entre zonas*
- *Absorvem variações dimensionais e técnicas (permitem ajustes e faz com que a casa possa crescer e que haja adaptaçoes caso contrário, sem margens a casa nao consegue ser flexivel.)*
- *Garantem adaptabilidade*

4- ELASTICIDADE DO SISTEMA

- *Sem zonas: indeterminação*
- *Sem margens: rigidez*

- *As zonas e margens introduzem não apenas organização funcional, mas também campos não rigidamente programados. O espaço não totalmente determinado — o vazio — deixa de ser residual e passa a constituir condição necessária para a adaptação futura.*

- *O suporte mantém-se constante*
- *A métrica estrutura um campo dimensional*
- *Múltiplas configurações são possíveis*
- *Diversidade emerge sem alterar a estrutura coletiva*
- *A transformação ocorre ao nível do infill, sem intervenção na estrutura*
- *O sistema permite crescimento, redução ou reconfiguração ao longo do tempo*

STEPHAN KENDALL

QUEM CONTROLA, O QUÊ E QUANDO?

1- CONTROLO / DECISÃO

- *O edifício deve ser concebido como um sistema organizado por diferentes níveis de decisão ao longo do tempo*
- *O coletivo (arquiteto / promotor) define e controla os sistemas permanentes — estrutura, circulação e infraestruturas — na fase de projeto*
- *O utilizador apropria-se e transforma os sistemas mutáveis — módulos habitacionais e sua articulação — ao longo da ocupação*
- *A mudança ocorre em momentos distintos: o permanente mantém-se estável, enquanto o mutável pode ser reconfigurado continuamente, sem intervenção estrutural*

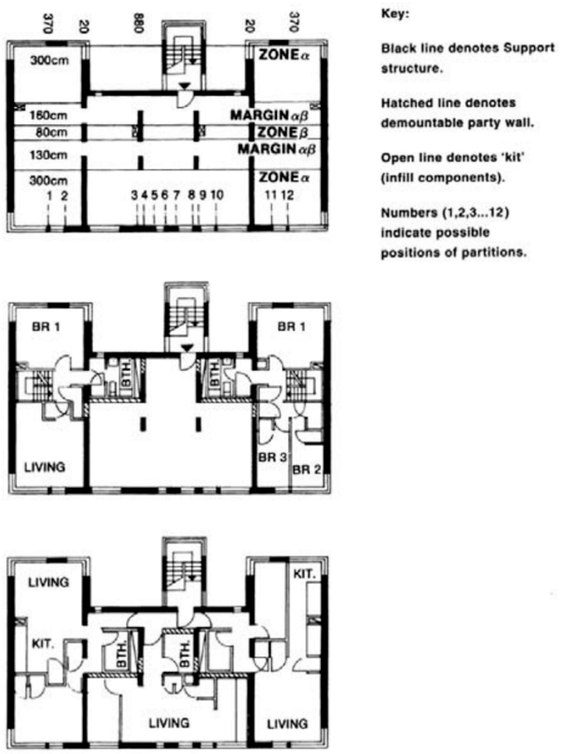


Fig. 4.35 Typical floor of the Support and alternative dwelling unit arrangements. Drawings courtesy of Nabeel Hamdi.

2- NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

LEVELS

- *O edifício organiza-se por níveis — estrutura, infraestruturas coletivas (circulações, redes técnicas e espaços comuns), unidade habitacional e interior.*
- *A estrutura e as infraestruturas coletivas são de longa duração; a unidade admite transformação ao longo do tempo; o interior é de mudança imediata*
- *Transformações como junção, divisão ou reconfiguração ocorrem ao nível da unidade e do interior, sem afetar os níveis permanentes*

Fig. 6.4 Conventional structural system for residential buildings in Japan. Drawing courtesy of Building Research Institute, Ministry of Construction.

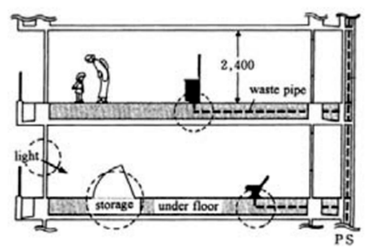


Fig. 6.5 Inverted Slab/Beam Support structure. Drawing courtesy of Building Research Institute, Ministry of Construction.

3- APLICAÇÃO

- *A mutabilidade é assegurada pela separação entre sistemas e pela utilização de divisões não estruturais*
- *Os núcleos técnicos concentram-se em faixas fixas, libertando o restante espaço para reconfiguração*
- *A ligação entre as diferentes unidades foi pensada de forma a permitir que as habitações possam crescer, reduzir-se ou reorganizar-se ao longo do tempo, através de pontos de união previamente previstos no sistema.*
- *O sistema funciona como uma estrutura aberta, capaz de acomodar transformação sem alterar a estrutura base do edifício*



Fig. 4.4 Residents installing an interior partition. Photograph courtesy of Metron Architects.

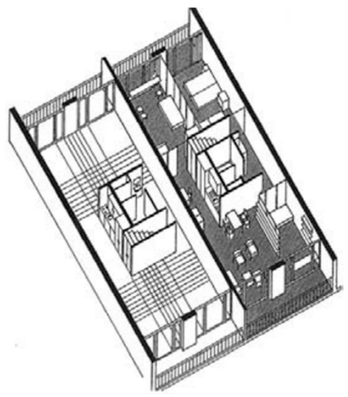


Fig. 4.3 Optional dwelling unit wall positions and example of a dwelling unit. Drawing by Hans Rusterholz and Alexander Henz, courtesy of Metron Architects.

JEREMY TIL + TATJANA SCHNEIDER

DESENHO DO ESPAÇO PARA SER FLEXÍVEL

1- OPERAR A FLEXIBILIDADE

- *A flexibilidade deve ser incorporada no desenho através de soluções que permitam múltiplas configurações sem alterar a estrutura*
- *O projeto deve antecipar a mudança, definindo quais os elementos que podem ser reconfigurados ao longo do tempo*

2- HARD/SOFT

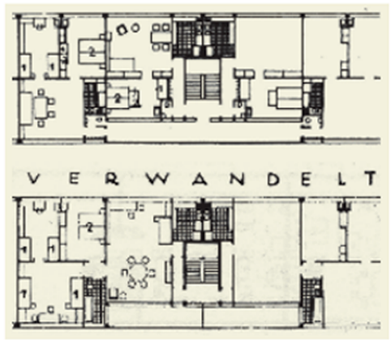
- *Adaptabilidade acomodação de diferentes usos sem alteração física*
- *Flexibilidade transformação do espaço através de reconfiguração física. Esta distinção reflete-se na relação entre sistemas "hard" (fixos) e "soft" (mutáveis)*
- *Sistemas hard (estrutura, circulações e infraestruturas técnicas) correspondem aos elementos permanentes e estáveis do edifício, concebidos para permanecer ao longo do tempo.*
- *Sistemas soft (compartimentação, organização e uso do espaço) dizem respeito às componentes flexíveis e adaptáveis, permitindo transformar o habitar sem alterar a base permanente do edifício.*
- *A flexibilidade resulta da separação clara entre estes dois sistemas*

3- APLICAÇÃO

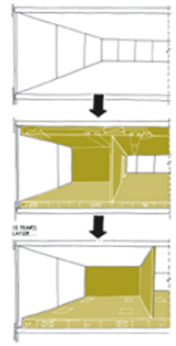
- *Paredes não estruturais permitem reconfiguração do layout*
- *Módulos combináveis permitem expansão ou redução da habitação*
- *Pontos de ligação entre unidades permitem agregação sem alteração estrutural*
- *Núcleos técnicos concetram-se em faixas fixas e evitam duplicação de infraestruturas na expansão*
- *Espaços neutros permitem múltiplos usos ao longo do tempo*



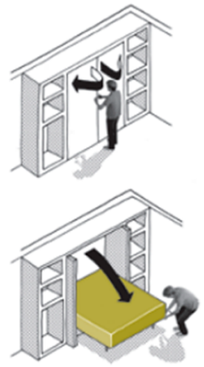
5.20 Überbauung Hellmutstrasse, ADP, 1991. Exterior with circulation spaces wide enough to sit out on. 109



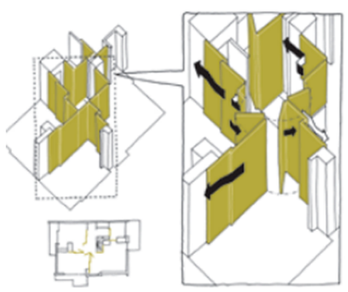
5.13 Verwandelbare Wohnung, Karl Schneider, 1927. Plans showing separated [above] and joined [below] units. In the latter case the balcony can be used as a private space. 012



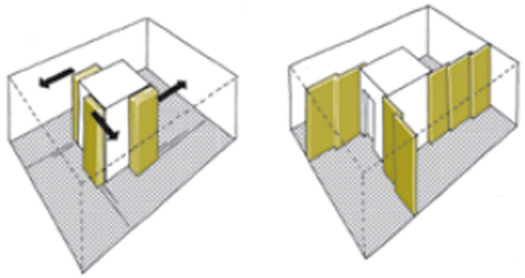
6.3 The space within the speculative office is indeterminate, allowing non-loadbearing partitions to be put in and removed at will.



7.16 Fold Down Bed.



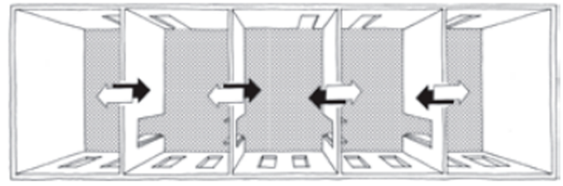
5.24 Schröder Huis, Diagram. 'There is a direct, almost simplistic, conviction that flexibility in architecture is best delivered through actual physical change.'



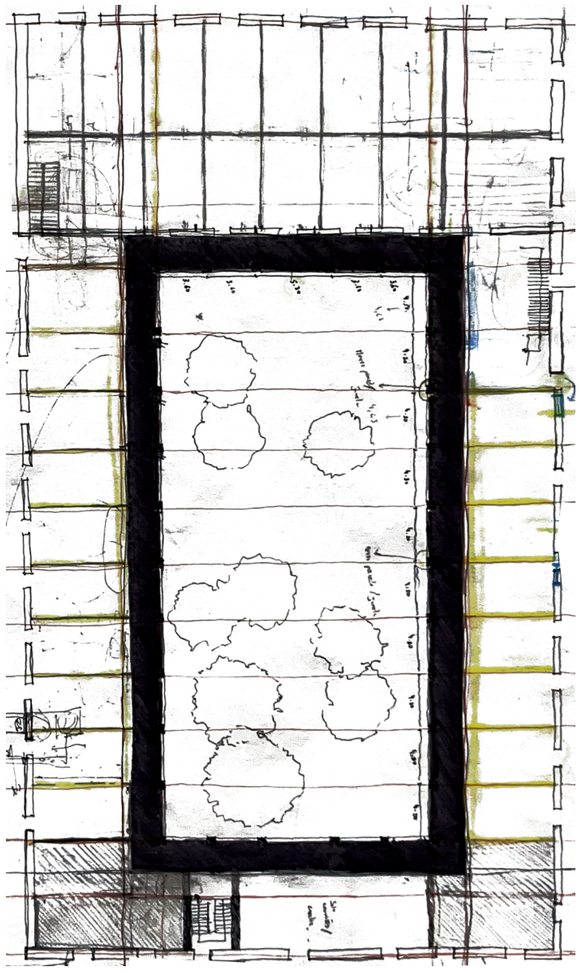
5.31 The idea of the fixed service core and looser planning of the remaining spaces, often with movable or adaptable partitions.



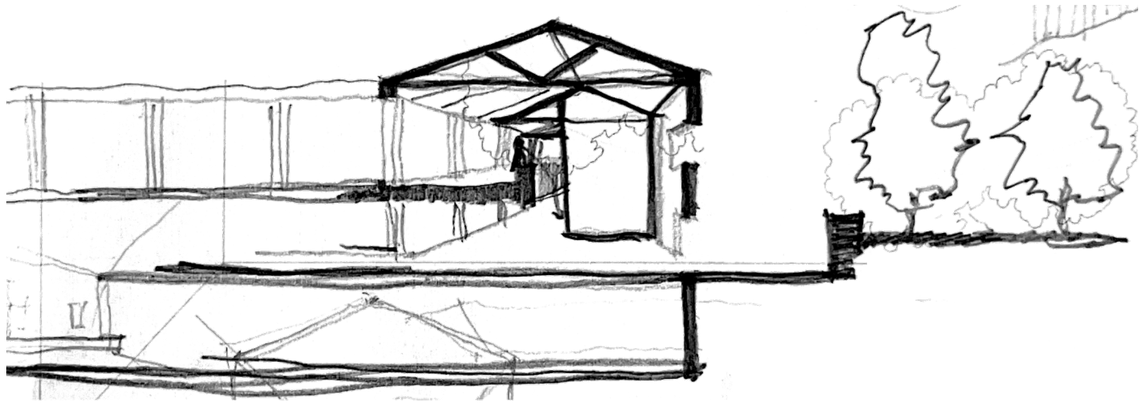
7.9 More than just circulation. A small increase in the width of the circulation space will allow other uses to take place.

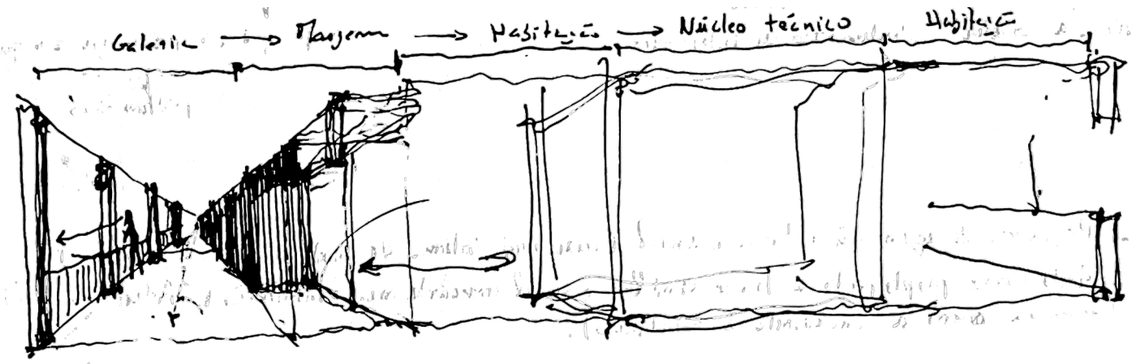


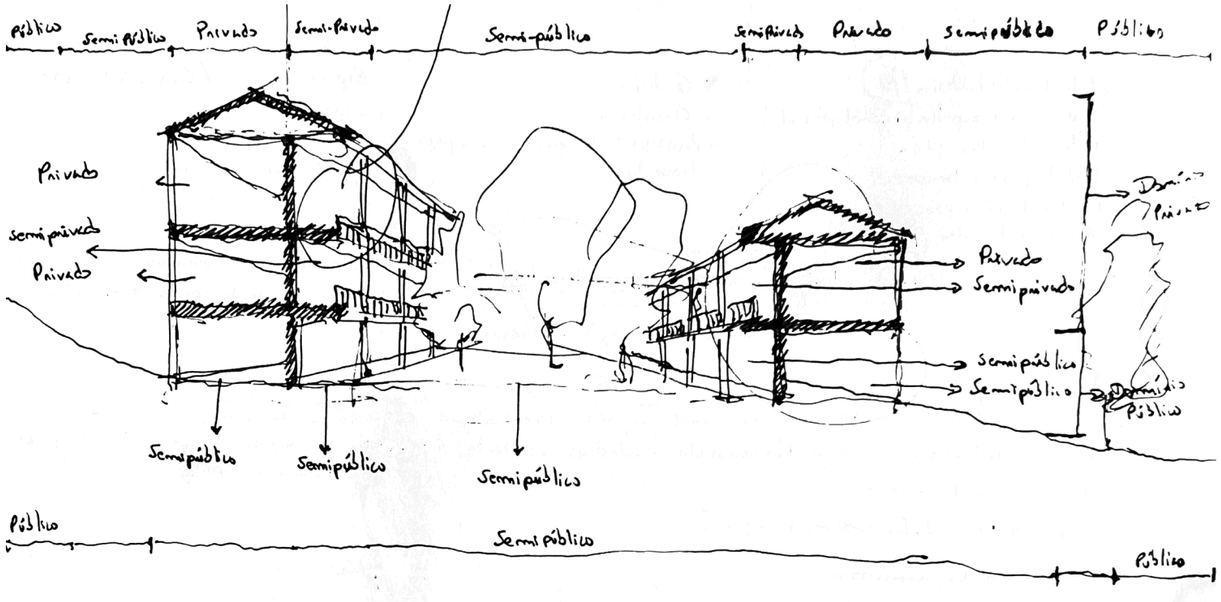
7.15 Enfilade.

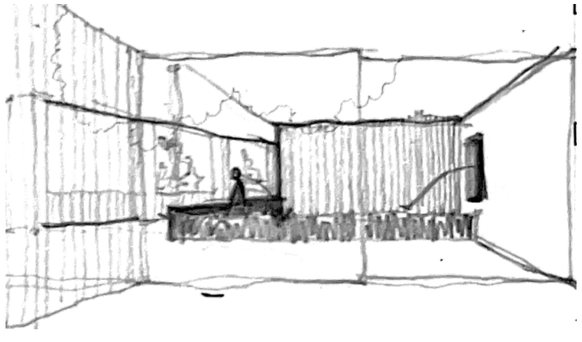


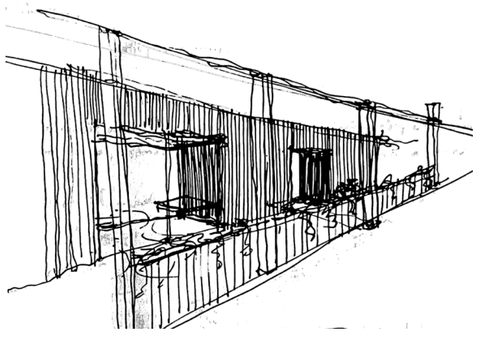


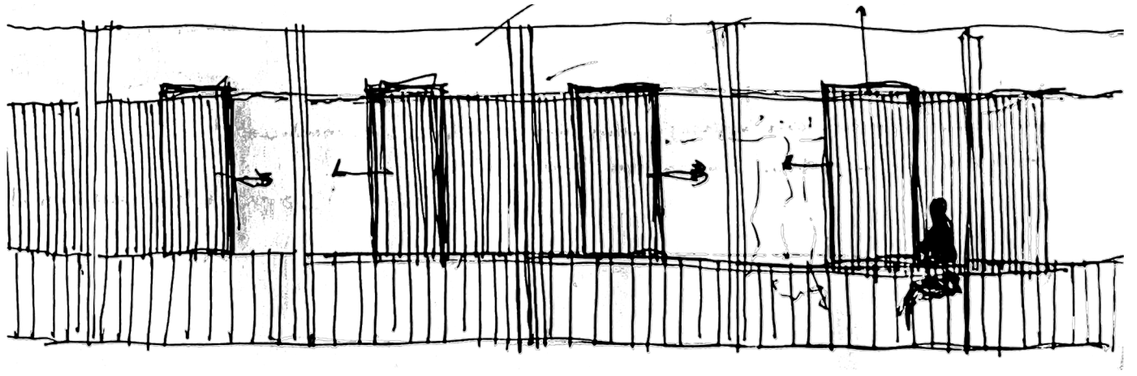


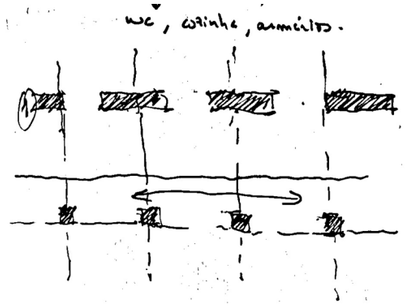

Galería
Mayores
Habitación
Núcleo técnico
Habitación

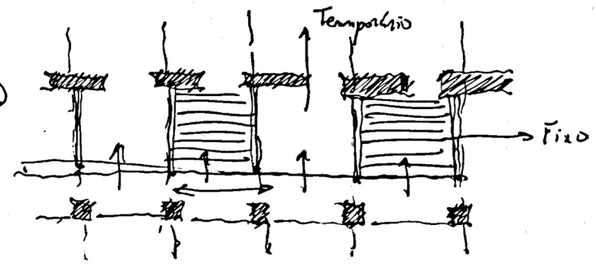

Público
Semipúblico
Privado
Semi-Privado
Semi-pública
Semiprivado
Privado
Semipúblico
Público
Privado
semiprivado
Privado
Privado
Semiprivado
Semipública
Semipúblico
Público
Semipúblico
Semipúblico
Semipúblico
Público
Semipúblico
Público

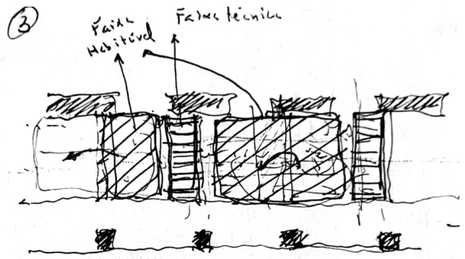


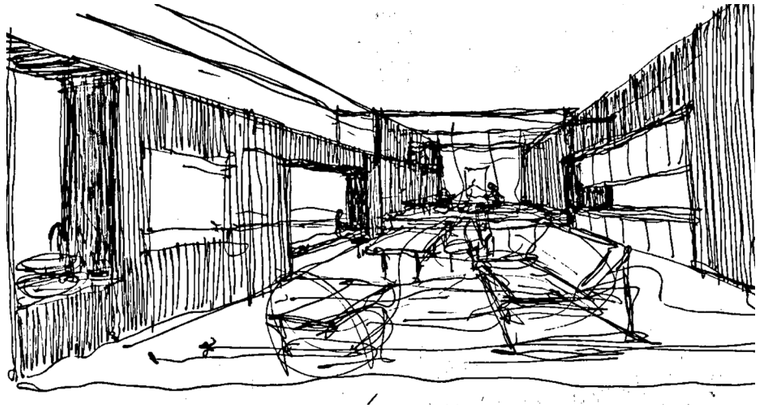


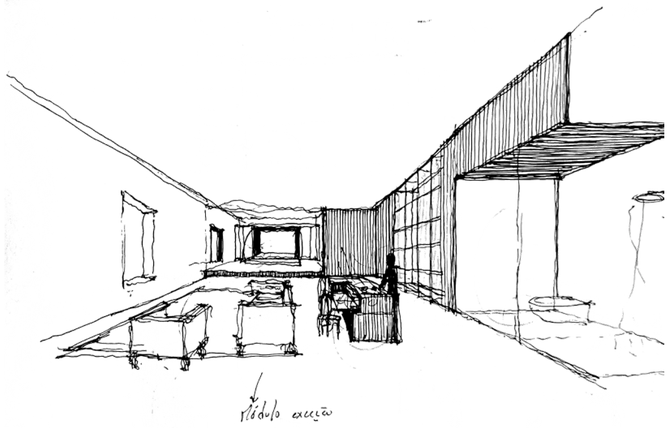


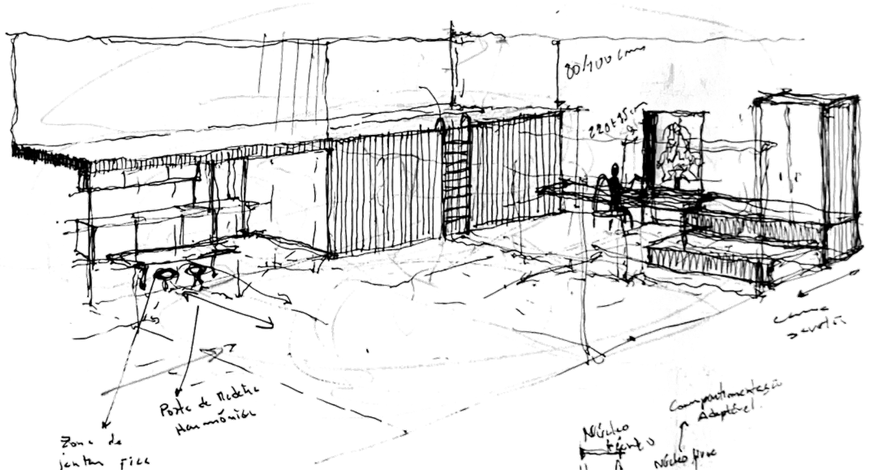

wc, cozinha, armários.
1

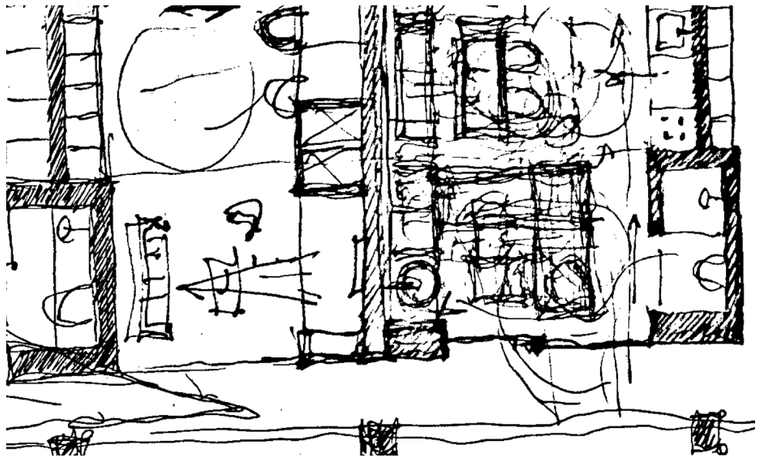

2
Temporário
Fixo

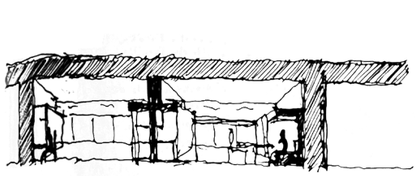

3
Parte Habitável
Faixa técnica

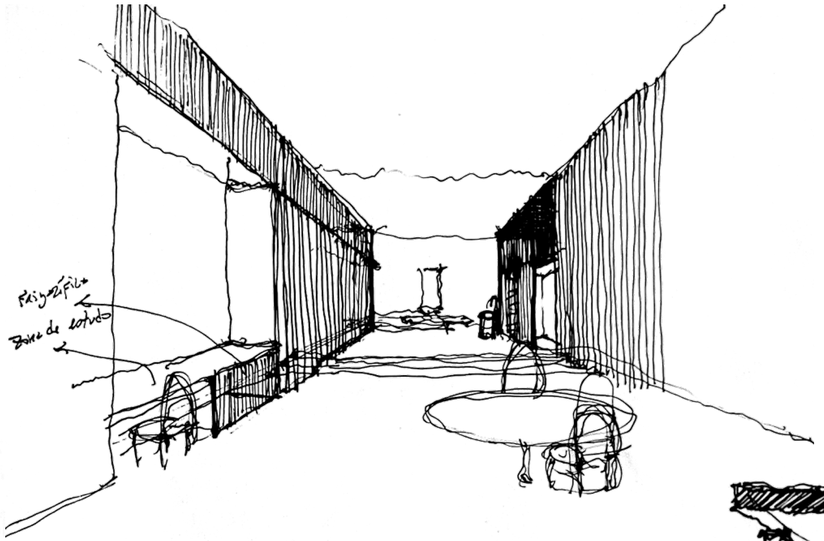


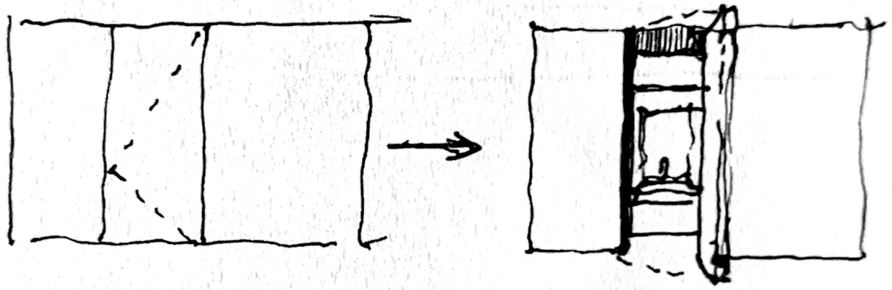

Módulo excisão

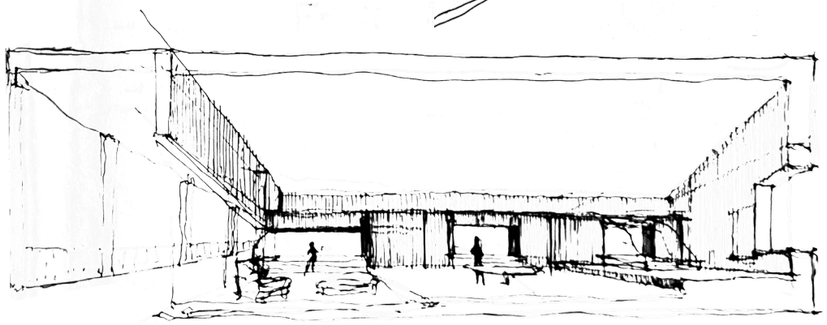

30/100 cm
220/55
Zona de leitura fixa
Parte de trabalho Harmónica
Comportamentos Adaptável
Núcleo fixo

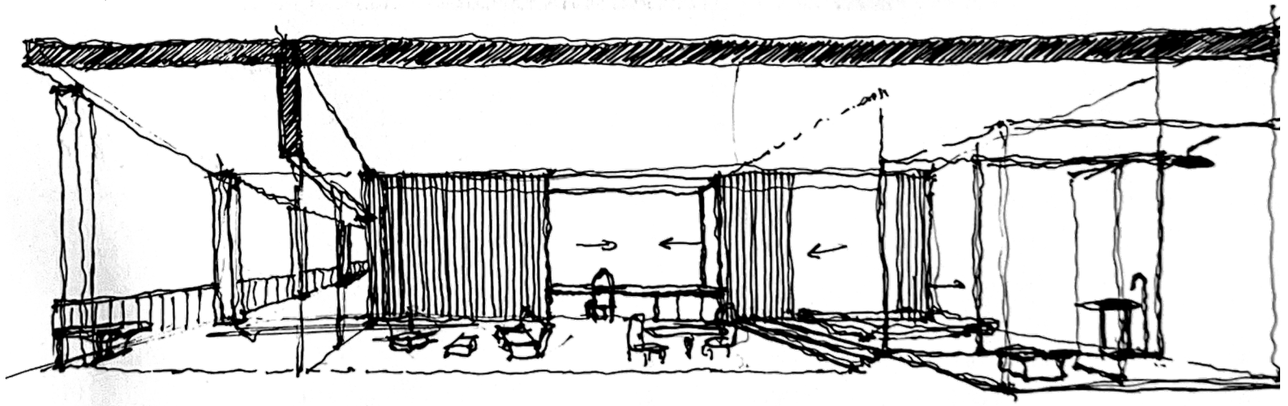




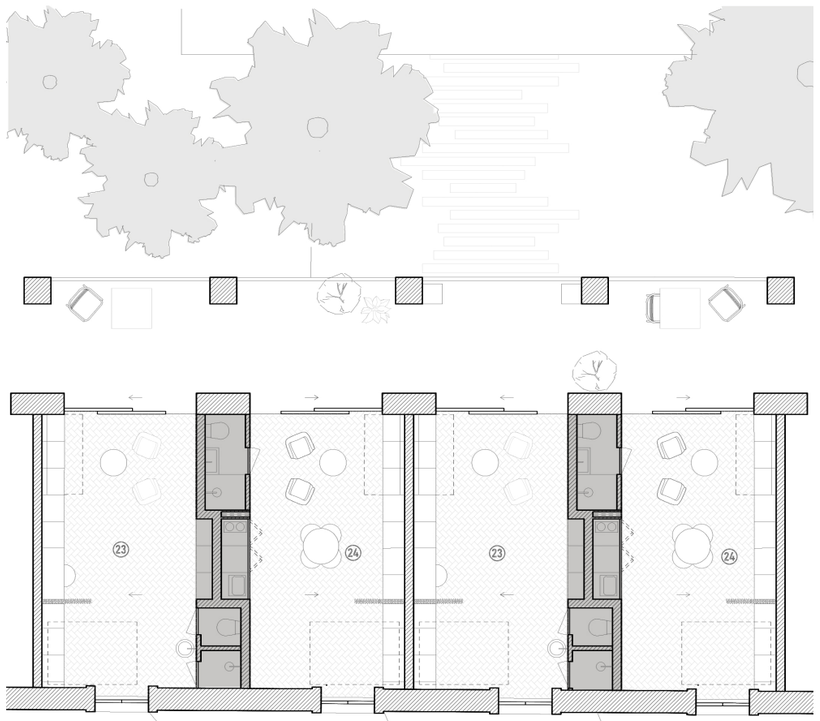

Paisagística
Zona de estudo







5.04 | Planta tipologia estúdio (módulo fixo + temporário)



5.05 | Axonometria explicativa
núcleos infraestruturais



Módulo habitacional fixo + temporário

O sistema habitacional desenvolve-se a partir de dois módulos complementares de igual área: um módulo fixo e um módulo temporário, ambos organizados através de um núcleo infraestrutural linear contínuo que concentra e distribui os elementos permanentes da habitação entre as duas unidades. Esta organização é aplicada nas alas de menor profundidade do edifício, onde a compactação das infraestruturas permite libertar o restante espaço doméstico, entendido como campo contínuo, adaptável e apropriável.

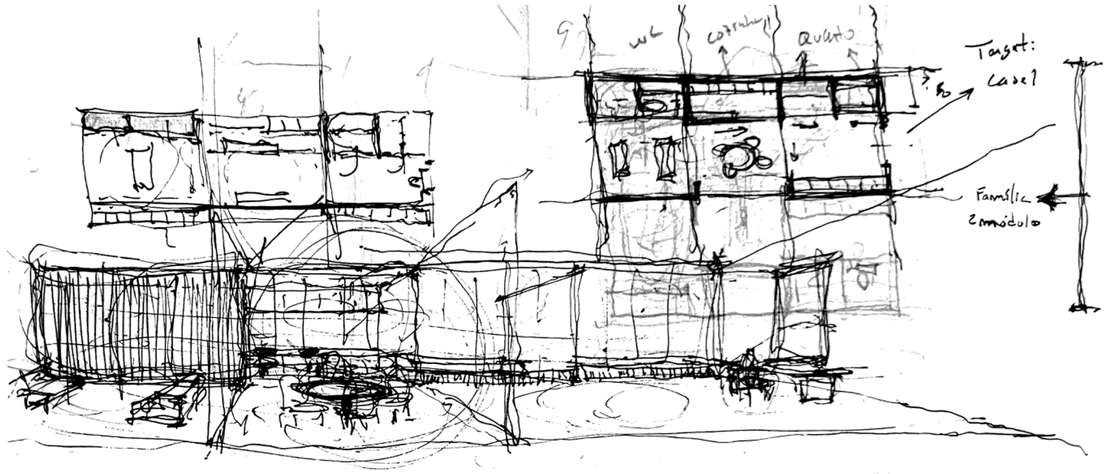
No módulo fixo localizam-se a cozinha e a instalação sanitária, enquanto o módulo temporário integra apenas uma instalação sanitária. A ausência de cozinha no módulo temporário resulta da sua condição transitória e da relação mais direta com os espaços coletivos do edifício, nomeadamente com a cozinha comunitária. Esta lógica procura responder a formas de habitar mais temporárias e partilhadas, associadas sobretudo à habitação estudantil, evitando simultaneamente a duplicação de infraestruturas dentro do sistema habitacional.

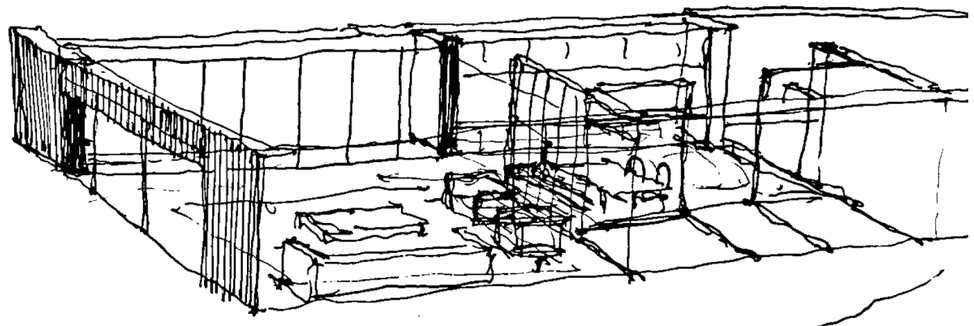
O restante espaço do módulo mantém-se livre e adaptável, permitindo diferentes configurações de utilização através da introdução de dispositivos flexíveis, como camas e sofás rebatíveis ou sistemas de cortinas que permitem dividir temporariamente o espaço sem recorrer a compartimentações permanentes. Esta abordagem aproxima-se da noção de Flexible Housing desenvolvida por Jeremy Till e Tatjana Schneider (Flexible Housing), onde a capacidade de adaptação e transformação quotidiana da habitação assume um papel central.

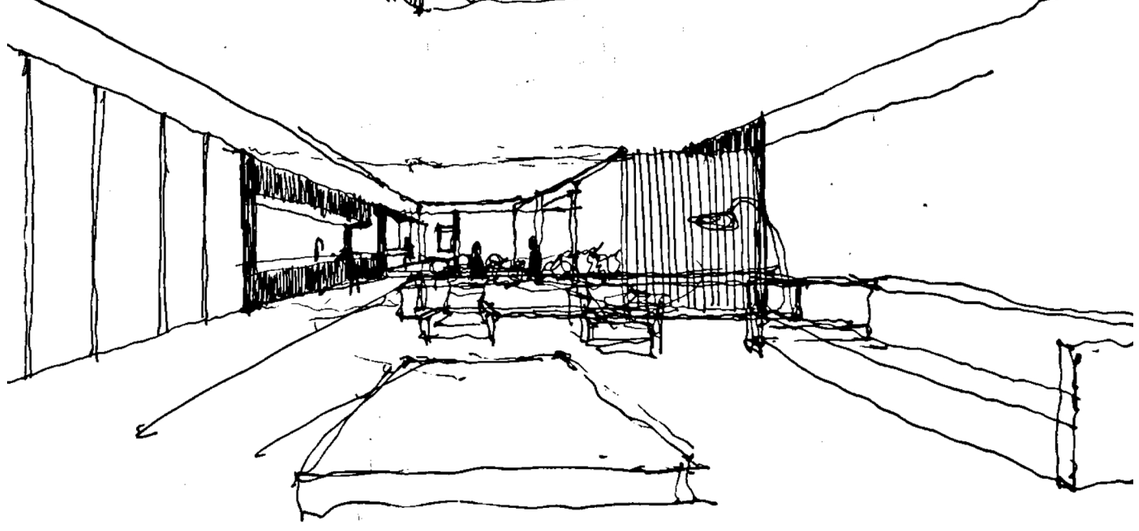
A organização do módulo resulta ainda de uma interpretação combinada entre o ABC System apresentado por Manuel Gausa (Housing: New Alternatives, New Systems) e o Rail System.

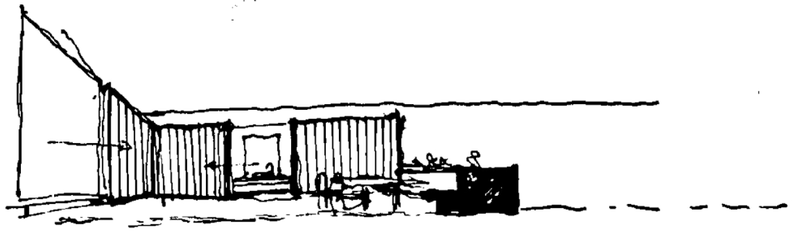
Do ABC System retém-se a compreensão da infraestrutura enquanto núcleo técnico estruturante.

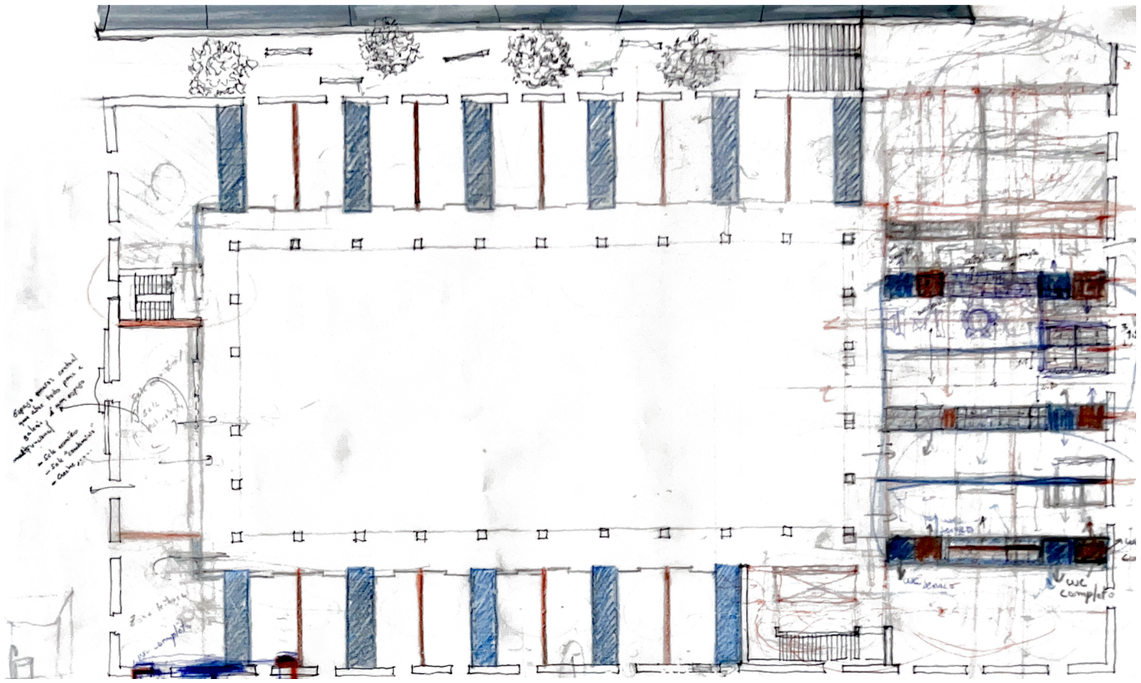
Do Rail System advém a libertação do espaço habitável através da concentração linear das infraestruturas, permitindo que a habitação funcione como um espaço contínuo e evolutivo.

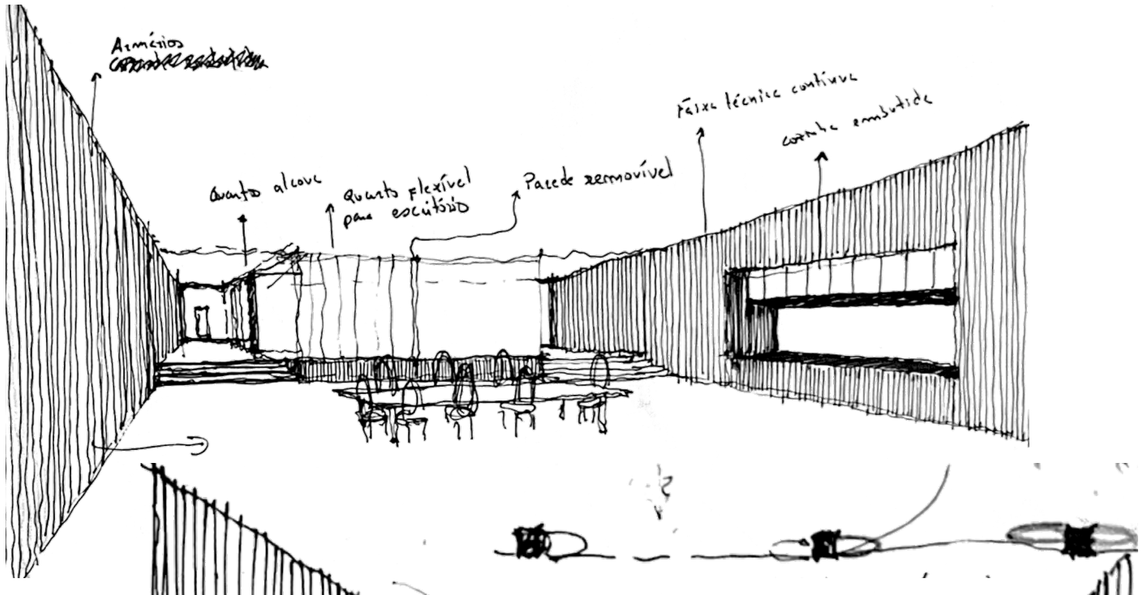

wc
corredor
quarto
Target:
casal
Família
2 módulos

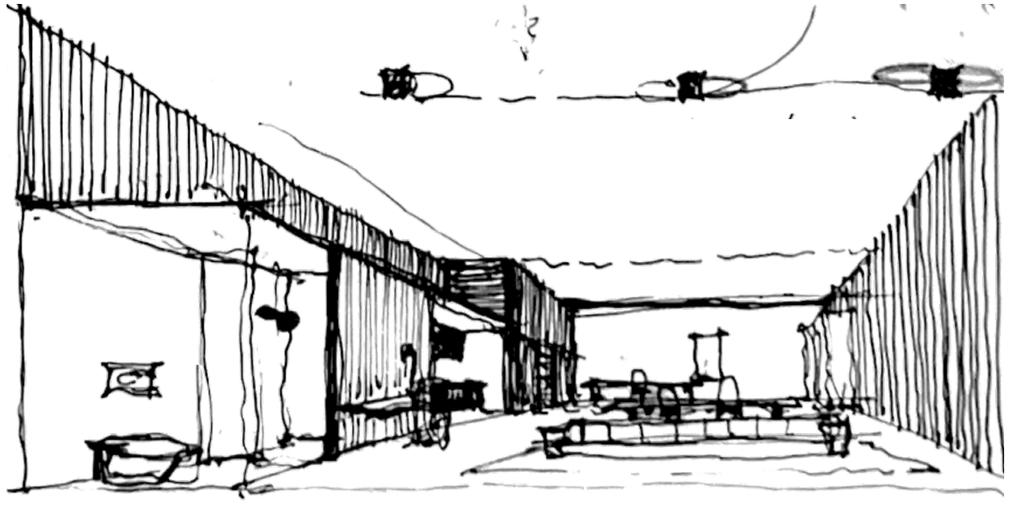




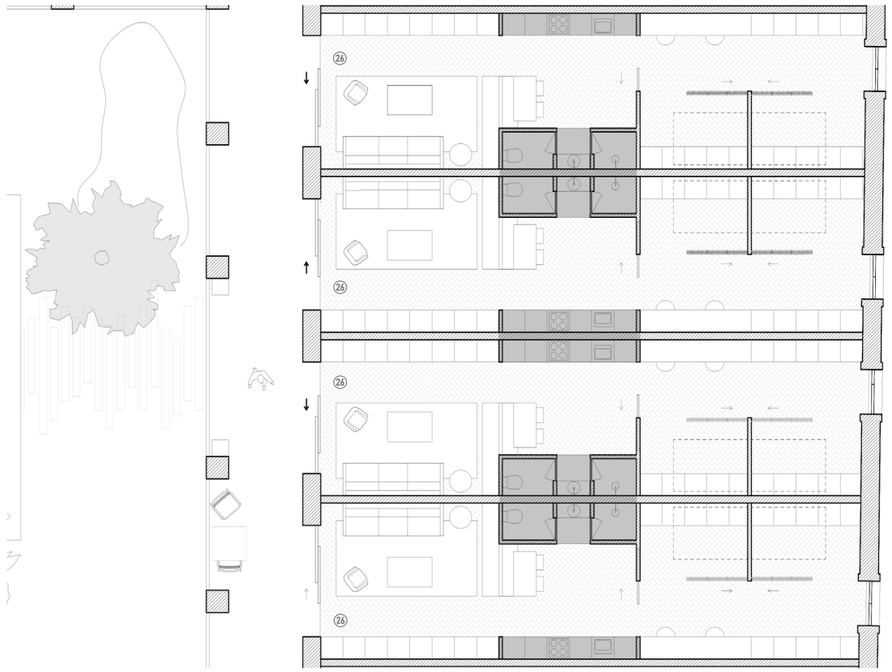




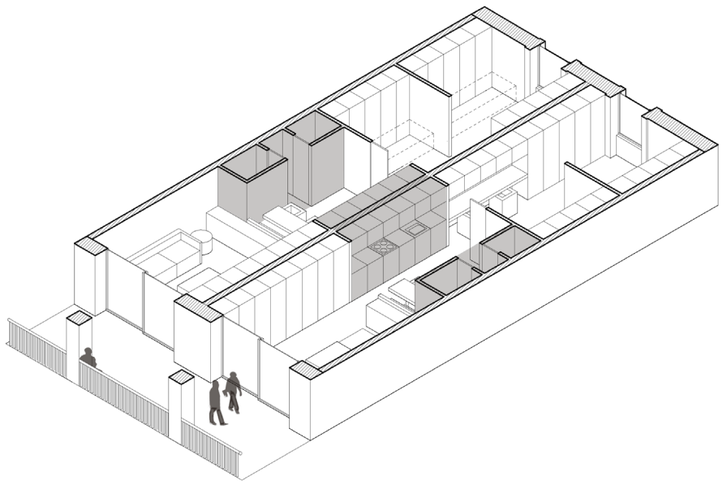

Armários
quarto alcove
quarto flexível
para escritório
Parede removível
Faixa técnica contínua
corrente embutida



5.06 | Planta tipologia famílias



5.07 | Axonometria explicativa
núcleos infraestruturais



Módulo habitacional famílias

Na ala de maior profundidade desenvolve-se um módulo habitacional destinado a agregados familiares. A organização da habitação parte de uma faixa infraestrutural central que concentra a cozinha e a instalação sanitária, estruturando espacialmente o módulo e permitindo definir diferentes graus de privacidade sem fragmentar excessivamente o espaço doméstico.

Junto à galeria localizam-se os espaços de estar e convivência quotidiana, estabelecendo uma relação mais direta com a luz, a circulação e a dimensão coletiva do conjunto. No extremo oposto organiza-se a zona mais resguardada da habitação, destinada aos quartos.

Entre ambas, a faixa infraestrutural funciona como elemento de mediação e organização espacial, mantendo continuidade visual entre as diferentes zonas da habitação e permitindo simultaneamente o atravessamento da luz natural e a ventilação cruzada ao longo de todo o módulo.

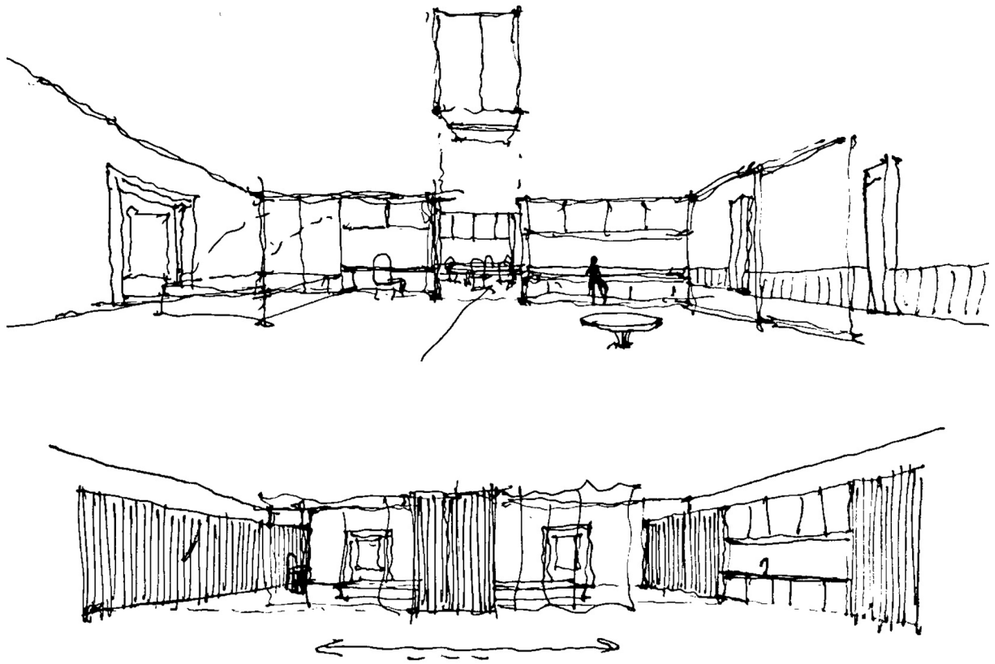
Esta lógica organizacional aproxima-se da estratégia desenvolvida por Peris+Toral no projeto Modulus Matrix, (PERIS+TORAL, Modulus Matrix, ArchDaily) procurando criar uma habitação aberta e adaptável através da redução da compartimentação rígida do espaço doméstico.

A instalação sanitária integra-se nesta lógica de compactação infraestrutural, sendo desenhada de forma a permitir a sua utilização simultânea por diferentes membros do agregado. A separação das diferentes necessidades em compartimentos autónomos com acessos independentes permite responder de forma mais eficiente às dinâmicas quotidianas da habitação familiar, apesar da existência de apenas uma instalação sanitária por módulo.

A organização do módulo procura evitar uma compartimentação rígida da habitação, permitindo que o espaço mantenha continuidade espacial e capacidade de adaptação ao longo do tempo.

Neste sentido, os quartos são definidos através da introdução de camas rebatíveis, cortinas deslizantes e elementos móveis que permitem transformar temporariamente o espaço consoante diferentes momentos de utilização.

O corredor associado aos quartos deixa, assim, de funcionar exclusivamente como espaço de circulação para passar a assumir um caráter apropriável e adaptável, podendo integrar momentos de brincadeira, estudo, trabalho ou permanência quotidiana.



Agregação e transformação tipológica

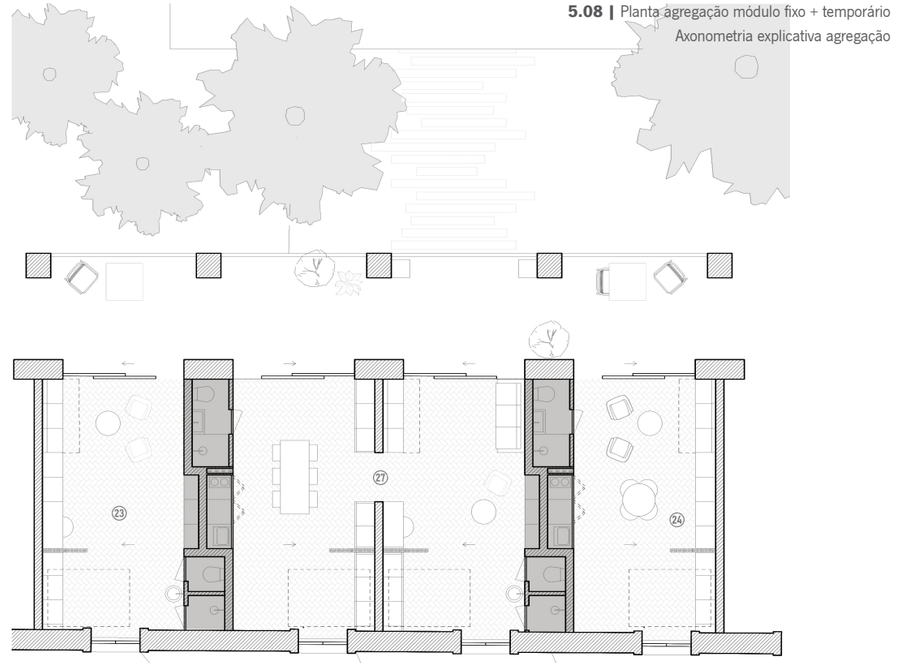
A lógica evolutiva do sistema habitacional manifesta-se através da possibilidade de agregação progressiva entre módulos, permitindo que a habitação acompanhe as transformações do agregado ao longo do tempo sem alterar a estrutura base do edifício. A agregação realiza-se através da remoção parcial de elementos não estruturais, possibilitando ampliar áreas de permanência, incorporar novos espaços privados e uma segunda instalação sanitária, adaptando progressivamente a habitação a diferentes formas de ocupação.

Nos módulos estúdio, esta transformação ocorre através da remoção parcial da parede central e de módulos de armários, permitindo unir duas unidades contíguas. Já nos módulos familiares, a agregação mantém a faixa infraestrutural central como elemento organizador da habitação, sendo criada uma ligação direta entre as zonas de estar através da remoção integral da parede entre salas, permitindo configurar um espaço contínuo de sala de estar e jantar.

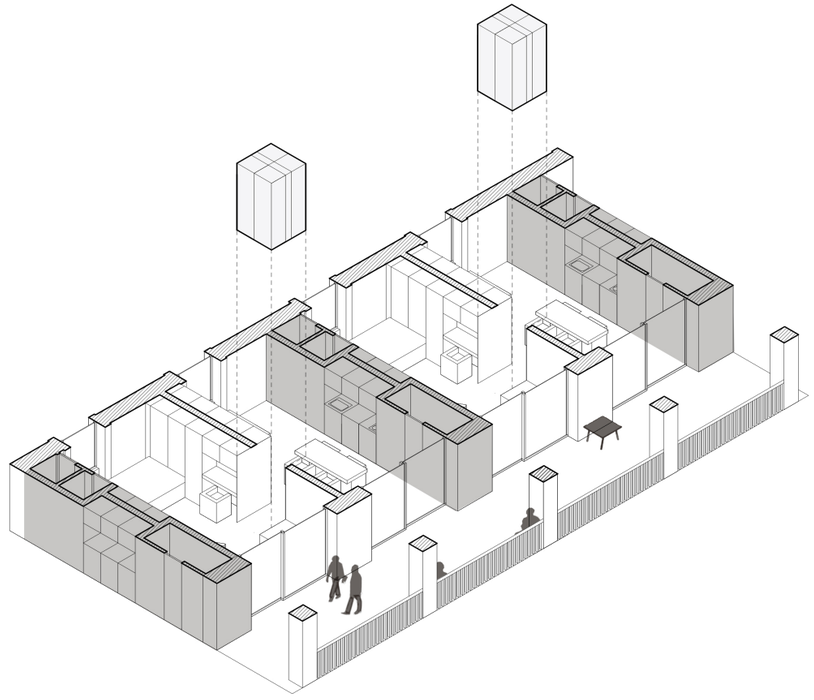
Na zona privada são ainda introduzidas passagens diretas entre módulos, permitindo uma utilização mais fluida e contínua do espaço doméstico.

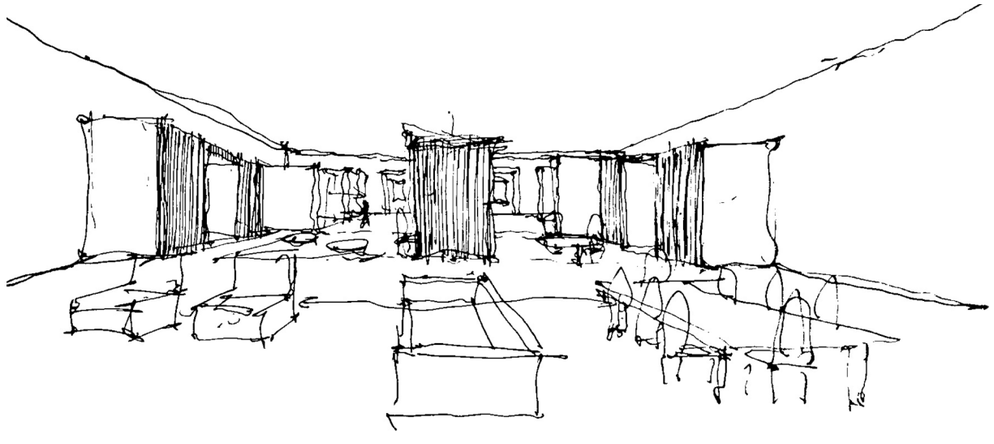
A agregação mantém igualmente um caráter reversível, permitindo que a habitação possa regressar à sua configuração inicial quando determinadas necessidades deixam de existir, como acontece após a saída dos filhos do núcleo familiar.

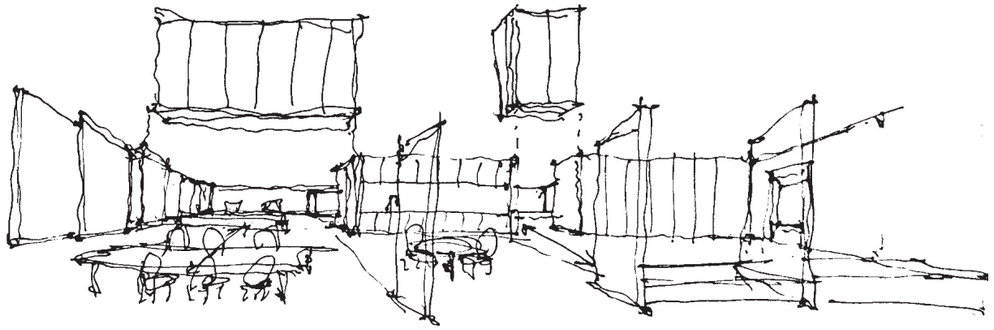
Em ambos os casos, a agregação é limitada à incorporação de apenas um módulo adicional, garantindo a manutenção da coerência espacial, infraestrutural e métrica do sistema habitacional, bem como uma distribuição mais equilibrada do espaço disponível.



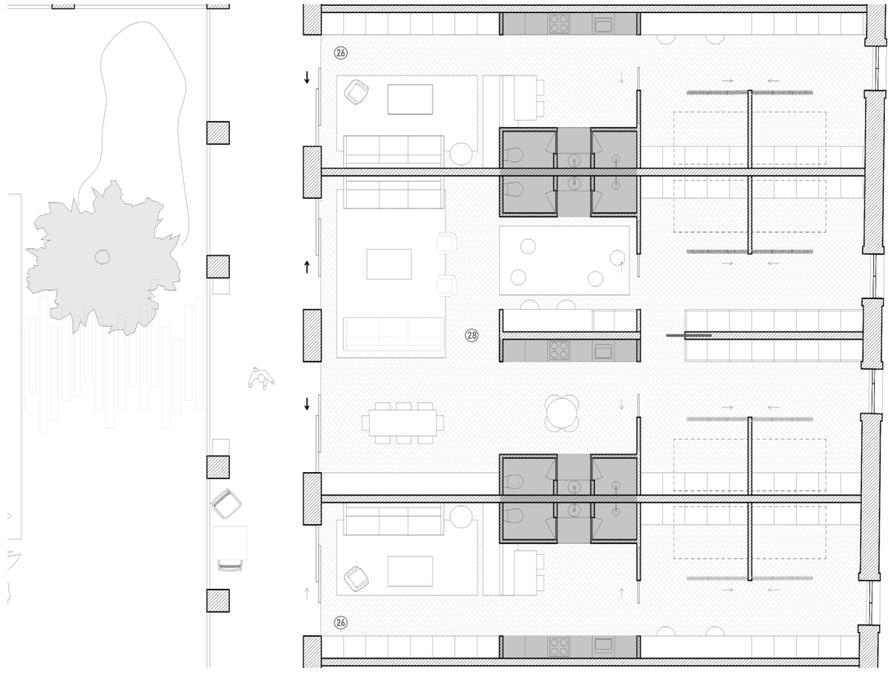
5.08 | Planta agregação módulo fixo + temporário
Axonometria explicativa agregação

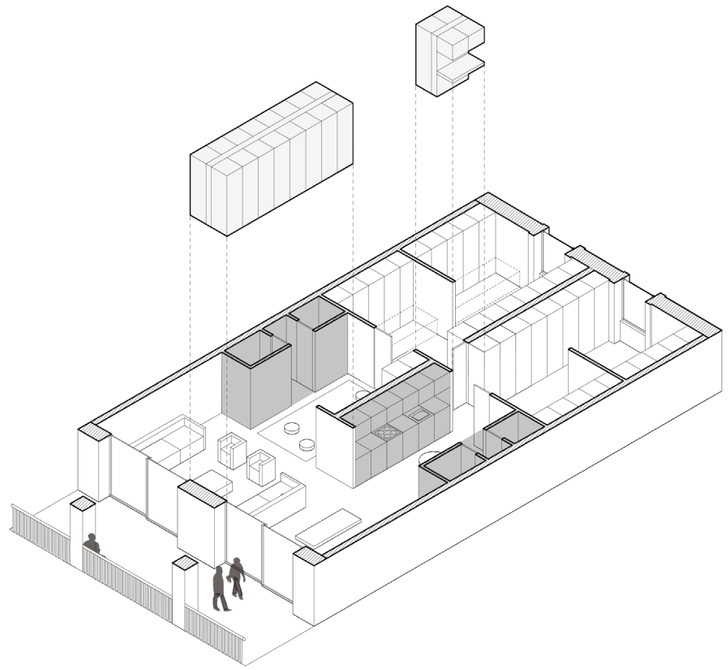






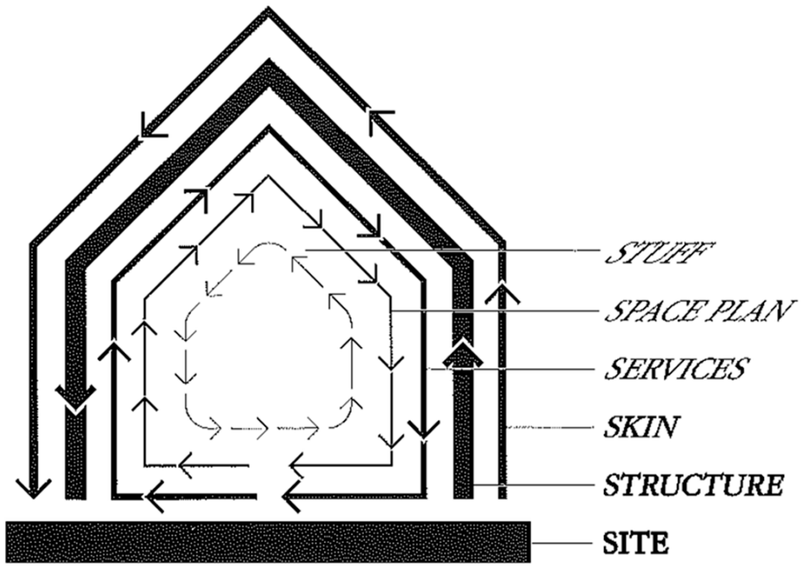
5.09 | Planta agregação famílias
Axonometria explicativa agregação





STEWART BRAND

TEMPO: QUANDO AS COISAS MUDAM





1- EDIFÍCIO COMO PROCESSO

- *O edifício é entendido como um sistema em constante transformação ao longo do tempo.*

- *A sua evolução resulta da adaptação, substituição e reconfiguração progressiva dos diferentes sistemas que o compõem.*

2- SISTEMAS COM DIFERENTES DURAÇÕES

- *O edifício integra sistemas com diferentes tempos de permanência, transformação e substituição ao longo do tempo.*

- *Elementos como a estrutura e o suporte construído mantêm um carácter mais permanente, enquanto compartimentações, infraestruturas e dispositivos habitacionais podem adaptar-se às necessidades dos habitantes.*

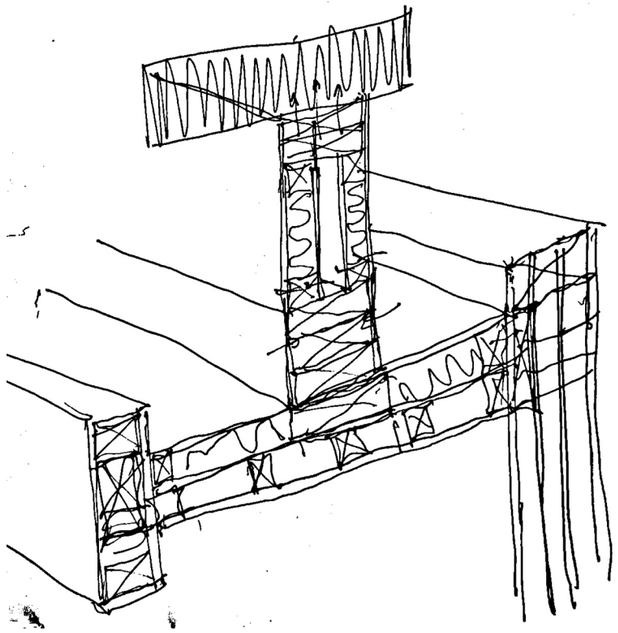
- *A independência entre sistemas permite transformar determinadas partes do edifício sem comprometer a continuidade do conjunto.*

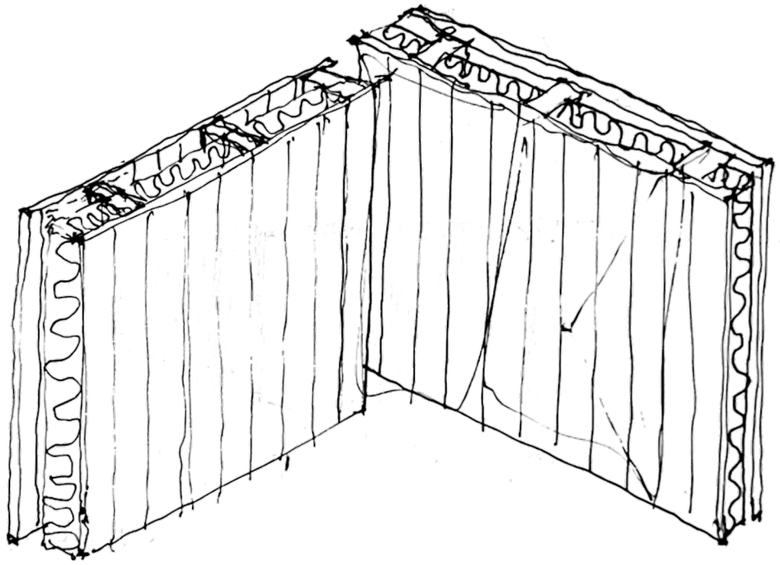
3- APLICAÇÃO

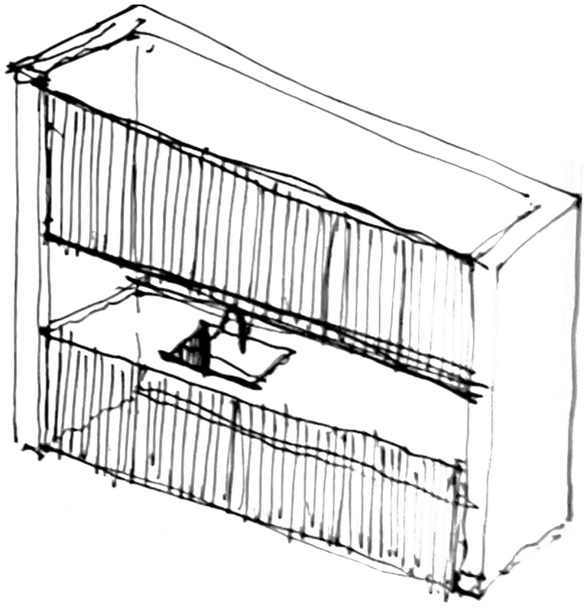
- *No Asilo, a permanência da estrutura existente permite introduzir uma nova camada habitacional reversível sem alterar a base construída do edifício.*

- *A adaptação do espaço ocorre através de elementos transformáveis, como painéis deslizantes/cortinas, unidades habitacionais e sistemas de apropriação, permitindo diferentes configurações ao longo do tempo.*

- *A intervenção procura, assim, conciliar permanência e transformação, preservando a identidade histórica do edifício enquanto possibilita novas formas de habitar.*







Sistema construtivo reversível

A intervenção parte do entendimento do edifício existente enquanto suporte permanente, onde a estrutura em alvenaria de pedra constitui a camada mais durável e estável do conjunto. Neste sentido, a reabilitação não procura substituir o existente, mas acrescentar-lhe uma nova camada técnica, reversível e adaptável, capaz de responder às exigências contemporâneas sem comprometer a integridade material do Asilo.

A lógica construtiva assenta, assim, na distinção entre o pesado e o leve, o permanente e o transformável, aproximando-se da leitura por camadas proposta por Stewart Brand (BRAND, How Buildings Learn).

A construção em junta seca surge como resposta a esta necessidade de reversibilidade física e conceptual. O sistema desenvolve-se através da introdução de núcleos infraestruturais prefabricados — PODs técnicos autónomos — que concentram instalações sanitárias, cozinha e infraestruturas técnicas, reduzindo a intervenção direta sobre a construção existente. Estes elementos implantam-se no interior das habitações de forma independente, mantendo sempre a leitura contínua da envolvente pétrea original.

A parede existente funciona como suporte e memória material do edifício, enquanto a nova segunda pele em madeira de freixo assume funções térmicas, acústicas e infraestruturais. O revestimento interior é executado integralmente em sitema de junta seca, permitindo desmontagem, manutenção e futura adaptação sem destruição da pré-existência.

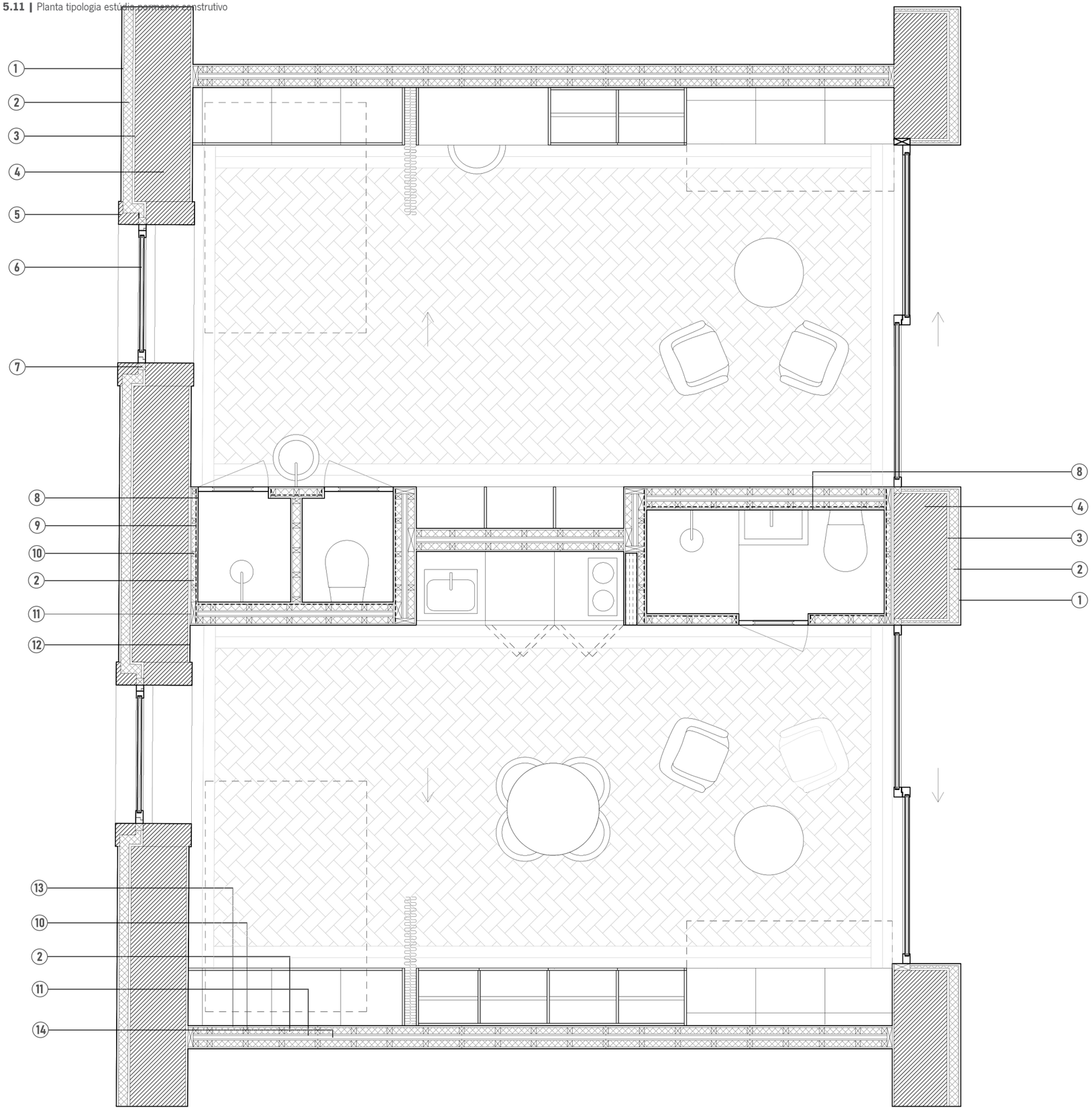
A galeria perimetral desempenha igualmente um papel fundamental no comportamento ambiental do conjunto, funcionando como espaço intermédio de transição e buffering climático. A sua condição semiaberta permite reduzir ganhos térmicos diretos, controlar sombreamento e mediar a relação entre interior e exterior, reinterpretando simultaneamente a lógica histórica da circulação do antigo Asilo.

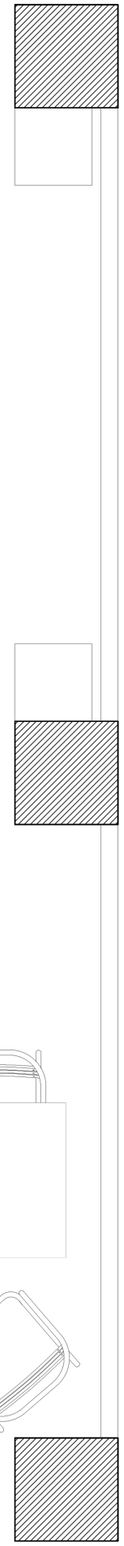
De forma a permitir a passagem das infraestruturas técnicas sem comprometer a laje existente, o pavimento das habitações é elevado através de um sistema seco assente em sarrafos de madeira. Sobre esta estrutura aplica-se o acabamento final em taco maciço de madeira, reinterpretando o caráter construtivo original do edifício. A mesma lógica é prolongada para a galeria, garantindo continuidade espacial e construtiva entre habitação e espaço exterior.

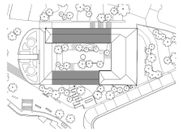
Devido à reduzida dimensão interior das habitações e à necessidade de preservar a inércia térmica das paredes existentes, o isolamento térmico é aplicado maioritariamente pelo exterior através do sistema ETICS. Esta solução assegura continuidade térmica da envolvente sem descaracterizar a imagem histórica da fachada.

Para garantir a correta ligação do isolamento ao plano dos caixilhos, foram introduzidas novas cantarias exteriores, reinterpretando os elementos pétreos existentes e assegurando simultaneamente o desempenho térmico do conjunto.

5.11 | Planta tipologia estúdio, pormenor construtivo

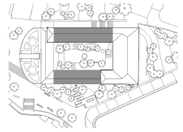


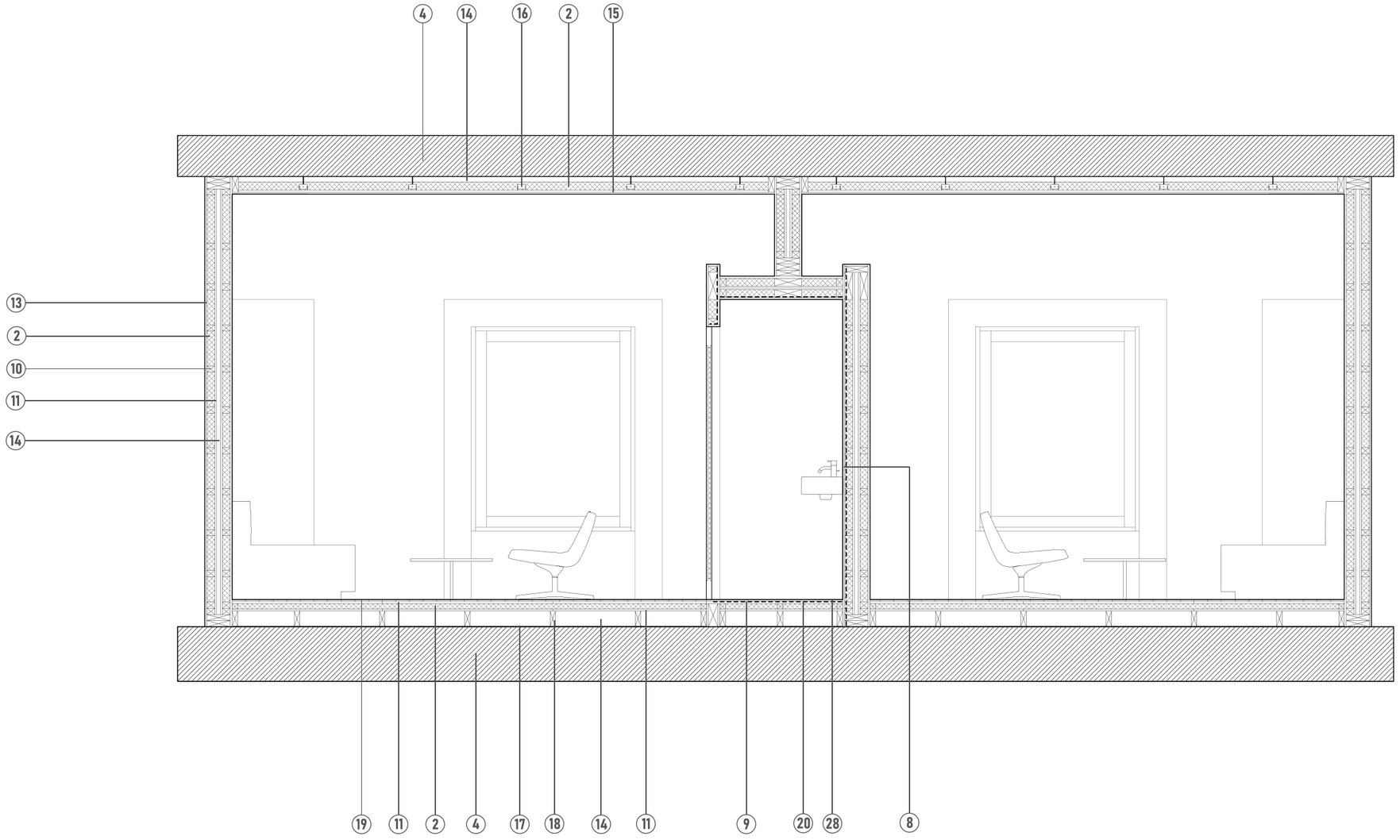




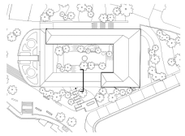
1 Revestimento sistema ETICS
2 Isolamento térmico + acústico
3 Argamassa de colagem
4 Suporte existente
5 Cantaria em granito
6 Caixilharia com vidro duplo (6|4|6)
7 Pré aro
8 Placa de revestimento aquapanel
9 Barreira para-vapor
10 Montante em madeira
11 Placa OSB
12 Revestimento interior em cal hidraulica
13 Placa de madeira em freixo
14 Caixa de ar
15 Placa de gesso cartonado
16 Pendentes
17 Manta acústica
18 Sarrafos
19 Soalho
20 Placa fermacell
21 Gravilha
22 Geotextil
23 Membrana impermeabilizante
24 Dreno
25 Camada de forma
26 Revestimento cerâmico
27 Fixação guarda metálica
28 Revestimento microcimento

5.12 | Secção tipologia estúdio pormenor construtivo





1 Revestimento sistema ETICS
2 Isolamento térmico + acústico
3 Argamassa de colagem
4 Suporte existente
5 Cantaria em granito
6 Caixilharia com vidro duplo (6|4|6)
7 Pré aro
8 Placa de revestimento aquapanel
9 Barreira para-vapor
10 Montante em madeira
11 Placa OSB
12 Revestimento interior em cal hidraulica
13 Placa de madeira em freixo
14 Caixa de ar
15 Placa dupla de gesso cartonado
16 Pendentes
17 Manta acústica
18 Sarrafos
19 Soalho
20 Placa fermacell
21 Gravilha
22 Geotextil
23 Membrana impermeabilizante
24 Dreno
25 Camada de forma
26 Revestimento cerâmico
27 Fixação guarda metálica
28 Revestimento microcimento



1 Revestimento sistema ETICS
2 Isolamento térmico + acústico
3 Argamassa de colagem
4 Suporte existente
5 Cantaria em granito
6 Caixilharia com vidro duplo (6|4|6)
7 Pré aro
8 Placa de revestimento aquapanel
9 Barreira para-vapor
10 Montante em madeira
11 Placa OSB
12 Revestimento interior em cal hidraulica
13 Placa de madeira em freixo
14 Caixa de ar
15 Placa de gesso cartonado
16 Pendentes
17 Manta acústica
18 Sarrafos
19 Soalho
20 Placa fermacell
21 Gravilha
22 Geotextil
23 Membrana impermeabilizante
24 Dreno
25 Camada de forma
26 Revestimento cerâmico
27 Fixação guarda metálica
28 Revestimento microcimento

Reflexão final

Mais do que responder à reabilitação de um edifício existente, a presente investigação procurou afirmar uma posição crítica face à forma como a cidade contemporânea tem vindo progressivamente a afastar as comunidades dos territórios que historicamente ajudaram a construir. Num contexto marcado pela pressão imobiliária, pela substituição da população residente e pela perda das relações de proximidade associadas ao quotidiano, o Asilo da Mendicidade foi entendido não apenas como património construído, mas como oportunidade de reconstruir formas de convivência, permanência e vida coletiva nas Fontaínhas.

Reativar o Asilo não significou apenas recuperar uma estrutura abandonada, mas devolver ao bairro um lugar capaz de voltar a integrar a sua vivência quotidiana. A proposta procurou reinterpretar criticamente a vocação social historicamente associada ao edifício, transformando uma arquitetura marcada pela introversão e pelo isolamento num espaço aberto à partilha, à permanência e ao encontro entre diferentes gerações.

A habitação acessível, os espaços comuns e os serviços de proximidade surgem, assim, como resposta direta às necessidades identificadas ao longo da aproximação à comunidade, procurando devolver ao território estruturas de apoio quotidiano progressivamente desaparecidas.

Mais do que programas autónomos, estes espaços procuram sustentar relações humanas.

O mercado, a cozinha comunitária, os espaços de convivência, a creche ou o próprio pátio central foram pensados como extensões da vida coletiva do bairro, capazes de aproximar moradores, estudantes, crianças e população envelhecida através de formas de partilha, entreajuda e convivência associadas ao quotidiano das Fontaínhas.

Neste sentido, os objetivos definidos no início da investigação concretizam-se através da reativação do Asilo enquanto infraestrutura social integrada na vida do bairro, da criação de mecanismos de permanência associados à habitação acessível e da reconstrução de relações de proximidade entre edifício, território e comunidade. Mais do que uma resposta formal ou técnica, o projeto procurou demonstrar que a arquitetura pode atuar sobre as relações humanas e coletivas que estruturam a cidade.

Desta forma, o Asilo é entendido não como ruína a substituir, mas como infraestrutura social latente, capaz de voltar a acolher a vida quotidiana das Fontaínhas e reativar relações de proximidade entre arquitetura, território e comunidade.

6.00 | Vista aérea
Asilo da Mendicidade

Índice de imagens

01

1.00 | Esquemas decrescimento | Esquema política urbana da cidade do Porto
1.01 | Planta Telles Ferreira 1892, Planta Bonfim Barreiros 1940, Planta da Cidade 1960
1.02 | Cartoimagem 1979, Cartoimagem déc.40 séc.XX até 2000, Carta base PDM 2014
1.03 | Plantas históricas
1.04 | Fotografia antiga da escarpa, Fontainhas

02

2.00 | Planta de localização, Fontainhas (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.01 | Esquema situação atual, Fontainhas
2.02 | A fonte
2.03 | A Alameda
2.04 | Planta Fontainhas, 1844 (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.05 | Planta Fontainhas, 1892 (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.06 | Planta Fontainhas, 2025 (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.07 | Planta síntese abandono, Fontainhas (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.08 | Planta síntese equipamentos, Fontainhas (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.09 | Perfil territorial, Fontainhas (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116)
2.10 | Registos fotográficos fragilidades e potencialidades
2.11 | Vista aérea do Asilo da Mendicidade, 2025
2.12 | Asilo da Mendicidade, Foto da fachada principal
2.13 | Esquema o Asilo e as suas potencialidades
2.14 | Reconstituição planta piso 0 e corte transversal, Matadouro Pùblico
2.15 | Reconstituição planta piso 1 e corte transversal, Prisão e Calcetaria
2.16 | Reconstituição planta piso 2 e corte transversal, Asilo da Mendicidade
2.17 | Asilo da Mendicidade, Registo fotográfico do estado existente
2.18 | Vistas aéreas e suas condicionantes, Fotomontagem do Asilo na condição existente

03

3.00 | Vista aérea do território das Fontainhas
3.01 | Planta síntese aplicação dos princípios de intervenção, Fontainhas (elaborado em grupo por: Tiago Oliveira A101907 | Nuno Fernandes A100170 | Marco Oliveira A100116

04

4.00 | Esquema o Asilo como infraestrutura social
4.01 | Planta de implantação, Perfis territoriais, Fontainhas
4.02 | Esquemas conexão do edifício com o território, Fotomontagem vivência pretendida
4.03 | Planta programática piso 0
4.04 | Planta programática piso 1
4.05 | Planta programática piso 2
4.06 | Esquema das ações
4.07 | Secção longitudinal novo, Secção longitudinal antigo
4.08 | Secção transversal novo, Secção transversal antigo
4.09 | Planta piso 0 vermelhos e amarelos
4.10 | Planta piso 1 vermelhos e amarelos
4.11 | Secção transversal vermelhos e amarelos

05

5.00 | Esquema estrutura habitacional evolutiva
5.01 | Investigação sistema habitacional 1
5.02 | Investigação sistema habitacional 2
5.03 | Investigação sistema habitacional 3
5.04 | Planta tipologia estúdio (módulo fixo + temporário)
5.05 | Axonometria explicativa núcleos infraestruturais
5.06 | Planta tipologia famílias
5.07 | Axonometria explicativa núcleos infraestruturais
5.08 | Planta agregação módulo fixo + temporário, Axonometria explicativa agregação
5.09 | Planta agregação famílias, Axonometria explicativa agregação
5.10 | Investigação sistema habitacional 4
5.11 | Planta tipologia estúdio pormenor construtivo
5.12 | Secção tipologia estúdio pormenor construtivo
5.13 | Secção construtiva de fachada

06

6.00 | Vista aérea, Asilo da Mendicidade

Bibliografia

_ BRAND, Stewart. How Buildings Learn: What Happens After They're Built. New York: Viking Press, 1994.
_ GAUSA, Manuel. Housing: Nuevas Alternativas, Nuevos Sistemas. Barcelona: Actar Publishers, 1998.
_ HABRAKEN, N. John. Supports: An Alternative to Mass Housing. London: Architectural Press, 1972.
_ KENDALL, Stephen; TEICHER, Jonathan. Residential Open Building. London: E & FN Spon, 2000.
_ SCHNEIDER, Tatjana; TILL, Jeremy. Flexible Housing. Oxford: Architectural Press, 2007.

Webgrafia

_ARQUITECTURA VIVA. (s.d.). Gifu Kitagata Apartments – Kazuyo Sejima. Disponível em: https://arquitecturaviva.com/works/edificio-de-apartamentos-gifu-kitagata-gifu-3.
_ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO – CASA DO INFANTE. (s.d.). Asilo de Mendicidade, no Porto. Disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?order_by=TITLE&q=Asilo+de+Mendicidade%2C+no+Porto.
_CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (s.d.). Cartografia histórica da evolução urbana da cidade do Porto. Disponível em: https://geopdm.cm-porto.pt/pocp2.
_ FERREIRA, André. (2019). O Asilo de Mendicidade do Porto: arquitetura, transformação e permanência. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117657/2/303287.pdf.
_OPEN BUILDING COLLECTIVE. (s.d.). Open Building. Disponível em: https://www.open-building.org.
_PERIS+TORAL ARQUITECTES. (s.d.). Modulus Matrix: 85 Social Housing in Cornellà. Disponível em: https://peristoral.com/proyectos/modulus-matrix-85-social-housing-cornella.

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Tiago Jorge Oliveira Rocha

(Re)Ativar a Permanência
O Asilo da Mendicidade enquanto catalisador social nas Fontaínhas

Volume II

junho de 2026

(Re)Ativar a Permanência O Asilo da Mendicidade enquanto catalisador social nas Fontaínhas
Tiago Jorge Oliveira Rocha
Uminho | 2026

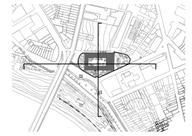
Introdução

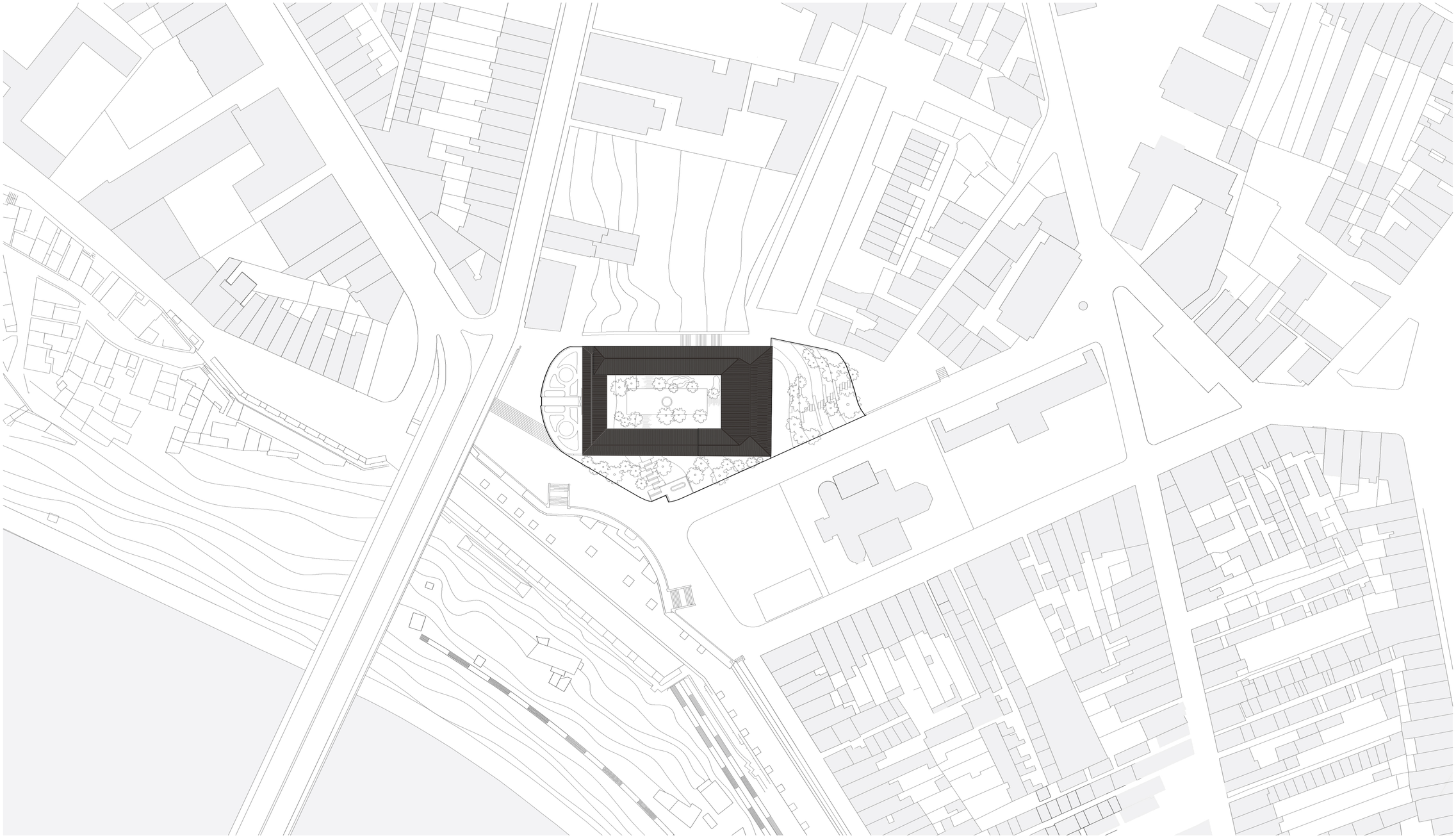
As presentes peças desenhadas constituem a representação da proposta de intervenção desenvolvida para a reabilitação do Asilo da Mendicidade, procurando demonstrar não apenas a transformação física do edifício, mas também a forma como este se reposiciona enquanto infraestrutura social integrada no território. A intervenção parte da leitura crítica da condição atual do conjunto, marcado pelo abandono, pela fragmentação espacial e pela perda de relação com a cidade, procurando inverter essa condição através da reativação das relações sociais, urbanas e habitacionais.

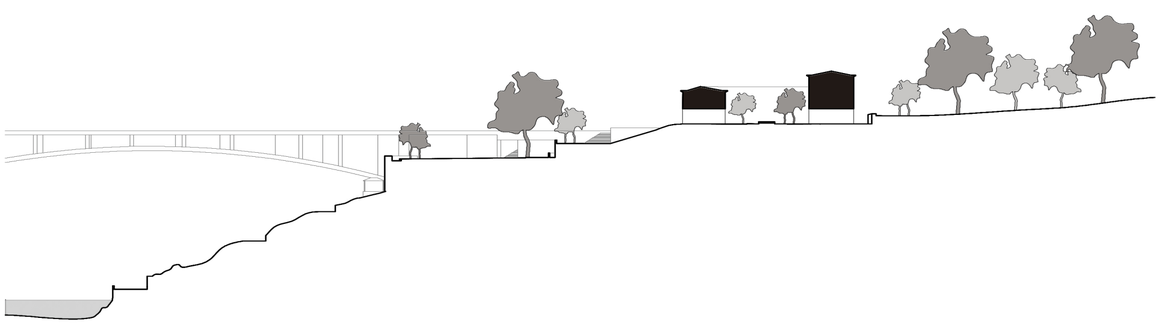
A organização das folhas segue uma lógica progressiva de leitura, iniciando-se pela escala territorial — através da implantação e dos perfis territoriais — com o objetivo de compreender o enquadramento urbano, topográfico e social do conjunto, bem como o seu potencial enquanto elemento estruturador das relações entre a cidade, o bairro e a frente ribeirinha. A proposta assenta na criação de permeabilidade e atravessamento à cota do solo, procurando tornar o edifício mais caminhável, acessível e percorrível no quotidiano. Desta forma, o conjunto deixa de assumir uma condição de barreira física e visual, passando a integrar os percursos diários da população e a facilitar a continuidade entre diferentes pontos do bairro. Pretende-se, assim, que o edifício deixe de funcionar como um elemento introvertido e isolado, assumindo antes um papel central na vida quotidiana da comunidade, enquanto espaço de encontro, permanência e continuidade urbana.

Seguem-se as peças de caracterização arquitetónica da intervenção, nomeadamente plantas, cortes e alçados, acompanhados pelos respetivos desenhos de vermelhos e amarelos, permitindo evidenciar a relação entre preexistência e transformação. A representação do existente procura assumir o edifício enquanto estrutura marcada pelo abandono e pela degradação, enquanto a intervenção é representada de forma mais cuidada e habitada, enfatizando a apropriação quotidiana dos espaços e a reativação da vida coletiva no interior do conjunto. A lógica de organização das folhas procura ainda estabelecer uma leitura comparativa entre o antes e o depois, permitindo compreender de forma clara as estratégias de transformação adotadas.

Por fim, apresentam-se os desenhos de pormenorização construtiva, fundamentais para compreender a lógica técnica e conceptual da intervenção. Estes evidenciam a forma como os princípios de reversibilidade, desmontabilidade e respeito pela estrutura existente são assegurados, particularmente através do desenvolvimento de sistemas em junta seca, dos núcleos infraestruturais habitacionais e dos cortes construtivos de fachada. Pretende-se, assim, demonstrar uma abordagem onde a intervenção contemporânea não se impõe sobre a preexistência, mas antes estabelece com ela uma relação de continuidade, adaptação e permanência no tempo.









PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Planta implantação
Perfil transversal território
Perfil longitudinal território

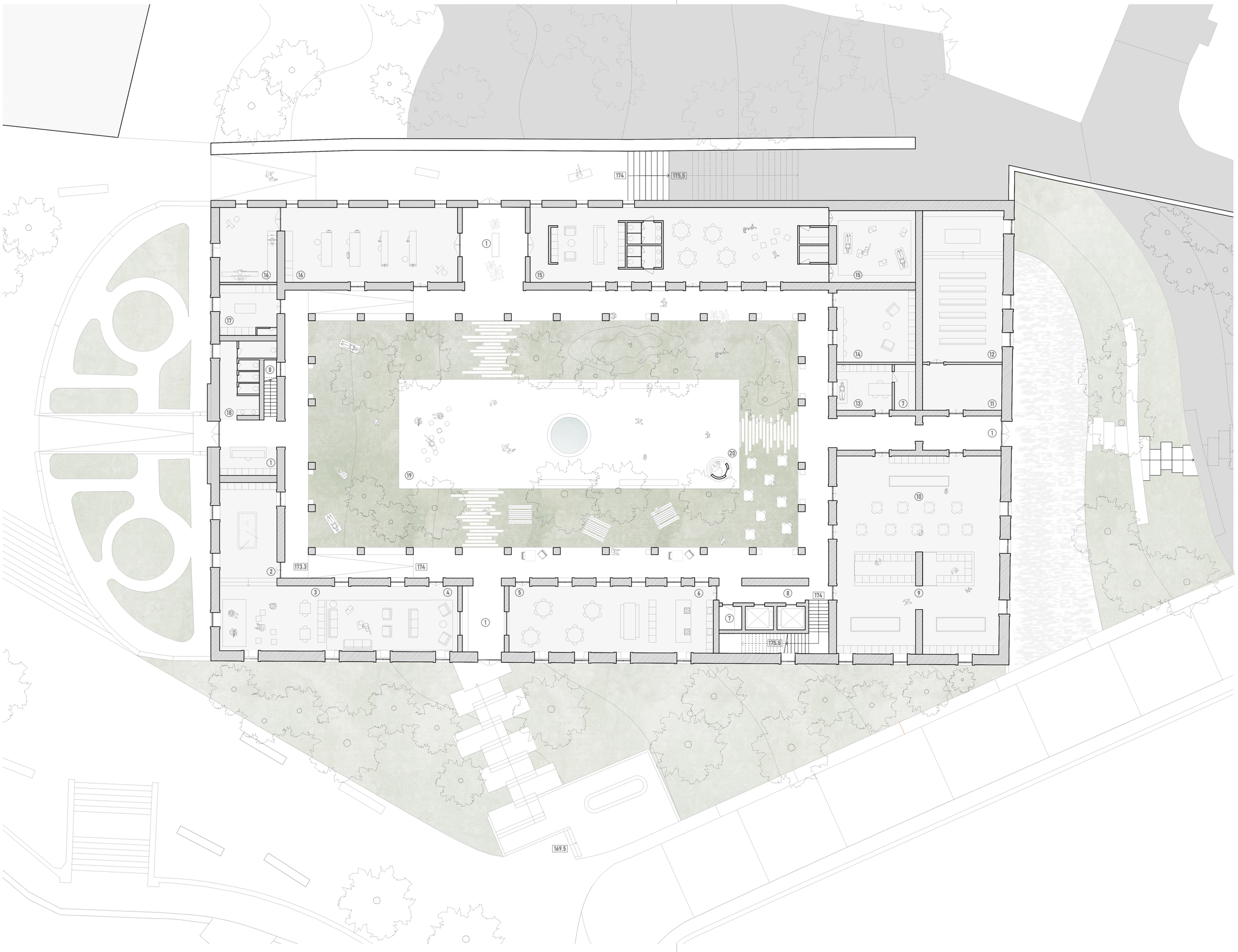
ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 1000

0 2 1000

01



1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Planta intervenção piso 0

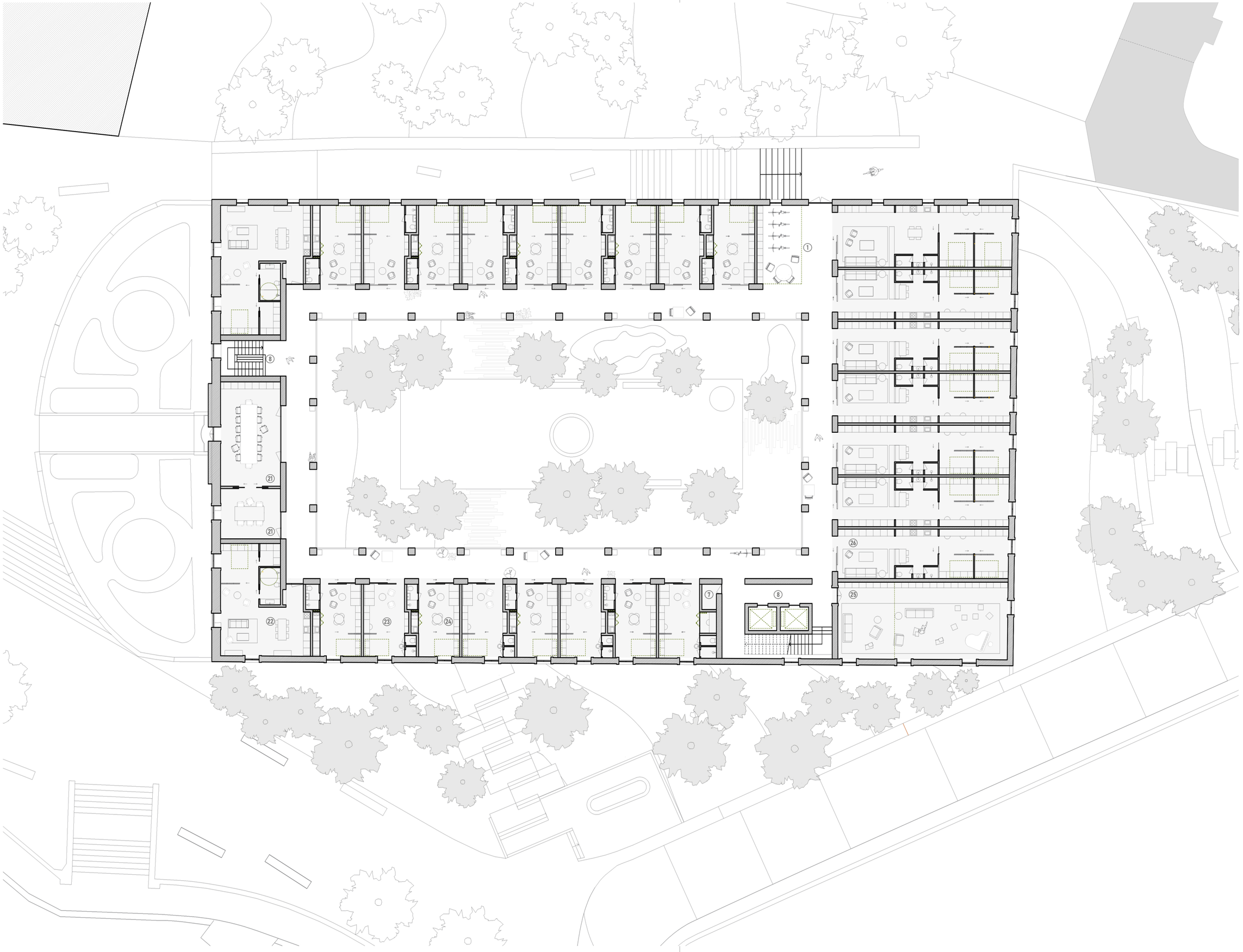
ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

02



1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Planta intervenção piso 1

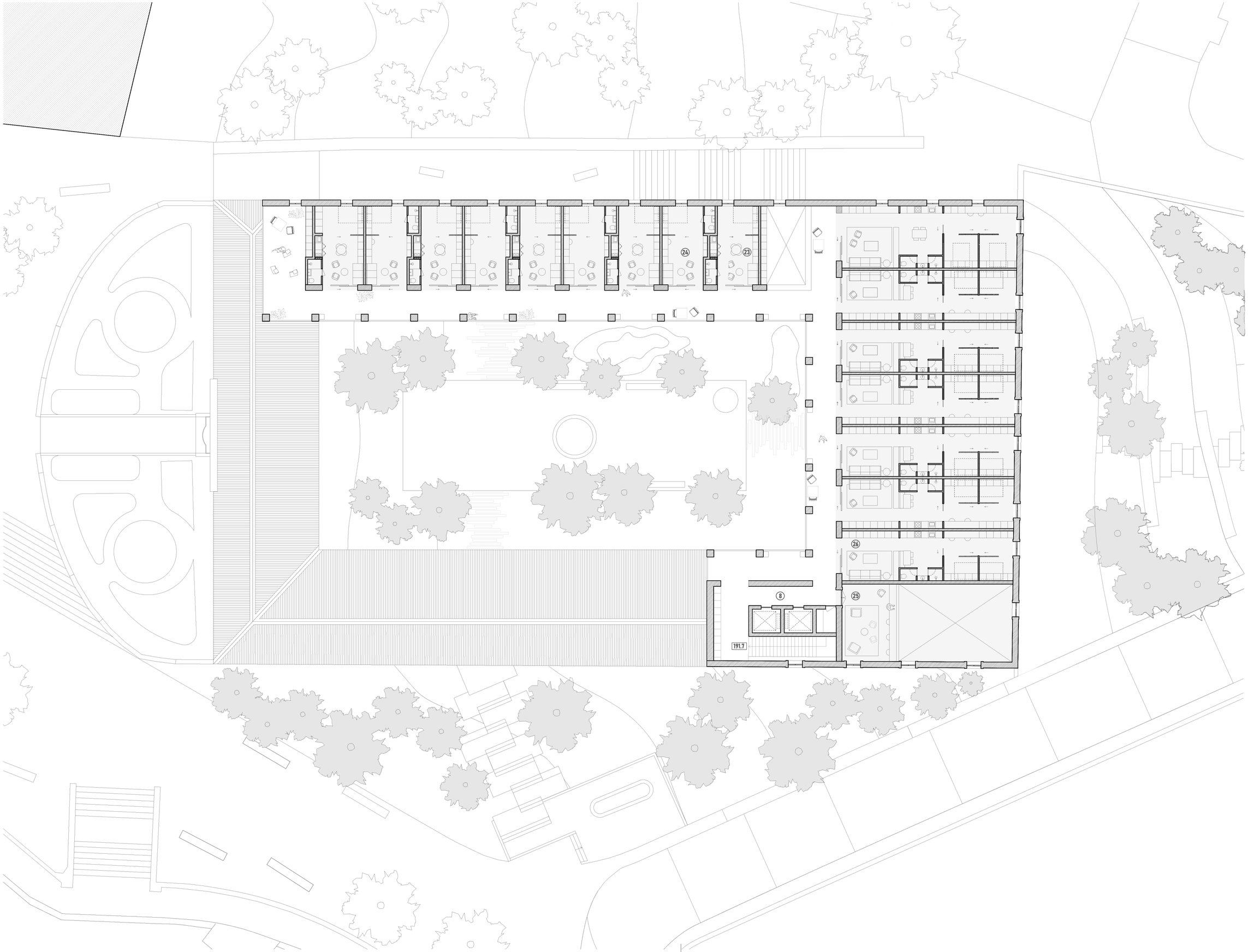
ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

03



1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Planta intervenção piso 2

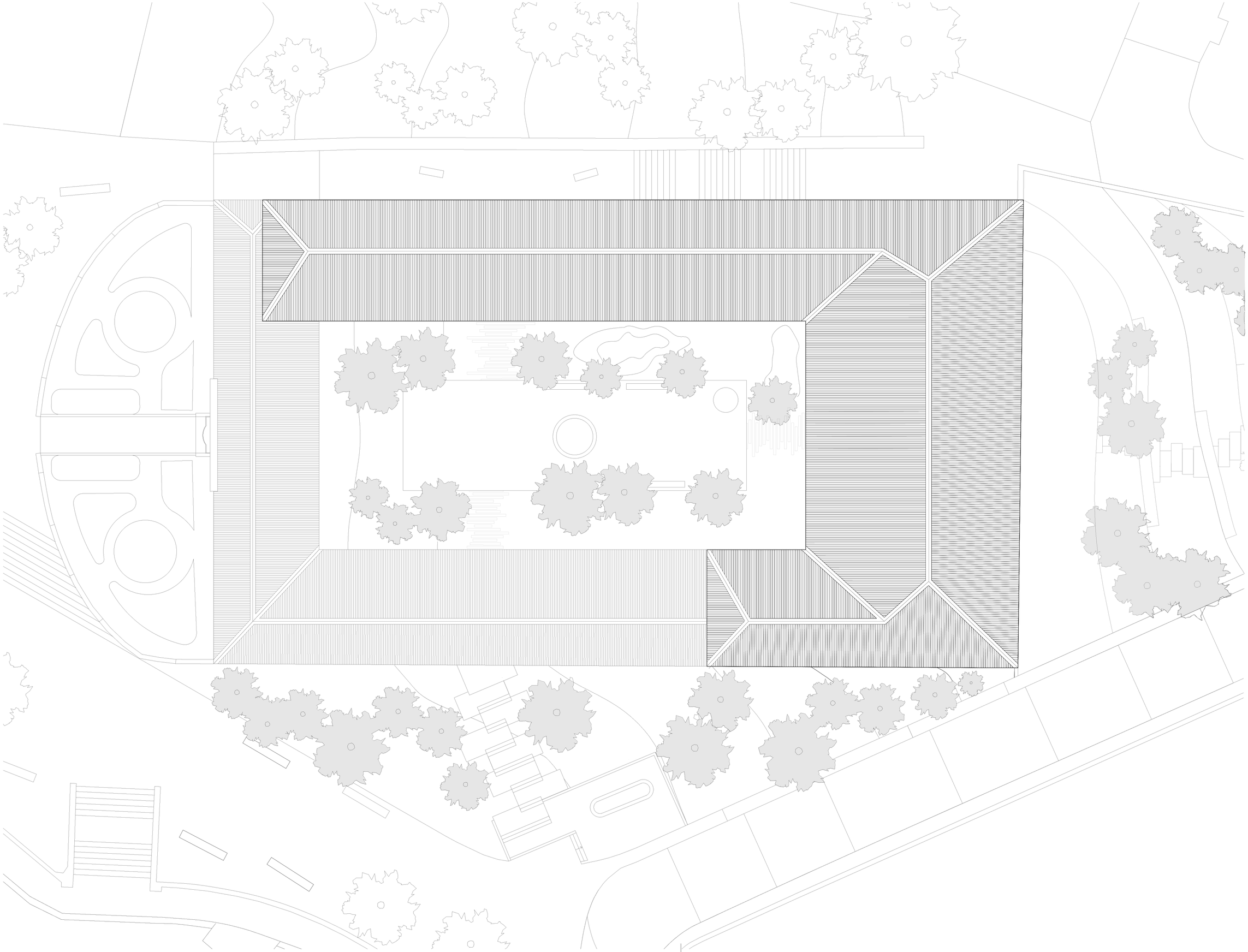
N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

04



1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Planta de cobertura

ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

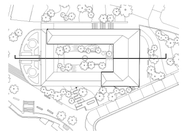
ESCALA 1 | 200

0 2 200

05







1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Secção longitudinal intervenção
Secção longitufinal existente

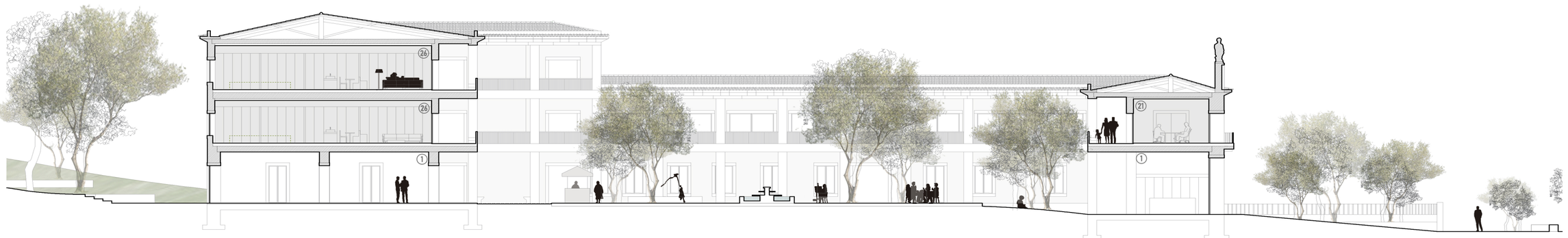
ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

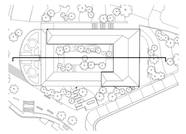
ESCALA 1 | 200

0 2 200

06







1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Gabinete de saúde
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de estar
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Secção longitudinal intervenção
Secção longitufinal existente

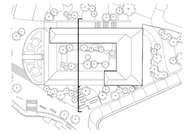
ORIENTAÇÃO N

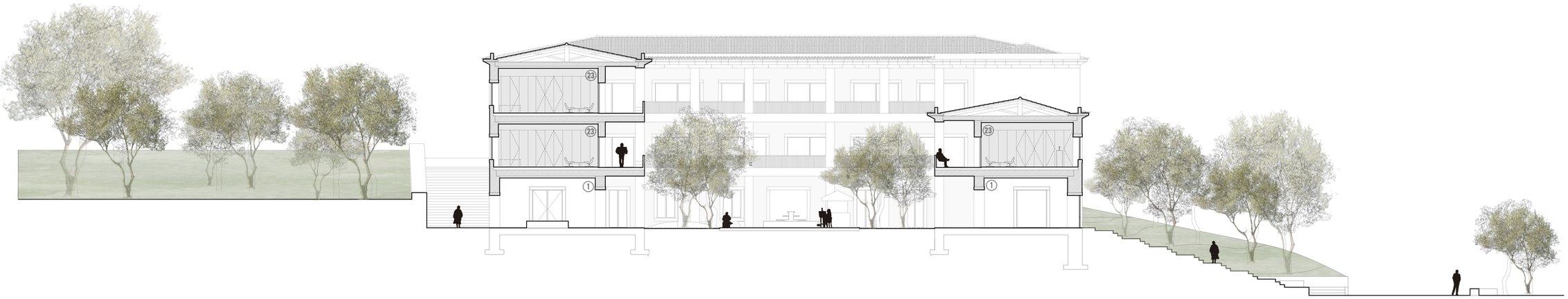
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

07







1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Antecâmara
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de permanência
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Secção transversal intervenção
Secção transversal existente

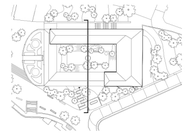
ORIENTAÇÃO N

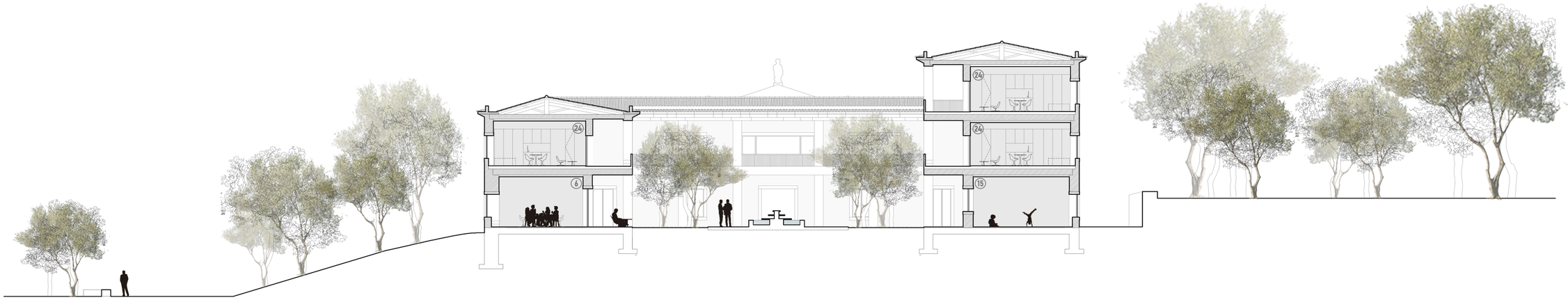
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

08







1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Antecâmara
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de permanência
26 Tipologia famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Secção transversal intervenção
Secção transversal existente

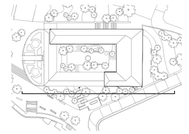
ORIENTAÇÃO N

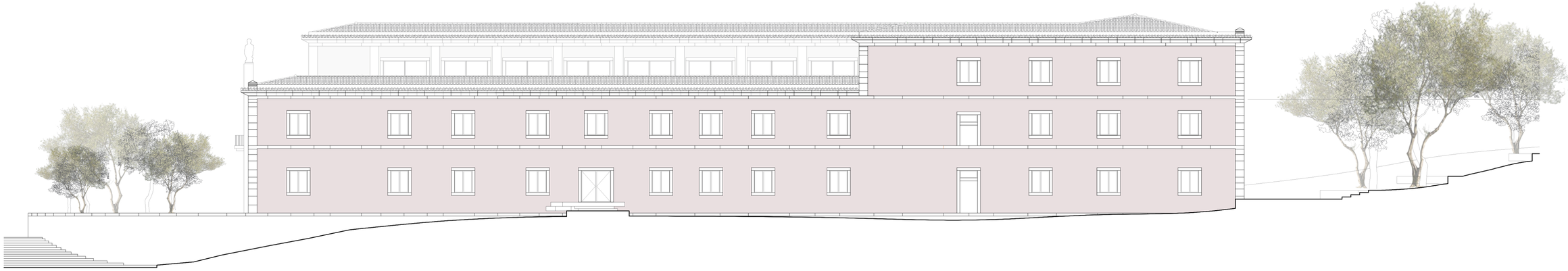
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

09







PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Alçado sul intervenção
Alçado sul existente

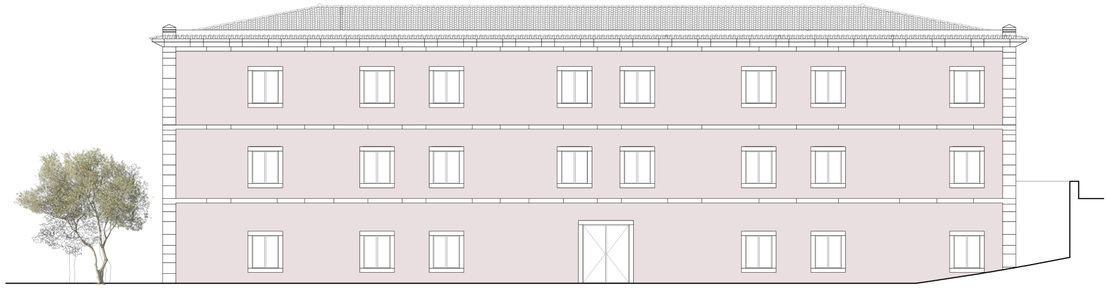
ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

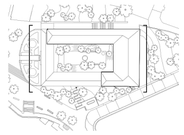
ESCALA 1 | 200

0 2 200

10









PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Alçado nascente intervenção
Alçado Nascente existente
Alçado poente intervenção
Alçado poente existente

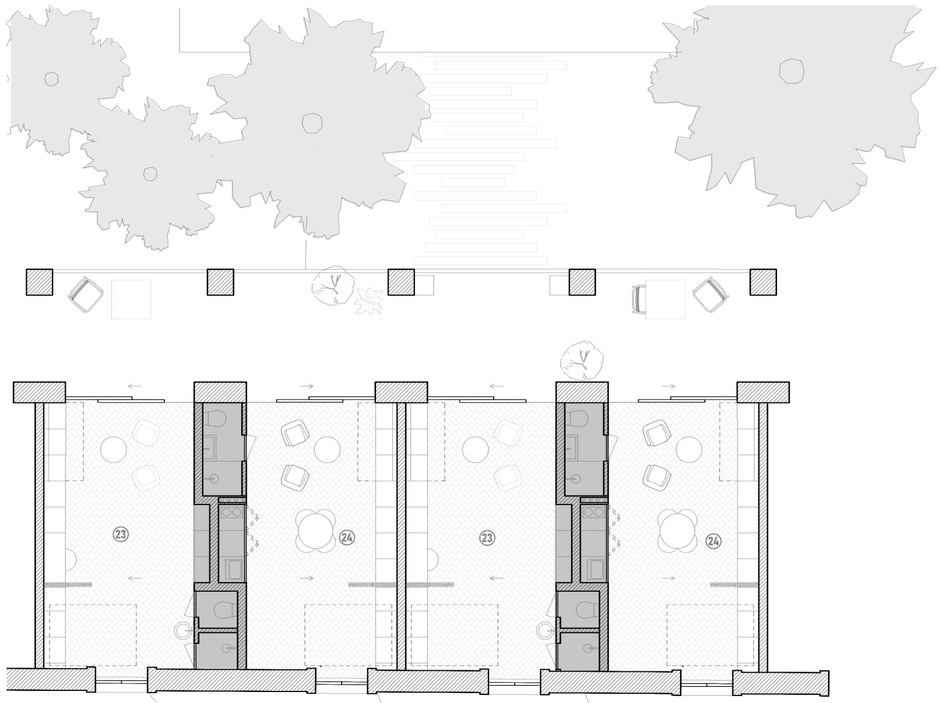
ORIENTAÇÃO N

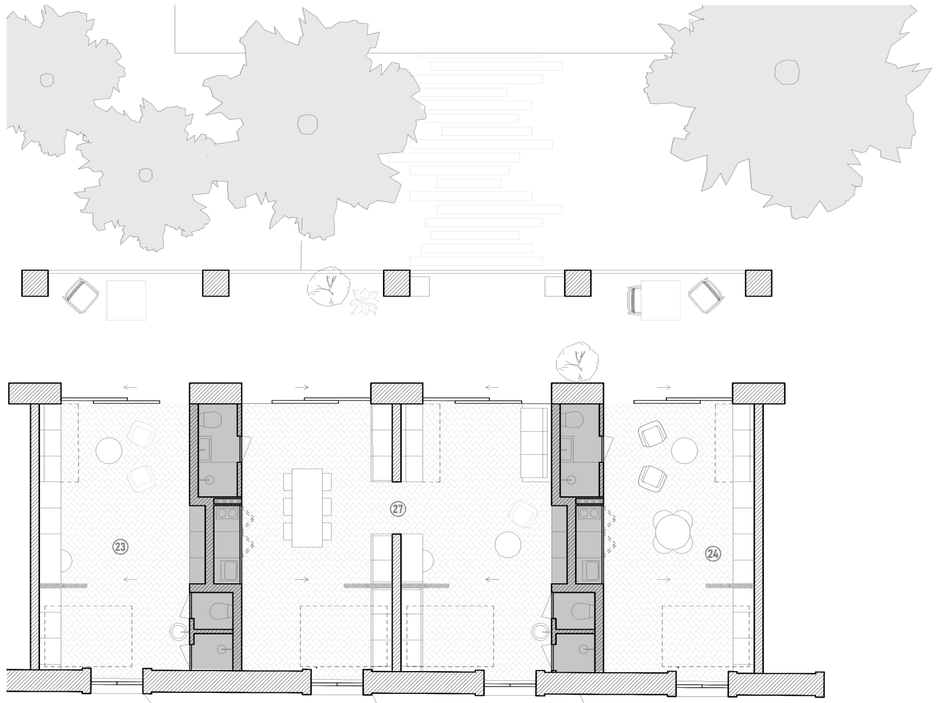
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

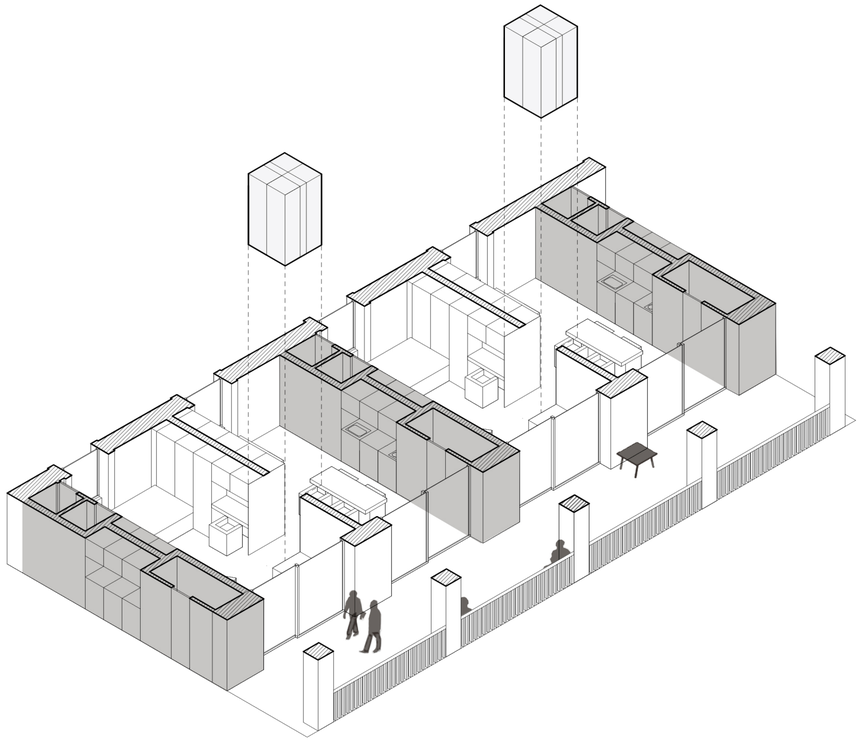
0 2 200

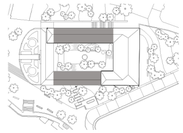
11











1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Antecâmara
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de permanência
26 Tipologia famílias
27 Tipologia agregação estúdios
28 Tipologia agregação famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

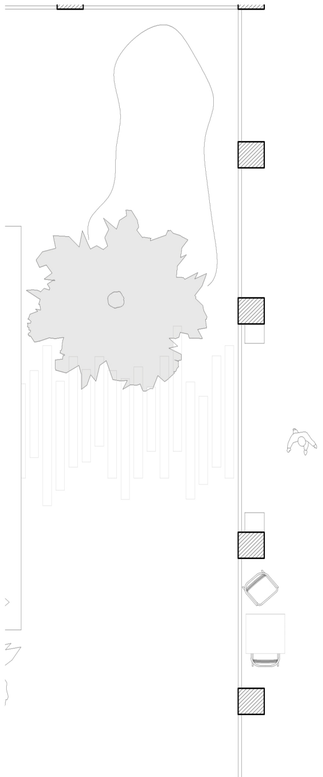
PEÇAS DESENHADAS
Planta modulo temporário e fixo
Planta agregação modular
Axonometria explicativa individual
Axonometria explicativa agregação

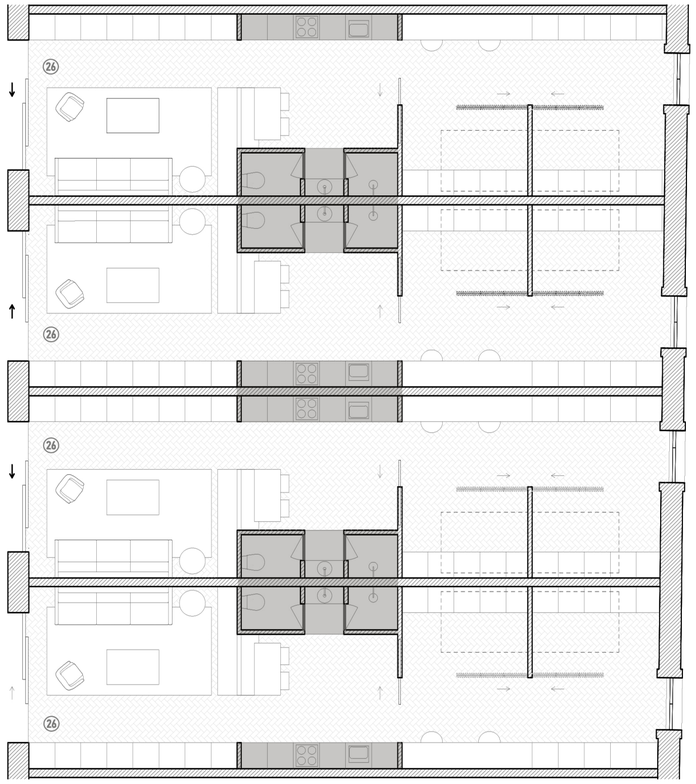
ORIENTAÇÃO N

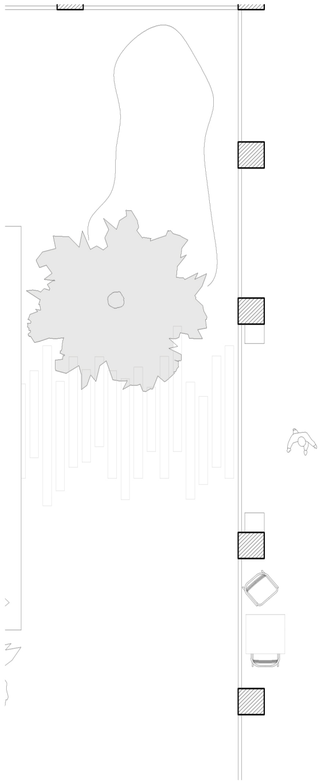
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

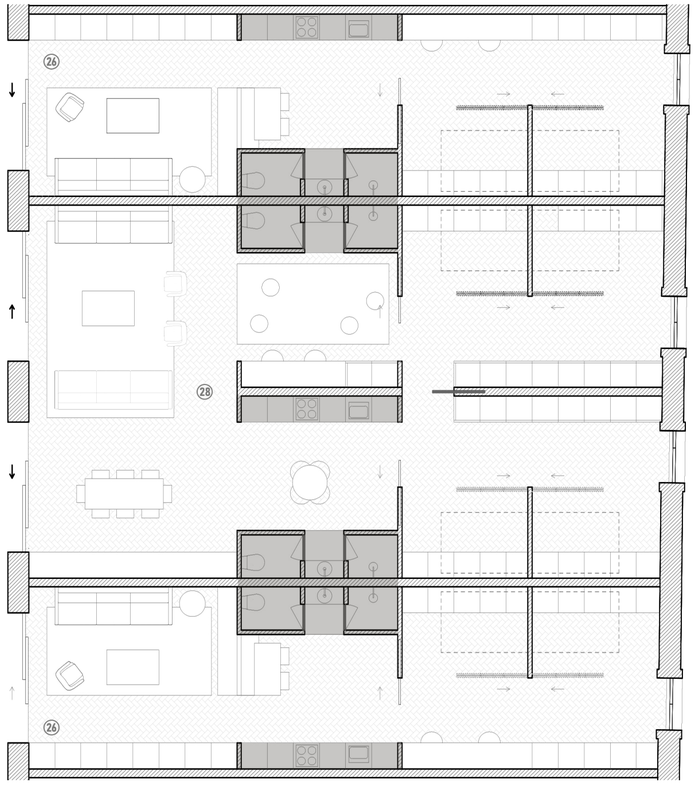
ESCALA 1 | 100

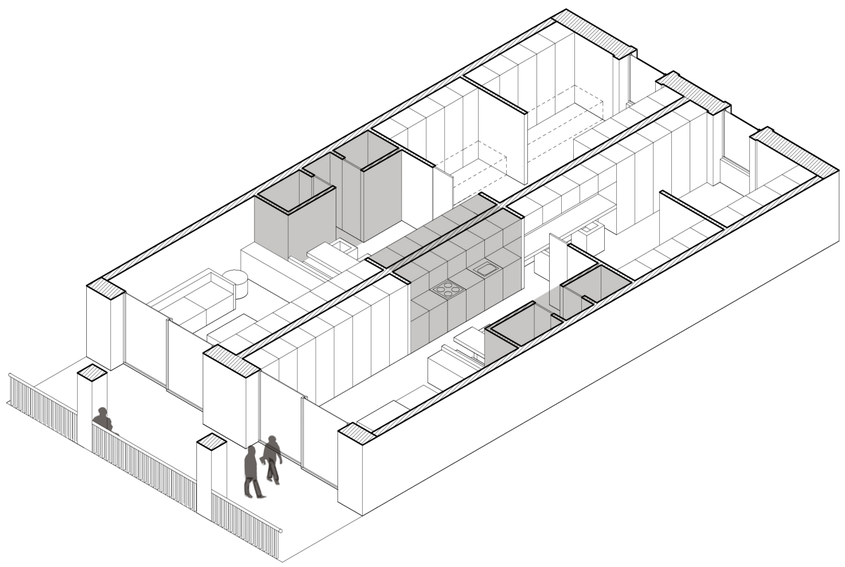
0 2 100

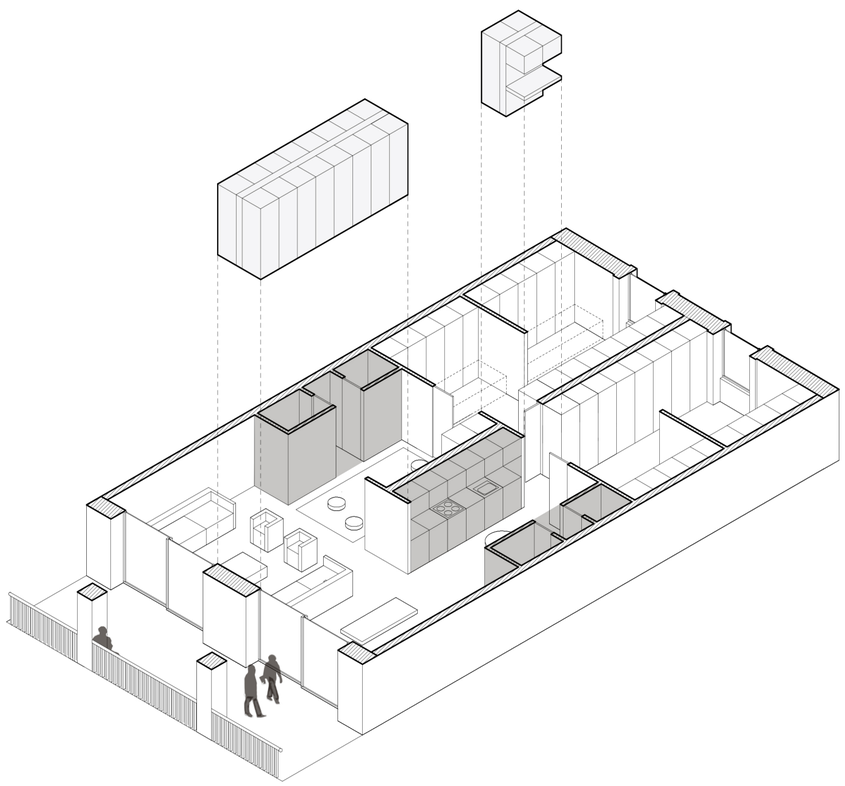


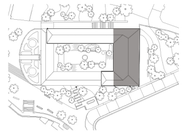












1 Receção / Hall de entrada
2 Sala de jogos
3 Sala polivalente
4 Sala comum
5 Refeitório
6 Cozinha comunitária
7 Área técnica
8 Circulação vertical
9 Mercado de bairro
10 Cafetaria
11 Antecâmara
12 Capela
13 Antecâmara
14 Sala de leitura
15 Creche
16 Oficinas produtivas
17 Lavandaria comunitária
18 Instalações sanitárias
19 Pátio (núcleo coletivo)
20 Quiosque
21 Sala de moradores
22 Tipologia charneira
23 Tipologia temporária
24 Tipologia fixa
25 Sala de permanência
26 Tipologia famílias
27 Tipologia agregação estúdios
28 Tipologia agregação famílias

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

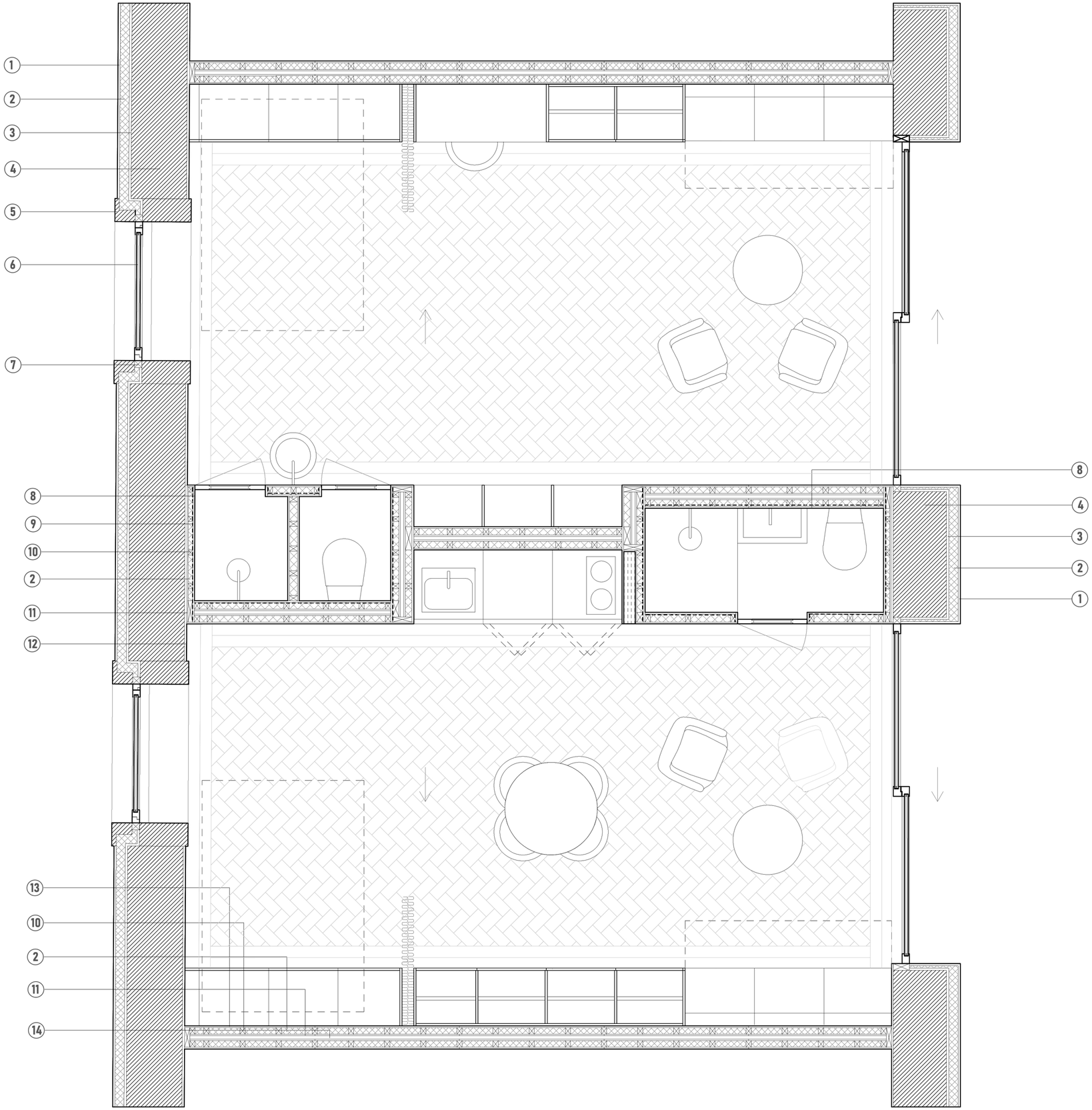
PEÇAS DESENHADAS
Planta módulo famílias
Planta agregação modular
Axonometria explicativa individual
Axonometria explicativa agregação

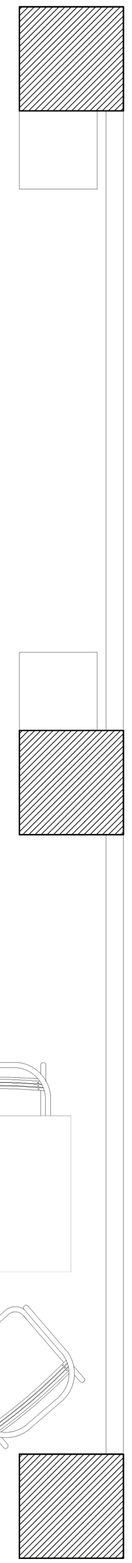
ORIENTAÇÃO N

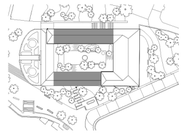
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 100

0 2 100







1 Revestimento sistema ETICS
2 Isolamento térmico + acústico
3 Argamassa de colagem
4 Suporte existente
5 Cantaria em granito
6 Caixilharia com vidro duplo (6|4|6)
7 Pré aro
8 Placa de revestimento aquapanel
9 Barreira para-vapor
10 Montante em madeira
11 Placa OSB
12 Revestimento interior em cal hidraulica
13 Placa de madeira em freixo
14 Caixa de ar
15 Placa de gesso cartonado
16 Pendentes
17 Manta acústica
18 Sarrafos
19 Soalho
20 Placa fermacell
21 Gravilha
22 Geotextil
23 Membrana impermeabilizante
24 Dreno
25 Camada de forma
26 Revestimento cerâmico
27 Fixação guarda metálica
28 Revestimento microcimento

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Planta pormenor construtivo tipologias

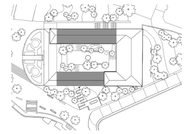
ORIENTAÇÃO N

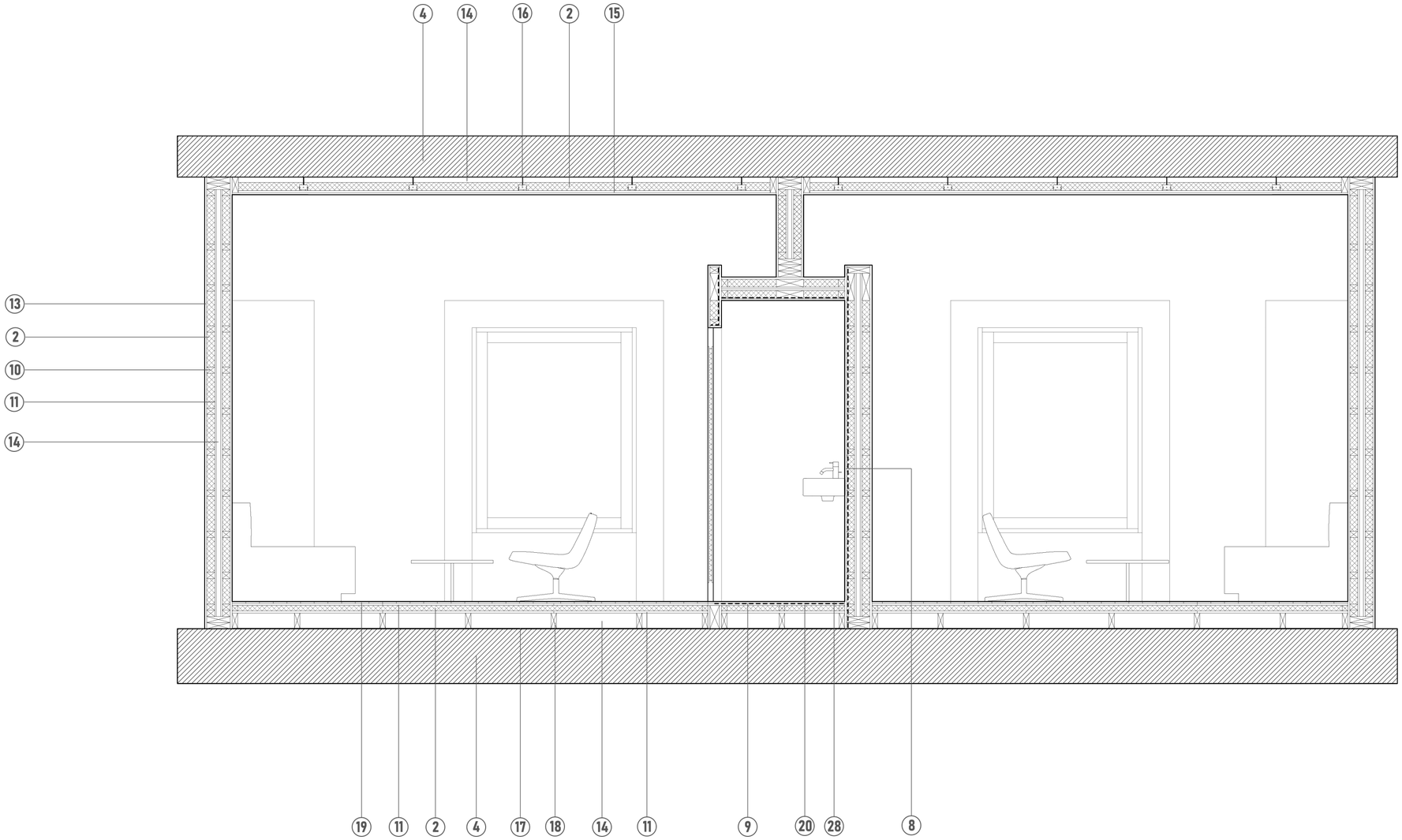
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 25

0 2 25

14





1 Revestimento sistema ETICS
2 Isolamento térmico + acústico
3 Argamassa de colagem
4 Suporte existente
5 Cantaria em granito
6 Caixilharia com vidro duplo (6|4|6)
7 Pré aro
8 Placa de revestimento aquapanel
9 Barreira para-vapor
10 Montante em madeira
11 Placa OSB
12 Revestimento interior em cal hidraulica
13 Placa de madeira em freixo
14 Caixa de ar
15 Placa dupla de gesso cartonado
16 Pendentes
17 Manta acústica
18 Sarrafos
19 Soalho
20 Placa fermacell
21 Gravilha
22 Geotextil
23 Membrana impermeabilizante
24 Dreno
25 Camada de forma
26 Revestimento cerâmico
27 Fixação guarda metálica
28 Revestimento microcimento

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

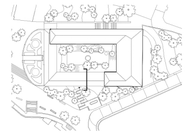
PEÇAS DESENHADAS
Corte pormenor construtivo tipologias

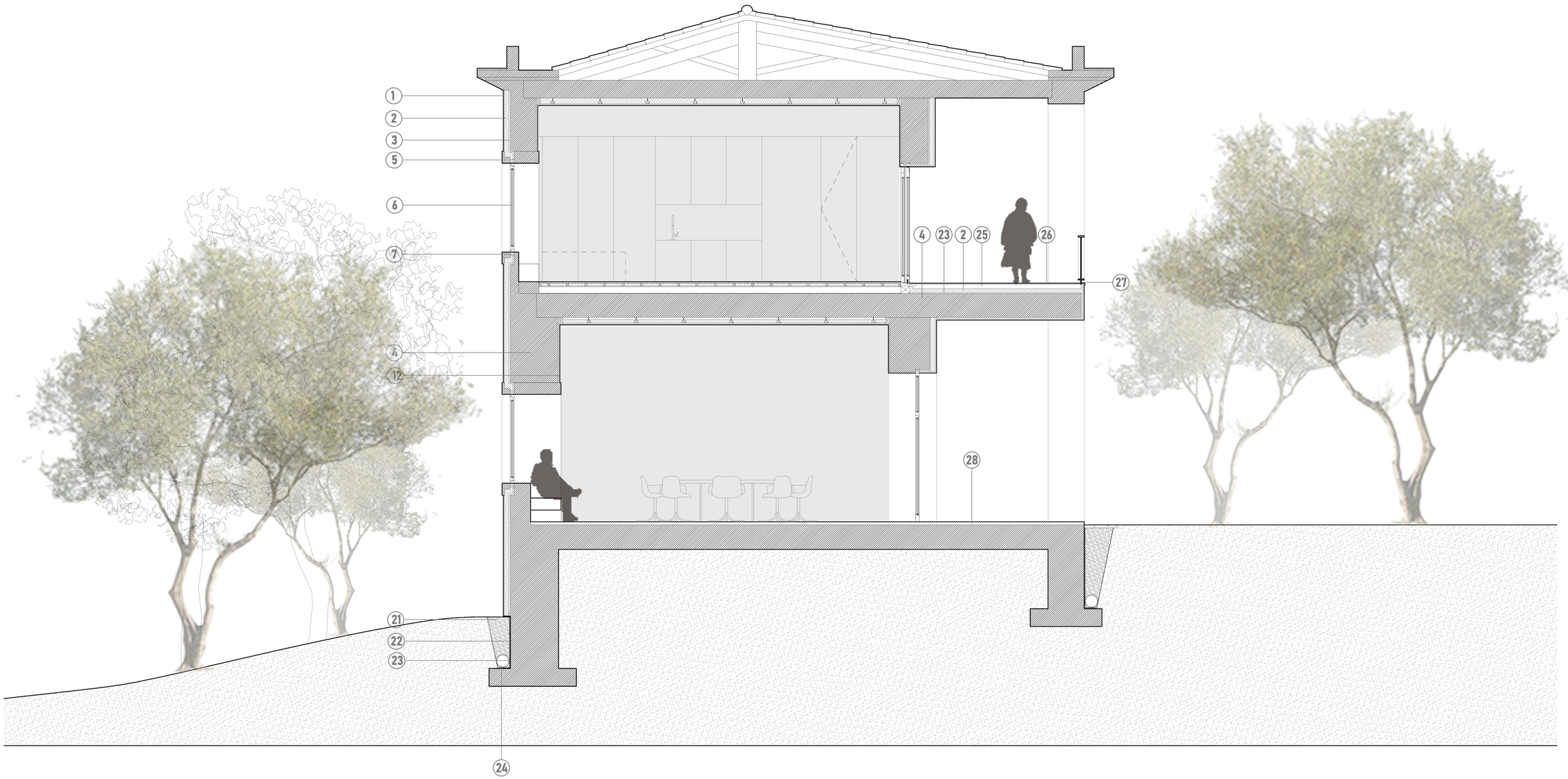
ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1|25

0 2 25





1 Revestimento sistema ETICS
2 Isolamento térmico + acústico
3 Argamassa de colagem
4 Suporte existente
5 Cantaria em granito
6 Caixilharia com vidro duplo (6|4|6)
7 Pré aro
8 Placa de revestimento aquapanel
9 Barreira para-vapor
10 Montante em madeira
11 Placa OSB
12 Revestimento interior em cal hidraulica
13 Placa de madeira em freixo
14 Caixa de ar
15 Placa de gesso cartonado
16 Pendentes
17 Manta acústica
18 Sarrafos
19 Soalho
20 Placa fermacell
21 Gravilha
22 Geotextil
23 Membrana impermeabilizante
24 Dreno
25 Camada de forma
26 Revestimento cerâmico
27 Fixação guarda metálica
28 Revestimento microcimento

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Corte de fachadapormenor construtivo

ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 50

0 2 50

A demolir
A construir

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Vermelhos e amarelos planta piso 0

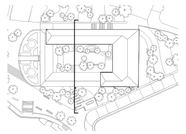
ORIENTAÇÃO N

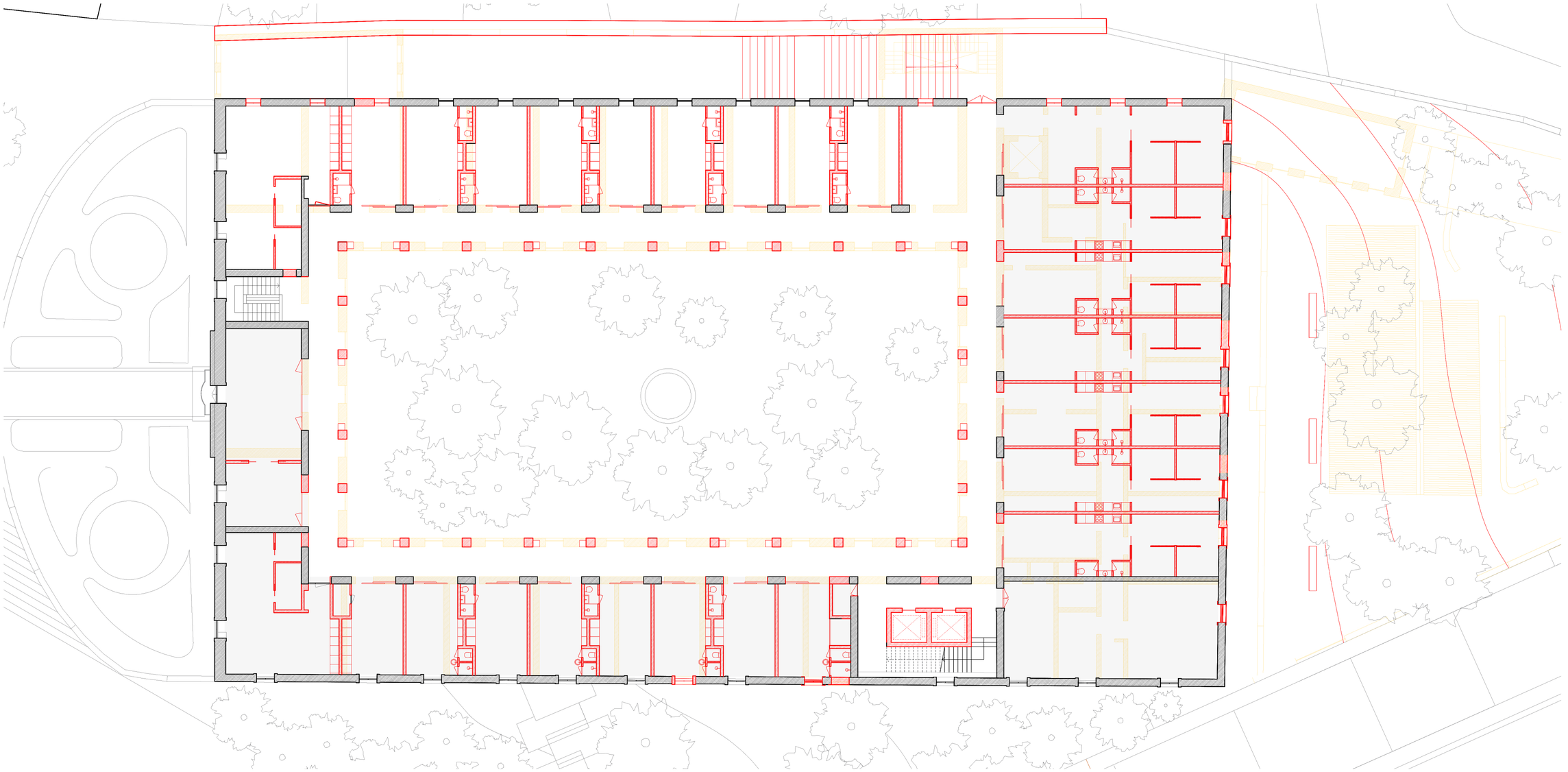
AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

17







A demolir
A construir

PROJETO
Reabilitação Asilo da Mendicidade, Porto

PEÇAS DESENHADAS
Vermelhos e amarelos planta piso 0
Vermelhos e amarelos Secção transversal

ORIENTAÇÃO N

AUTOR Tiago Oliveira | A101907

ESCALA 1 | 200

0 2 200

18